

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 532 | Ano XIX | 18/3/2019

# Veganismo

*Por uma outra relação com a vida no e do planeta*

**Ana Paula Perrota**

**Frank Alarcón**

**Alceu Castilho**

**Jéssika Oliveira**

**Tainá Alves**

## **Leia também**

■ **Orlando Calheiros**

■ **José Claudio Alves**

■ **Ivana Bentes**

■ **Reportagem: A vida pelo direito a um lar**

# Veganismo. Por uma outra relação com a vida no e do planeta

O ex-Beatle Paul McCartney cunhou uma frase que se tornou célebre ao afirmar que, se os matadouros tivessem vidros em vez de paredes, as pessoas não comeriam carne. Muitos adeptos do veganismo acolhem essa como uma afirmação para indicar a violência que envolve os abates. Entretanto, ser vegano é mais do que não comer carne em razão da forma como os animais são mortos, é uma recusa a todo o sofrimento a que os animais são sujeitados não somente para a produção de comida, mas para qualquer bem de consumo. É também não humanizar os bichos, respeitando-os como parte de um projeto comum.

A revista **IHU On-Line** debate o tema nesta edição com especialistas de diversas áreas do conhecimento.

A antropóloga **Ana Paula Perrota**, professora na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, observa que se recusar a consumir carne põe em xeque a própria ideia que se tem de humanidade, dada a relação que se estabelece com o alimento. Ela implica na busca de uma outra ética.

**Frank Alarcón**, biólogo, ativista e protetor dos Direitos dos Animais, ressalta a perspectiva política do veganismo. Segundo ele, esta opção “apresenta-se como um projeto de coerência entre discurso e prática, respeito com o meio ambiente e todos os seres sencientes no planeta”.

**Alceu Luís Castilho**, jornalista, que acompanha de perto as tensões geradas a partir da ideia de agronegócio, problematiza e defende que a preservação do planeta não deve se centrar apenas em questões de consumo. Para ele, é preciso combater as lógicas mercadológicas que expropriam os recursos naturais ao longo de toda a cadeia.

Neste ano, o tema também apareceu nas reflexões em torno da Quaresma, compreendido também como tempo de conversão. O próprio Papa Francisco foi convidado a adotar práticas veganas, conforme informa a seção ‘Notícias do Dia’, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU (as reportagens podem ser acessadas em <http://bit.ly/2UzPRLA> e <http://bit.ly/2O2U4Vs>).

**Jéssika Oliveira**, coordenadora da campanha *Million Dollar Vegan* no Brasil, organização que fez o desafio ao Papa, explica por que a campanha pelo veganismo foi intensificada nesse período. Ela própria, vegana, acredita que essa é uma forma de se conectar com a Terra.

O Movimento Católico Global pelo Clima - MCGC também aproveitou a Quaresma para chamar atenção sobre a relação entre o efeito estufa e a produção de carne. A jovem universitária **Tainá Alves**, que integra o grupo, é militante do veganismo e garante: essa é uma forma de conversão que nos coloca em conexão com os valores cristãos mais elementares.

O problema da falta de moradia também é pauta deste número. Uma reportagem faz um raio-X de quatro ocupações na cidade São Leopoldo - RS para, além de se confrontar com a realidade local, apreender esse que hoje ainda é um problema de primeira ordem no Brasil.

Por sua vez, **Orlando Calheiros**, antropólogo, e **Ivana Bentes**, professora associada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ, refletem sobre o evento Carnaval nos tempos complexos da contemporaneidade da sociedade brasileira. **José Cláudio Alves**, sociólogo, a partir da prisão de dois acusados do assassinato de Marielle Franco, disserta sobre a ascensão das milícias no Rio de Janeiro.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana.



Foto de capa:  
Campanha da ONG  
Animal Equality  
Brasil pelo direito dos  
animais



# Sumário

- 4 ■ Temas em destaque
- 6 ■ Agenda
- 8 ■ **Ricardo Machado** | A vida pelo direito a um lar
- 12 ■ **Tema de capa | Ana Paula Perrota:** Veganismo: por uma outra ética humana que valorize a história dos animais
- 19 ■ **Tema de capa | Frank Alarcón:** Ser vegano é lutar contra opressão dos vulneráveis
- 27 ■ **Tema de capa | Jéssika Oliveira:** Conhecer o alimento é fundamental para se conectar ao planeta
- 32 ■ **Tema de capa | Tainá Alves:** O veganismo como conversão e a conexão com outras formas de vida
- 36 ■ **Tema de capa | Alceu Luís Castilho:** Preservação do planeta deve ir além de uma dieta sem carne
- 40 ■ **Orlando Fernandes Calheiros Costa** | O apogeu da resistência alegre e da consciência política na passarela do samba
- 47 ■ **Ivana Bentes** | 'Capitalismo gore' e a carnavalização da política
- 52 ■ **José Cláudio Alves** | As milícias crescem velozmente por dentro do Estado
- 57 ■ **Publicações | Alain Gignac:** Mistério da economia (divina) e do ministério (angélico)
- 58 ■ **Publicações | Mário José Maestri Filho:** A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual
- 59 ■ Outras edições

**IHU** ON-LINE  
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) e no endereço [www.ihuonline.unisinos.br](http://www.ihuonline.unisinos.br).

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

**Diretor de Redação**

Inácio Neutzling  
(inacio@unisinos.br)

**Coordenador de Comunicação - IHU**

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS  
(ricardom@unisinos.br)

**Jornalistas**

João Vitor Santos – MTB 13.051/RS  
(joaovs@unisinos.br)

Patricia Fachin – MTB 13.062/RS  
(prfachin@unisinos.br)

**Revisão**

Carla Bigliardi

**Projeto Gráfico**

Ricardo Machado

**Editoração**

Gustavo Guedes Weber

**Atualização diária do sítio**

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Anielle Silva, Stefany de Jesus Rocha e Wagner Fernandes de Azevedo.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**Instituto Humanitas Unisinos - IHU**

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS  
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128  
e-mail: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

**Diretor:** Inácio Neutzling  
**Gerente Administrativo:** Nestor Pütz  
([nestor@unisinos.br](mailto:nestor@unisinos.br))

Entrevistas completas em [www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias)

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU na última semana.

## A crise do Haiti é reflexo da corrupção com endosso internacional



*“O sociólogo haitiano Laënnec Hurbon afirma que os haitianos estão ‘presos na ilusão de um estado ao qual atribuímos uma soberania que é uma quimera’. Segundo Hurbon, a corrupção e o endosso da comunidade internacional se refletem na atual crise do governo.”*

Laënnec Hurbon, sociólogo, pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa Científica de Paris - CNRS e professor da faculdade de Ciências Humanas da Université d'Etat d'Haiti. Disponível em <http://bit.ly/2HiT6nK>

## A perestroika brasileira é absolutamente descabida



*“Implantado o modelo ultraliberal, o Estado ficará completamente amarrado, incapaz de fazer o que quer que seja para minorar o quadro de anomia social, que já existe, mas que se agravará sobremaneira”*

Leda Paulani, livre-docente junto ao Departamento de Economia da FEA-USP e professora do Departamento de Economia e da Pós-graduação da FEA-USP. Disponível em <http://bit.ly/2FaaOrm>.

4

## Estímulo à exploração de terras indígenas visa ao franqueamento para o agronegócio



*“Por trás deste suposto estímulo à exploração de terras indígenas, há o franqueamento de uma quantidade imensa de terras públicas para a produção por valores irrisórios pelo agronegócio.”*

Marco Antônio Delfino de Almeida, procurador do Ministério Público Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em <http://bit.ly/2TJDiQF>.

## O projeto anticrime agiganta o poder persecutório e punitivo do Estado



*“É preciso sempre lembrar que são pobres a quase totalidade dos mortos e feridos por excessos policiais”*

Adriano Pilatti, graduado em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ e professor do Departamento de Direito da PUC-Rio. Disponível em <http://bit.ly/2HzmZQ6>.

## Dom Ivo Lorscheiter e a conversão pelos perseguidos e injustiçados nos Anos de Chumbo



*“O legado de dom Ivo ressoa tanto nos pedidos do papa Francisco por ‘pastores com cheiro das ovelhas’, quanto nos projetos que impulsionou na sua diocese”.*

Thiago Torres, graduado em Filosofia pela Faculdade Palotina de Santa Maria - FAPAS e licenciado e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Disponível em <http://bit.ly/2FcxohL>.

**Textos na íntegra em [www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias)**

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

**15/3 – A greve global dos adolescentes pelo clima**

*Os adolescentes puseram-se em marcha, vêm fazendo desde novembro manifestações crescentes e marcaram uma greve global para a próxima sexta-feira, dia 15 de março, em protesto contra a cumplicidade ou omissão dos adultos no que se refere à crise climática.*

Artigo é de Luiz Marques, publicado por Jornal da Unicamp, em 13-03-2019 disponível em [bit.ly/2Cj4YSq](http://bit.ly/2Cj4YSq).

**“A prisão dos supostos assassinos de Marielle é só um ‘cala a boca’ para a sociedade”**

*“Para José Cláudio Souza Alves, a prisão dos dois suspeitos é apenas um ‘cala a boca’ para a sociedade, já que a investigação ainda não respondeu à principal pergunta que ecoa há um ano em protestos nas ruas, em redes sociais e até no carnaval: Quem mandou matar Marielle?”*

Entrevista de Joana Oliveira, publicada por El País, 14-3-2019, disponível em [bit.ly/2ucFtxy](http://bit.ly/2ucFtxy).

**A Igreja Católica está do lado dos indígenas”. Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro**

*O ataque aos povos indígenas do Brasil representa um ataque ao ecossistema global e por isso não deve preocupar apenas os brasileiros, sustenta o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro*

Reportagem de Bruno Horta, publicada por Observador, 07-3-2019, disponível em [bit.ly/2Tx1yWZ](http://bit.ly/2Tx1yWZ).

**Na ONU, indígena critica política “integracionista, colonialista e racista” de Bolsonaro**

*Em discurso durante a 40ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), em Genebra, o indígena Avânilson Karajá criticou as políticas indigenistas adotadas pelo governo Bolsonaro. Ele denunciou o desmantelamento da Fundação Nacional do Índio (Funai), a mudança nas demarcações de terras indígenas e o “o discurso de ódio e a depreciação do governo pelos povos indígenas”.*

Reportagem de Tiago Miotto, publicada por Conselho Indigenista Missionário – CIMI, em 11-3-2018, disponível em [bit.ly/2O0FA8F](http://bit.ly/2O0FA8F).

**#FridaysForFuture, tudo que você precisa saber sobre a greve mundial pelo clima**

*Jovens, conscientes, zangados e determinados. Na linha de frente com banners escritos à mão para pedir aos poderosos do mundo que não lhes “roubem o futuro”. Em todo o mundo, estima-se que em cerca de 150 países, na sexta-feira 15 de março, milhares de estudantes farão greve da escola pelo clima.*

Reportagem de Giacomo Talignani, publicada por La Repubblica, em 12-3-2018, disponível em [bit.ly/2W1H5Gm](http://bit.ly/2W1H5Gm).

**Francisco, seis anos depois: que há de bom, de mau e de misericordioso**

*Para Francisco, a Igreja não é um clube de campo para os bons e os belos. Pelo contrário, é uma ‘Igreja pobre para os pobres’, um ‘hospital de campanha’ para os feridos. É por isso que ele enfatiza a compaixão e a misericórdia.*

Artigo de Thomas Reese, publicado por Religion News Service, em 13-3-2019, disponível em <http://bit.ly/2O7RKMV>.

Programação completa em [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)

Exibição e debate  
do filme *Uma noite  
de 12 anos*

20/mar

**Horário**  
17h

**Conferencista**  
Prof. Dr. Carlos Gadea –  
Unisinos

**Local**  
Salas TEDU 803 e 804  
Unisinos Campus  
Porto Alegre

Ciclo de Debates  
*Políticas Públicas no  
atual contexto brasileiro.  
Estado, Democracia e  
Políticas Públicas*

21/mar

**Horário**  
17h30

**Conferencista**  
Prof. Dr. Róber Iturriet  
Ávila – UFRGS

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e  
Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

O contexto mundial  
da Revolução 4.0 e as  
(não) escolhas  
do Brasil

25/mar

**Horário**  
19h30

**Conferencista**  
Profa. Dra. Maria Lídia  
Rebello Pinho Dias  
Scoton – USP

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e  
Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

6

Oficina de Dados  
e análises sobre a  
Região Metropolitana  
de Porto Alegre

26/mar

**Horário**  
9h

**Conferencista**  
Equipe do Observasinos

**Local**  
Sala de Informática  
Unisinos Campus  
Porto Alegre

Ciclo de Debates  
*Políticas Públicas no  
atual contexto brasileiro.  
Políticas públicas, gestão  
e participação*

26/mar

**Horário**  
19h30

**Participante**  
Prof. Dr. Rudá Ricci – Insti-  
tuto Cultiva – BH/MG

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e  
Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

Ética e economia.  
*Unindo Teoria dos  
Sentimentos Morais e  
Riqueza das Nações,  
de Adam Smith*

27/mar

**Horário**  
19h30

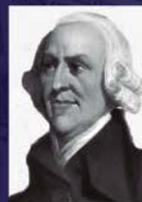
**Conferencista**  
Profa. Dra. Angela Ganem  
– UFRJ

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e  
Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

V CICLO DE ESTUDOS

REPENSANDO OS  
CLÁSSICOS DA ECONOMIA

[ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)



27 de março de 2019  
**A ética e a filosofia  
moral de Adam Smith  
face às leituras  
reducionistas de sua obra**

Profa. Dra. Angela Ganem – UFRJ



**A juvenilização da sociedade contemporânea e seus impactos nas representações geracionais**

28/mar

**Horário**  
17h30

**Conferencista**  
Profa. Dra. Renata Cristina de Oliveira Tomaz – UFF

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

**A formação e os saberes das juventudes. Gerações, tecnologias, youtubers e subjetividades**

28/mar

**Horário**  
19h30

**Conferencista**  
Profa. Dra. Renata Cristina de Oliveira Tomaz – UFF

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

**Ficção e imagens de Jesus no Cinema (Videoconferência)**

30/mar

**Horário**  
9h

**Conferencista**  
Prof. Dr. Luiz Antônio Vadi-  
co – Universidade Anhem-  
bi Morumbi – SP

**Local**  
Sala TEDU 807 e 808  
Unisinos Campus  
Porto Alegre

7

**A paixão de Jesus Cristo no cinema. Uma visão comparada de filmes**

30/mar

**Horário**  
10h30min

**Conferencista**  
MS Marcus Mello –  
Cinemateca Capitólio –  
Porto Alegre – RS

**Local**  
Sala TEDU 807 e 808  
Unisinos Campus  
Porto Alegre

**Seminário Políticas Públicas, sujeitos e (des)construção da democracia**

02/abr

**Horário**  
13h30

**Local**  
Salas TEDU 807, 808, 809  
e 810 | Unisinos Campus  
Porto Alegre

**As falas populares numa nova história da literatura brasileira**

03/abr

**Horário**  
19h30

**Conferencista**  
Prof. Dr. Luís Augusto  
Fischer – UFRGS

**Local**  
Sala TEDU 807 e 808  
Unisinos Campus  
Porto Alegre

**AS JUVENTUDES DO BRASIL**  
Mutações e (im)possibilidades

28 de março de 2019

**A formação e os saberes das juventudes. Gerações, tecnologias, youtubers e subjetividades**

Profa. Dra. Renata Cristina de Oliveira Tomaz – UFF





Santa Fé é o nome de uma das ruas da Ocupação Steigleder que foi dado pelos próprios moradores | Foto: Ricardo Machado/IHU

## 8 A vida pelo direito a um lar

Em São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre/RS, mais de dez mil famílias enfrentam a luta diária por habitação digna

Ricardo Machado

Diante da pergunta “sua casa é precária, regular, boa ou muito boa?”, o que você responderia? A maior parte das respostas das mais de dez mil famílias que vivem em áreas de ocupação em São Leopoldo é a última. A realidade, no entanto, mostra-se um pouco mais complexa. Isso porque pessoas que vivem em habitações de apenas uma peça, construídas com materiais velhos e sucatas classificam a própria casa como “muito boa”. Some-se a isso o acesso absolutamente precário à água potável e saneamento básico, bem como instalações elétricas de baixíssima segurança que, não raro, ocasionam acidentes fatais. No entanto, esses locais de habitação são mais do que casas, são lares onde os moradores alimentam sonhos e esperanças de que o poder público lhes conceda o direito constitucional à moradia digna. As casas, por mais simples que pareçam, transformam-se em lar e isso, entre outras razões, explica por que a maior parte dos moradores responde à questão do

início com o “muito boa”.

Durante mais de oito horas uma equipe multidisciplinar da missão *Em defesa da moradia digna nas ocupações de São Leopoldo-RS*, composta por profissionais das mais diversas áreas, do Direito à Educação, da Administração ao Serviço Social, visitaram quatro ocupações na quinta-feira, 14/3. Ao contrário do imaginário comum, em que tais moradores são vistos como invasores, o maior desejo das famílias é fazer a regularização fundiária e o pagamento de seus lotes, mas empecilhos jurídicos e a especulação imobiliária transformam a tarefa, que é antes de tudo um direito constitucional, em um verdadeiro suplício.

Esta missão assume um modelo metodológico internacional, em que a primeira parte integra a visita às comunidades e a segunda conta com visitas ao poder público em busca de um posicionamento em defesa dos direitos constitucionais estabe-

lecidos com relação aos casos relatados. A seguir apresentamos, de maneira muito breve, a situação das quatro ocupações visitadas em São Leopoldo. Os dados apresentados têm como fonte os movimentos de ocupação, que consolidam as informações para prestar contas ao poder público.

### Ocupação Steigleder

**Famílias:** 211

**Trabalho:** maior parte catadora de material reciclável

**Renda Média:** R\$ 300

**Área:** 4 hectares

**Urbanização:** nenhuma

**Água:** não existe serviço de água potável. Os moradores buscam água a um quilômetro

**Saneamento básico:** nenhum

**Iluminação:** não existe

**Rede elétrica:** não existe

**Moradias:** com condições precárias

**Risco ambiental:** Localização à beira de uma vala de drenagem, suscetível às inundações.

**Coleta de resíduos:** não existe

**Saúde:** precária (Sem endereço / Sem Estratégia de Saúde da Família). Unidade Móvel com presença mensal com 13 atendimentos pelo serviço médico/odontológico)

**Escolas:** distantes a quase 2 quilômetros

**Assistência Social:** não existe atendimento no local. As pessoas e famílias vão buscar o atendimento no CRAS Nordeste

**Processo judicial:** mediação pelo CEJUSc

Altair José Silva, 45 anos, trabalha como catador de material reciclável. Pai de quatro meninas, mora na ocupação há cinco anos e pesquisou na Internet alguma forma em que pudesse ajudar a própria comunidade a melhorar suas condições de vida e descobriu a Constituição, mas, como ele mesmo diz, não conseguiu ir muito adiante na compreensão porque estudou até a quarta série. “Em 2017 queimamos pneus na estrada para chamar atenção para nossa situação e no mesmo ano fizemos uma passeata pacífica na Rua Grande (Av. Independência, no centro de São Leopoldo), apesar das pessoas nos insultarem, para que todos pudessem conhecer nossa situação”, conta Altair.

Reunidos na ponta da rua “Santa Fé”, nome dado por um morador local, o secretário de Habitação de São Leopoldo, Nelson Spolaor, somou-se aos integrantes da Missão com os moradores locais e falou sobre a situação em relação à prefeitura. “A região estava incluída em um projeto *do Minha casa, minha vida*, mas como houve congelamento de gastos e a mudança das estruturas federais, os ministérios, o repasse de recursos para estas obras está em suspenso”, justificou o secretário. Na prática, o governo federal que suspendeu o nível 1 do programa *Minha Casa, Minha Vida*, tema que voltou ao debate durante audiência pública realizada na noite de sexta-feira.



Santa Fé é o nome de uma das ruas da Ocupação Steigleder que foi dado pelos próprios moradores| Foto: Gabriel Ost/AgexCom

Além da absoluta falta de urbanização na área, serviços básicos de educação e saúde devem ser procurados no bairro vizinho, mas a escola, por exemplo, fica a pelo menos dois quilômetros de distância e os atendimentos no posto de saúde se tornam um pouco mais difíceis pela ausência de comprovante de renda. Entretanto, a cada 15 dias uma unidade móvel de saúde vai ao bairro para o atendimento de 13 fichas para clínico geral, o que é absolutamente insuficiente para a realidade local.

### Ocupação Vitória

**Famílias:** 245

**Urbanização:** Parcialmente urbanizada

**Água:** sem acesso

**Saneamento básico:** nenhum

**Iluminação:** Pública parcial

**Rede elétrica:** inexistente

**IPTU:** Pagamento do IPTU pela comunidade em 2018

**Trabalho:** variados, maior parte dos moradores trabalham fora de casa

**Moradia:** precária

**Renda Média:** R\$ 900

**Serviços:** As famílias acessam a rede educacional, socioassistencial e de saúde local

**Área:** 3,5 hectares

**Processo judicial:** mediação pelo CEJUSc

A Ocupação Vitória fica em uma região com mais acesso à água e saneamento básico. Diferentemente da Ocupação Steigleder, as pessoas estão mais integradas à Vila Brás, bairro que circunda a ocupação. Esta certa “centralidade” favorece o acesso a serviços básicos de abastecimento de água potável e iluminação, ainda que de forma não oficial. Cissiane da Rosa, 31 anos, é uma das moradoras mais articuladas na organização da ocupação. Como a maior parte dos moradores está no trabalho durante o dia, Cissiane fica responsável por mobilizar as famílias e fazer a gestão da pequena sede da associação de moradores que acaba reunindo informações e documentações para prestar contas sobre como andam as questões junto ao poder público. “No último ano nos reunimos e, com muito esforço, pagamos o IPTU da área. Temos o comprovante do pagamento, foram mais de R\$ 12 mil. Aqui, ninguém quer nada de graça, queremos o direito à moradia digna, por isso queremos pagar um valor que seja justo”, assevera Cissiane.

A região, que compõe três ruas, abriga 245 famílias. A exemplo da Ocupação Steigleder, há projetos aprovados junto ao governo Federal, do *Minha casa, minha vida*, mas sem aporte de recursos e sem previsão.

### Ocupação Cerâmica Anita

**Famílias:** 68

**Urbanização:** nenhuma

**Água:** sem acesso

**Saneamento básico:** nenhum

**Iluminação:** pública parcial

**Rede elétrica:** inexistente

**Trabalho:** variados, parte dos moradores trabalham fora de casa e parte são catadores de material reciclável.

**Renda Média:** R\$ 900

**Serviços:** As famílias acessam a rede educacional, socioassistencial e de saúde.

**Moradia:** precárias

No outro lado da cidade fica a Ocupação Cerâmica Anita. Das quatro ocupações visi-

tadas esta é a única que teve um apoio mais concreto do poder público, mas ainda por ser realizado. Iniciada em 2014, a ocupação que foi feita em uma “área verde” do município, que corresponde a uma área pública, teve uma coesão maior dos moradores, o que acabou ajudando no processo de pressão ao poder público. “A única condição que estabelecemos às pessoas que queriam lotes na ocupação era que participassem das reuniões”, explica Cleusa Lange-mann, 33 anos, uma das líderes do movimento de ocupação.



Ocupação Cerâmica Anita deve ser regularizada pela prefeitura nos próximos meses | Foto: Gabriel Ost/AgexCom

Spolaor, que também visitou a ocupação, disse que já há aporte financeiro da prefeitura para a organização das ruas, dos lotes, do meio-fio e obras mínimas de infraestrutura, como de instalação da rede de esgoto e de água potável. “Cada um gastará o que pode para fazer sua casa. Ainda faremos um mutirão para reutilizar material de casas de madeiras cujos moradores construirão novas casas de alvenaria”, explica Cleusa. Após o início das obras por parte da prefeitura, que ainda não iniciaram, a previsão é quem em 90 dias tudo esteja concluído.

### Ocupação Justo

**Famílias:** 2.500

**Urbanização:** nenhuma

**Água:** sem acesso

**Saneamento básico:** nenhum

**Iluminação:** inexistente

**Rede elétrica:** inexistente

**Trabalho:** maior parte dos moradores trabalha fora de casa e parte são catadores de material reciclável

**Serviços:** moradores acessam o serviço, algumas situações pontuais os serviços vão até o território

**Moradia:** construções variadas, algumas muito precárias

**Renda Média:** variado

**Área:** 44 hectares

**Processo judicial:** mediação pelo CEJUSc



Existente há 20 anos, a Ocupação Justo reúne o número mais expressivo de famílias de todas as ocupações da cidade, mais de dez vezes maior que a média das outras ocupações, somando mais de 2.500 residências. Em um encontro que se realizou no início da noite, mais de uma centena de moradores foram à *Tenda do Encontro*, onde foram discutidos os rumos da ocupação. Fábio Simplício, 35 anos, morador da ocupação há cinco anos, abriu a noite de diálogos convocando os moradores a participarem dos debates e se cadastrarem para terem mais força política junto ao poder público. “Nós só temos um objetivo, defender nossa casa. Aqui não é do jeito que a gente sonha, mas podemos transformar esse lugar no jeito que a gente quer”, provoca Simplício. “Se 99% dos moradores se cadastrarem, a gente consegue pressionar o juiz”, complementou.

Jucimara Flores, 40 anos, também moradora da Justo há cinco anos, trabalha no brechó da Tenda do Encontro, cuja renda é revertida para as crianças do bairro, e faz o cadastro dos moradores. “Uma das nossas maiores dificuldades é convencer pessoas da comunidade que a nossa luta pela moradia ainda não está ganha. Precisamos cadastrar a maior parte dos moradores para convencer o judiciário que estamos dispostos a pagar por nossa moradia, que somos organizados e que estamos mobilizados”, revela. Embora a mobilização de todas as famílias da ocupação ainda seja um desafio, as que estão no movimento demonstram uma coesão bastante forte. A prova disso é que, em uma audiência de conciliação, o judiciário propôs uma indenização a 12 famílias que entraram com processo de usucapião da área, que a propósito está com impostos em atraso, mas se negaram a aceitar o acordo porque não era extensivo às outras mais de 2 mil famílias. A indenização, contudo, referia-se tão somente às edificações, não à área de terra, que é a principal luta do movimento.

Cristiano Muller, advogado do Centro de Direitos Econômicos e Sociais - CDES que participou de toda a missão, lembrou que o maior número de denúncias ao Conselho Estadual de Direitos Humanos foi de violações a direitos fundamentais em áreas de ocupação no Estado. “O Conselho serve

para ouvir as demandas das pessoas que vivem nas ocupações. Nós queremos mostrar para o judiciário, que no dia a dia não opera diretamente com estas questões, que há um outro direito possível, com uma série de resoluções que protegem as pessoas em situação de ocupação”, afirma Muller.

Seu xará, Cristiano Schumacher, da Diretoria Estadual do Movimento Nacional de Luta pela Moradia - MNLM, faz um trabalho intenso nas ocupações de todo o Rio Grande do Sul. Presente durante todas as visitas do dia, fez questão de falar ao microfone. “Todos aqui têm uma missão: conseguir o cadastro de mais duas famílias. Não precisa se associar à cooperativa se não quiser, mas precisa fazer o cadastro para que possamos ter força diante do judiciário. Essa é a nossa força”, pondera Schumacher, que desde a década de 1990 milita em favor de moradias dignas para as populações em situação de vulnerabilidade social.

Ao fim do encontro os moradores tomaram suas cadeiras e voltaram para suas casas. A luta, no entanto, renasce a cada nascer do sol. Se as noções de casa “muito boa” variam, as de lar tendem a ser menos plásticas. Dizem respeito ao lugar onde se encontra a possibilidade de ter paz, mesmo que a sombra do medo de ser despejado aterrorize, mesmo diante do receio de ter sobre as paredes da casa uma concha de escavadeira, que desce com força destrutiva do peso de uma assinatura em folha de papel. A luta pela moradia não é uma briga pela propriedade privada em seu sentido vulgar, capitalista, comercial. Não se resume ao verbo ter, trata-se de uma batalha por algo que também pode ser resumido em três letras, mas em um sentido existencial profundo, trata-se da luta por aquilo que chamamos, simplesmente, de “lar”.

### **Audiência pública**

A ‘Missão’ se realizou no dia 15 de março de 2019, depois de dois dias de visitas às ocupações e às autoridades públicas, com uma Audiência Pública realizada no Auditório Central da Unisinos. O auditório, que comporta 320 pessoas, estava totalmente lotado com a presença maciça de mulheres, homens, jovens e muitas crianças, das quatro ocupações visitadas no dia anterior. ■

# Veganismo: por uma outra ética humana que valorize a história dos animais

Ana Paula Perrota observa que não consumir carne significa abdicar da própria ideia que se tem de humanidade

João Vitor Santos

**A**ntropóloga Ana Paula Perrota problematiza o que consiste em optar pelo modo de vida vegano a partir da relação que se tem com o alimento. “O ato de se alimentar de carne produz e encontra sentido no modo como definimos a nós mesmos como humanos, e no modo como nos situamos no mundo”, observa, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para ela, “fazer da carne fonte de alimento, ou negar que o corpo do animal possa ser transformado em comida, mobiliza um universo de usos e significados integrados às relações pessoais que no limite alcançam a própria definição do humano”. Assim, pensar o animal não como comida, ou algo coisificado para o consumo, eleva humanos e animais ao mesmo patamar. “A interdição do consumo de carne fundamentada em outra percepção sobre os animais confronta também a percepção que temos sobre nós mesmos”, acrescenta.

Além disso, Ana Paula lembra que adotar o veganismo não significa apenas não comer carne, mas rejeitar toda e qualquer prática que possa causar algum tipo de sofrimento a outro. “Ser vegano não significa apenas uma forma de ativismo individual ao boicotar certos produtos e serviços, mas significa principalmente atuar politicamente em torno da ‘causa animal’”, analisa. Ou seja, realinha também a ideia de individual e coletivo. “O veganismo resulta

então na combinação das dimensões pública e privada do engajamento individual em favor dos animais. E reflete que a ‘causa animal’ é defendida não apenas enquanto uma virada moral, ao igualar o status de humanos e não humanos enquanto sujeitos de direitos”.

Logo, em alguma medida, ser vegano é assumir uma outra condição de humano não para humanizar os animais, e sim conceder a eles a possibilidade de vida digna. Ou, como a antropóloga formula, é lutar “para que a história animal também seja contada. Tanto a partir do seu reconhecimento como sujeitos, quanto através de uma luta política por justiça e direito”.

**Ana Paula Perrota** é docente do Departamento de Ciências Administrativas e Sociais do Instituto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRJ e professora também do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, na mesma instituição. Doutora e mestra em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, em 2015 finalizou a pesquisa intitulada *Humanidade estendida: a construção dos animais como sujeitos de direitos*. O objetivo foi compreender a elaboração de uma política multiespécie, que visa conferir aos animais a mesma consideração moral atribuída aos humanos.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Como compreende o veganismo e no que consiste a ideia de veganismo como um projeto ético? Ou o vega-**

**nismo deve ser entendido como projeto moral?**

**Ana Paula Perrota** – Em linhas gerais, o veganismo consiste num

projeto epistemológico, político e individual que tem como objetivo principal a reivindicação de que a vida de humanos e animais seja igualmente

## “O veganismo, tal como é construído e levado à frente pelos militantes da ‘causa animal’, consiste e pode ser compreendido como um projeto bem mais complexo”

protegida e considerada como inviolável. Ou seja, reivindica-se que assim como os humanos os animais também sejam sujeitos de direitos.

Tratando de forma prática, o que isso significa? Em termos individuais, que todos nós sejamos capazes de tomar a decisão de nos abster de quaisquer produtos, serviços e atividades que façam uso de animais: na alimentação, no entretenimento, no vestuário, em medicamentos, cosméticos, etc... Em termos políticos, o veganismo reivindica o surgimento de novas leis, principalmente proibitivas, ou um movimento na sociedade para que seja banido o uso de animais em circos, rodeios, vaquejadas, a existência de zoológicos, o uso de animais em rituais religiosos, a venda de animais domésticos, a experimentação científica com animais, bem como o seu uso como recurso didático, e lutam também para o aumento da pena para o crime de maus-tratos etc. E todas essas demandas trazem implicações em diferentes áreas da vida social.

Atualmente, o veganismo ganha espaço no debate público a partir de uma discussão sobre alimentação vegetariana e vegana. Mas o veganismo, tal como é construído e levado à frente pelos militantes da “causa animal”, consiste e pode ser compreendido como um projeto bem mais complexo. Levando em conta essa complexidade, a dimensão moral tem um papel central nessa discussão. Todas essas reivindicações citadas trazem uma discussão sobre o que seria o correto a ser feito e têm como elemento fundamental a

transformação do status animal de objeto para sujeito. Sem considerar a moral como uma instância predefinida que regula nossas relações, mas tratando-a como um conjunto de regras e sanções baseadas na ação de grupos sociais, vemos que o veganismo coloca em cheque a nossa moral hegemônica, que faz dos animais seres (a)morais.

### **Ampliação da fronteira moral**

Compreendendo em termos filosóficos que a moral está ligada às ideias de responsabilidade e justiça, vemos que o veganismo busca incluir também os animais nesse âmbito. E é justamente aí que reside o que seria o caráter complexo do movimento, pois na modernidade a moral convencionou-se a incluir nessa discussão sobre responsabilidade e justiça apenas os humanos. Portanto, mais do que mudanças práticas, as exigências veganas repousam sobre uma transformação da moral que se liga ao sujeito (humano) e exclui como alvo de sua preocupação o objeto (animal).

Assim, o veganismo não diz respeito apenas a uma mudança na moral, mas de uma ampliação de sua fronteira para incluir novos seres. Todo o desconforto trazido pelos defensores reside no fato de que entendem e reclamam uma transformação social baseada na perspectiva de que humanos e animais sejam igualmente sujeitos de uma vida.

Os fundamentos para as demandas dos veganos encontram argumentos na ideia de que os animais também

fazem parte da comunidade moral dos humanos e, por isso, sua existência tem valor em si mesma, e não deve servir para atender aos desejos humanos. Mas, ao mesmo tempo, esses argumentos só possuem sentido se a moral se transformar num domínio ligado também aos animais. Portanto, para incluir os animais nessa dimensão, os defensores alargam também a fronteira do que entendemos como humanitário e contam com as disposições básicas da moralidade para nos convencer a agir com responsabilidade sobre a vida dos animais, nos termos como defendem: que nos abstemos de todo qualquer uso desses seres.

### **Perturbação filosófica**

O veganismo é então complexo porque perturba a filosofia política e a ideia que temos sobre a moral, que, como discute Bruno Latour<sup>1</sup>, desde a modernidade exclui os animais, desestabilizando normas e valores básicos que constituem a cultura hegemônica da sociedade ocidental. E nesse sentido, o veganismo, enquanto um projeto epistemológico, político e individual, é também um projeto moral porque consiste na elaboração do que seria a “boa vida” dos animais e que se faz acompanhada de uma prescrição de práticas fundadas na “ética animalista” – como identificamos.

<sup>1</sup> **Bruno Latour** (1947): filósofo francês, é um dos fundadores dos chamados Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT). É reconhecido, entre outros trabalhos, por sua contribuição teórica - ao lado de outros autores como Michel Callon e John Law - no desenvolvimento da *ANT - Actor Network Theory* (Teoria ator-rede) que, ao analisar a atividade científica, considera tanto os atores humanos como os não humanos, estes últimos devido à sua vinculação ao princípio de simetria generalizada. (Nota da **IHU On-Line**)

## IHU On-Line – O que significa para os humanos o ato de alimentar-se?

**Ana Paula Perrota** – É possível dizer que desde que o antropólogo Claude Lévi-Strauss<sup>2</sup> disse que as espécies naturais não são apenas boas para comer, mas também são boas para pensar, tornou-se consensual que a relação entre a sociedade e a natureza, e mais especificamente, a nossa relação com a comida, não pode ser entendida apenas como uma relação utilitarista. Definimos a comestibilidade ou não comestibilidade dos alimentos, bem como o papel que ocupam em nossas práticas alimentares para além do que seriam nossas necessidades biológicas, ou interesses individuais, mas também através de uma razão cultural. Conforme nós humanos não somos apenas seres biológicos ou indivíduos atomizados que agem racionalmente, mas fundamentalmente sujeitos sociais, o ato de alimentar-se é orientado a partir do seu papel simbólico. Portanto, muitos autores discutem sobre como os alimentos não se ligam apenas às questões materiais de sobrevivência, mas também com elementos simbólicos e socialmente construídos.

A partir dessas considerações, é possível citar trabalhos que tratam da importância social da farinha de mandioca no Maranhão, do peixe para as comunidades ribeirinhas do Amazonas, ou mesmo da carne para os países ocidentais. O que esses trabalhos têm em comum é o esforço de evidenciar que o ato de alimentar-se, obviamente, possui importância nutricional, é influenciado por aspec-

tos econômicos e de gosto, mas está ligado também ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade cultural. Os alimentos possuem aspectos simbólicos ligados à força/fraqueza, refinado/singelo, progresso/decadência, e ao próprio significado acerca da humanidade/animalidade.

Desse modo, quando nos questionamos sobre o ato de comer, discute-se que não ingerimos alimentos simplesmente, mas nos alimentamos de uma maneira específica. No que diz respeito então à comida e à produção de alimentos, é preciso localizá-los na sociedade, uma vez que produzimos alimentos não para seres biológicos apenas, mas para sujeitos sociais específicos.

“Todo o desconforto trazido pelos defensores reside no fato de que entendem e reclamam uma transformação social baseada na perspectiva de que humanos e animais sejam igualmente sujeitos de uma vida”

**IHU On-Line – De que forma o consumo ou não de carne revela a noção que os sujeitos têm so-**

**bre o “humano” e o “animal”?**

**Ana Paula Perrota** – E é justamente pelo papel simbólico que os alimentos possuem que o ato de comer carne, ou de aderir a uma dieta vegetariana, não diz respeito a uma escolha simples, baseada numa decisão racional. Ao contrário, o ato de se alimentar de carne produz e encontra sentido no modo como definimos a nós mesmos como humanos, e no modo como nos situamos no mundo. Fazer da carne fonte de alimento, ou negar que o corpo do animal possa ser transformado em comida, mobiliza um universo de usos e significados integrados às relações pessoais que no limite alcançam a própria definição do humano. Portanto, a interdição do consumo de carne fundamentada em outra percepção sobre os animais, confronta também a percepção que temos sobre nós mesmos.

Conforme as escolhas alimentares possuem razões culturais, escolhemos o que comer pensando na identificação com o grupo a que pertencemos ou ao qual aspiraríamos pertencer. E, de acordo com o entendimento aqui proposto, comer carne está relacionado ao nosso entendimento mais fundamental enquanto ser humano. Como já afirmou o antropólogo Tim Ingold<sup>3</sup>, o cultivo da natureza aparece como corolário lógico do cultivo do homem, de si mesmo e de seu poder de razão. Sendo assim, rejeitar uma dieta carnívora significa deixar de cultivar a natureza, o que significaria então em abdicar da nossa própria ideia de humanidade, ou seja, do que nos torna humanos. Portanto, o ato de comer carne ou de retirar esse alimento de nossa dieta não diz respeito apenas a uma mudança prática. Mas trata-se de uma transformação dos valores que norteiam, de modo mais geral, a relação entre sociedade e nature-

<sup>2</sup> **Claude Lévi-Strauss** (1908-2009): antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na linguística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para a antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente às tradições humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *As estruturas elementares do parentesco* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia, realizou pesquisas em aldeias indígenas do Mato Grosso. As experiências foram sistematizadas no livro *Tristes Trópicos* (São Paulo: Companhia das Letras), publicado originalmente em 1955 e considerado uma das mais importantes obras do século 20. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Timothy Ingold** (1948): antropólogo britânico e presidente da Antropologia Social da Universidade de Aberdeen. Seus interesses são amplos e sua abordagem acadêmica é individualista. Eles incluem percepção ambiental, linguagem, tecnologia e prática qualificada, arte e arquitetura, criatividade, teorias da evolução na antropologia, relações homem-animal e abordagens ecológicas na antropologia. (Nota da **IHU On-Line**)

za na medida em que faz do ato de comer carne uma ação moralmente condenável porque atentaria contra a vida animal.

Conforme a alimentação carnívora se liga de maneira mais profunda do que o entendimento de nossa identidade cultural, ao entendimento que temos enquanto humanos, entendemos então que a explicação sobre a preeminência da carne em nossa dieta encontra significado além dos seus aspectos nutricionais e de gosto, mas em diferentes e complexos significados, que, dentre eles, dizem respeito ao predomínio humano sobre a natureza. A dieta carnívora faz parte de um modo de vida e de determinadas práticas que articulam todo um sistema cultural e econômico, baseados na ideia de separação entre humanos e animais, enquanto sujeitos e objetos, bem como no projeto científico-econômico de dominação da natureza.

### Um outro significado para a carne

A interdição exigida pelo veganismo do abate de animais para a produção de alimentos é baseada na atribuição de um novo significado à carne e à prática de se alimentar de bens de origem animal, que condena moralmente essa atividade por serem consideradas cruéis aos animais. O veganismo luta para que a história animal também seja contada. Tanto a partir do seu reconhecimento como sujeitos, quanto através de uma luta política por justiça e direito.

Nesse sentido, a importância dada à vida animal inaugura um novo modo de entendimento das vidas de humanos e não humanos, e, portanto, uma confusão a respeito de nós mesmos. Sendo assim, embora o veganismo traga transformações sobre os sistemas agroalimentares, os fundamentos da “moral vegana” bagunçam também o entendimento que possuímos sobre a relação entre humanos e animais e que repousa, na modernidade, sobre a separação radical entre natureza e cultura.

“O veganismo é então complexo porque perturba a filosofia política e a ideia que temos sobre a moral”

### IHU On-Line – Quais as questões de fundo em torno da produção e consumo de alimentos de origem animal?

**Ana Paula Perrota** – Do ponto de vista da “moral vegana” qualquer uso de animais para fins de satisfação humana é considerado uma forma de violência contra a vida animal. Contudo, uma análise sobre a crítica vegana a respeito da produção e do consumo de alimentos de origem animal, notadamente carne, leite e ovos, nos permite afirmar que é feita principalmente sobre o sistema industrial de produção animal. Esse sistema, inaugurado desde final do século XIX em países como França e Estados Unidos, e que se espalhou ao redor do mundo, determinou um novo modo de produção animal, organizado nos moldes da indústria fordista.

A criação e abate de animais em escala industrial é alvo então de denúncias em razão de suas práticas de criação, manejo, transporte e abate dos animais. Essas atividades técnicas que estruturam a rede de produção da carne são tidas pelos veganos como ações que “desanimalizam” os animais na medida em que estes seriam tratados apenas como números, contados aos milhares e considerados como máquinas a serem ajustadas para melhor atender aos interesses de rendimento econômico.

A descrição dos procedimentos técnicos realizados com os animais

nesses estabelecimentos, e que são chamados de “campos de concentração”, é realizada a partir da transformação ontológica dos animais, elaborada pelos veganos e que os insere nos termos humanistas que versam sobre o valor da vida. Nesse sentido, a crítica vegana sobre a produção e o consumo de alimentos de origem animal ressignifica, por exemplo, o abate, fazendo dele não um procedimento técnico, mas uma ação moral condenável: o assassinato. E a carne, enquanto matéria-prima final, é compreendida como um pedaço do corpo de um animal morto e não uma fonte de alimento. Nesse sentido, a defesa da restrição da carne pressupõe a consideração de que as atividades que fazem uso de animais consistem em formas de violência e tortura e estes seriam fatos inquestionáveis e moralmente injustificáveis.

Ainda que não seja nos termos reivindicados pelos veganos, é também possível falar de uma mudança pública sobre a sensibilidade com as condições de vida e morte dos animais de produção, pois vemos a problemática do bem-estar animal transpor as pesquisas científicas e serem incorporadas por instâncias governamentais fiscalizadoras e por agentes do mercado. E, considerando o caso brasileiro, isso se dá justamente por exigências de países compradores e também dos consumidores para que as práticas de bem-estar animal sejam realizadas em toda a rede de produção da carne.

No entanto, a “lente vegana”, que por exemplo faz do abate de animais uma forma de assassinato, não é compartilhada por todos e ao mesmo tempo diz respeito a um sistema de produção e consumo que faz parte do cotidiano de milhões de pessoas, sem que estes pensem de algum modo que estão cometendo um crime ao se alimentar de bens de origem animal ou trabalhar na rede de produção da carne.

### Moral vegana questionada

Desse modo, embora possamos discutir sobre o aumento de adeptos e de produtos veganos nos últimos

anos, não podemos perder de vista que há concomitantemente o aumento da produção e do consumo de carne. É possível então afirmar que o projeto de uma dieta vegetariana, bem como o compartilhamento da “moral vegana”, não faz parte da preocupação de uma parte preponderante da população brasileira, e também de outros países do mundo.

A questão que quero chamar atenção é que a tradução vegana sobre as práticas relacionadas à produção de alimentos de origem animal não é compartilhada pela maioria, assim como é contestada por razões culturais e econômicas. Como pude discutir através de uma pesquisa relacionada com pessoas que possuem uma dieta onívora, justifica-se a continuidade da produção e do consumo desse bem alimentício seja em razão de argumentos naturalistas e biológicos, que afirmam de um ou de outro modo que animais existem para atender aos interesses dos seres humanos, seja em razão da não disposição em aderir a uma dieta vegetariana porque não querem abrir mão dos “prazeres da carne”. Ou ainda, por não se considerarem fortes o suficiente para empreender essa mudança em seus hábitos alimentares.

**IHU On-Line – Do ponto de vista social e ético, o que distingue o veganismo do vegetarianismo?**

**Ana Paula Perrota** – A distinção fundamental entre vegetarianismo e veganismo é que este último não é só uma dieta, mas consiste num conjunto de valores e regras que consideram todos os usos animais como práticas condenáveis. E além disso, embora o vegetarianismo possa ser motivado por uma preocupação moral com os animais, este não seria o único motivo para esta decisão, e nem um critério necessário. O vegetarianismo pode ser uma escolha motivada por questões de saúde, pela preocupação com o meio ambiente, ou por razões relacionadas ao gosto.

Contrariamente, o veganismo diz respeito a práticas e valores fundamentados na ideia de que humanos

e animais são igualmente sujeitos de uma vida. Nesse caso, o veganismo inaugura um novo mal-estar em se alimentar de carne na medida em que tornaria o consumo desse bem alimentício irreconciliável com a moral. E nesse sentido, o vegetarianismo ético, pautado no reconhecimento do valor da vida animal, seria impositivo.

Há ainda outras diferenças, pois o veganismo não faz prescrições apenas sobre a carne, mas de todos os bens alimentícios de origem animal, como leite, ovos e mel. E trata também de outros pontos como produtos testados em animais, atividades de serviço e entretenimento que envolvem animais etc. Além disso, como os próprios militantes da causa animal enunciam, outro aspecto que distingue o veganismo do vegetarianismo reside no engajamento político. Nesse caso, ser vegano não significa apenas uma forma de ativismo individual ao boicotar certos produtos e serviços, mas significa principalmente atuar politicamente em torno da “causa animal”.

### **Dimensões pública e privada**

O veganismo resulta então na combinação das dimensões pública e privada do engajamento individual em favor dos animais. E reflete que a “causa animal” é defendida não apenas enquanto uma virada moral, ao igualar o status de humanos e não humanos enquanto sujeitos de direitos. Mas é defendida também como uma virada pessoal, pois somente com o rompimento do consumo e serviços que fazem uso de animais que estes estariam livres de todas as formas de exploração. Portanto, se o vegetarianismo versa sobre práticas alimentares, o veganismo coloca em questão a situação moral dos animais, e, por conseguinte, a nossa própria situação.

**IHU On-Line – Como compreender a “causa animal”? Em que medida pode ser considerada um projeto intelectual e quais os limites dessa visão de “causa animal”?**

**Ana Paula Perrota** – Durante a pesquisa feita para a realização do Doutorado com os chamados defensores dos animais<sup>4</sup>, compreendi que uma parte importante dessa forma de atuação política consiste no esforço que identifiquei como “militantismo acadêmico”. Os atores engajados nessa forma de militância fazem da “causa animal” um projeto intelectual na medida em que visam corrigir

“Produzimos alimentos não para seres biológicos apenas, mas para sujeitos sociais específicos”

a moralidade ocidental, por considerá-la equívoca ou injusta na medida em que teria sido responsável por rebaixar os animais à condição de seres (a)morais. Os “militantes acadêmicos” (juristas, filósofos, biólogos, médicos veterinários, historiadores) realizam então um esforço de pesquisa a fim de demonstrar em termos científicos e filosóficos tais equívocos e injustiças e comprovar que os animais, assim como os humanos, são equivalentes do ponto de vista moral.

Desse modo, se desde Aristóteles<sup>5</sup> a questão filosófica central foi responder como seres humanos são diferentes dos animais, os militantes em torno da “causa animal” buscam responder inversamente a essa problemática, pois investigam como

4 A íntegra do texto da tese de Ana Paula está disponível em <http://bit.ly/2Y0WjNZ>. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)



os animais são semelhantes aos humanos. Os defensores dos animais buscam então aproximá-los, identificando características nos animais que se constituíram enquanto exclusivas e distintivas dos seres humanos. As respostas nesse sentido são dadas, demonstrando principalmente através de pesquisas neurológicas e sobre comportamento animal, que assim como os humanos, os animais possuem as mesmas capacidades intelectuais que fazem de ambos indivíduos que possuem o interesse de viver e de não sofrer.

Os esforços acadêmicos como esses são entendidos como um modo de levar informações às pessoas para que tomem consciência da verdadeira realidade dos animais e passem então a adotar a “moral vegana”. A “causa animal”, nesses termos, pode ser entendida através da motivação de descortinar a realidade dos animais, para que então o veganismo seja adotado por todos. Ou seja, acredita-se que com a comprovação científica e a divulgação dessas informações, haveria uma mudança natural ou racional, por exemplo, em direção à adoção de uma dieta vegetariana restrita, pois somente assim estaríamos de acordo com a moral, ou com o que seria o certo a ser feito. Esse aspecto da causa animal pode ser descrito através de uma frase proferida por Paul McCartney<sup>6</sup> e que se tornou mundialmente emblemática entre pessoas pertencentes a esse movimento: “caso os matadouros tivessem paredes de vidro ninguém comeria carne”.

### **Causa animal: um projeto complexo**

Contudo, o que pretendo discutir é que a “causa animal” é um projeto muito mais complexo do que os próprios defensores consideram ao tratá-la como um esforço de desvelamento da realidade. O que está em jogo nesse projeto, como pude com-

preender, é um questionamento das respostas dadas à pergunta: O que é o humano? E o que é o animal? E que encontra explicações bem sedimentadas, há pelos menos uns três séculos, através da constituição moral, filosófica, científica e política que pensa natureza e cultura e animais e humanos como pares dicotômicos e que fazem parte de domínios ontológicos antagônicos. O projeto intelectual dos defensores, mais do que desvendar a realidade, busca a elaboração e a concretização de uma nova constituição da sociedade fundada em uma realidade ontológica dos animais em que estes fazem parte da mesma comunidade moral que os humanos.

A reivindicação do veganismo, entendido como um conjunto de prescrições morais, relativiza as categorias humano e animal, o que por si só já é um projeto intelectual inquietante, pois tais categorias são pensadas cientificamente como anteriores à cultura, e que possuem seu significado no âmbito natural. Mas trata-se de um projeto inquietante também porque busca um novo entendimento sobre os animais e, por conseguinte, sobre o nosso lugar no mundo, repercutindo em diferentes áreas da vida social.

### **Empreendedores morais**

A dimensão moral, presente no projeto intelectual dos defensores, busca transformar a relação entre humanos e animais que se estabeleceu não apenas em razões de barreiras físicas ou pela falta de conhecimento. Mas a partir de princípios científicos, filosóficos e teológicos que conformou o que entendemos como o paradigma civilizacional moderno. Nesse sentido, mais do que trazer informações, os defensores atuam como empreendedores morais, nos termos discutidos por Howard Becker<sup>7</sup>. De

acordo com o autor, o empreendedor moral é um reformador moral, pois entende seus valores como absolutos e a partir deles reivindicam transformações na sociedade. Enquanto empreendedores morais, os defensores buscam aplicar regras e sanções baseadas na “moral vegana”, fazendo então do que é amplamente aceito e tido como natural, um desvio e um grave problema moral.

Enquanto empreendedores morais, as ações e a crítica vegana sobre atores e práticas que fazem uso de animais se constituem de forma normativa e absoluta. O que significa dizer que não há qualquer abertura crítica, compreensiva ou relativa a essas ações. O veganismo consiste numa tomada de decisão teórica e prática que visa garantir a libertação irrestrita e indistinta a todas as espécies e indivíduos animais de qualquer forma de exploração. Conforme a perspectiva dos defensores, apenas é possível falar efetivamente de uma preocupação ética com os animais quando se fala em abolir todas as práticas que fazem uso de animais.

### **Carne**

Tratando especificamente sobre a produção e o consumo de carne, as perspectivas em torno das práticas de bem-estar animal na rede de produção dos alimentos de origem animal e que têm como objetivo minimizar e evitar o sofrimento desnecessário seriam limitadas, restritas e, portanto, insuficientes para uma atitude verdadeiramente moral. O veganismo, portanto, não poderia ser um comportamento casual. Ou seja, não se pode fazer uso desses bens eventualmente, ou a partir de certos critérios, mas deve haver um comprometimento integral com o rompimento do uso de bens e serviços que façam uso de animais. Nesse caso, não existiria carne possível na “moral vegana”, o que torna o diálogo entre veganos e agentes implicados como consumidores e/ou produtores de carne foco constante de tensão.

<sup>6</sup> Paul McCartney (1942): cantor, compositor, multi-instrumentista, empresário, produtor musical, cinematográfico e ativista dos direitos dos animais britânico. McCartney alcançou fama mundial como membro da banda de rock britânica The Beatles, com John Lennon, George Harrison e Ringo Starr. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>7</sup> Howard Saul Becker (1928): sociólogo americano que fez importantes contribuições para a sociologia do desvio, sociologia da arte e sociologia da música. Becker também escreveu extensivamente sobre estilos e metodologias de escrita sociológica. O livro de Becker, *Outsiders*, de 1963, forneceu as bases para a teoria da rotulagem. Becker é frequentemente chamado de interacionista simbólico ou construcionista social, embora ele não se alinhe com nenhum dos dois métodos. Formado pela Universidade de Chicago, Becker é considerado parte da segunda Escola de

Sociologia de Chicago, que também inclui Erving Goffman e Anselm Strauss. (Nota da **IHU On-Line**)

Entretanto, na medida em que o projeto vegano é entendido por eles próprios mais em termos de conscientização da população, ao invés de ser compreendido como um projeto intelectual e político profundo que desestabiliza algumas das bases morais e filosóficas da sociedade moderna, os defensores produzem em muitos casos julgamentos superficiais e desconsideram os aspectos sociais em jogo em cada uma das atividades que denunciam, seja a produção de bens de origem animal, o uso de animais em experimentos científicos, ou atividades de entretenimento, como rodeios.

### Limites da moral vegana

Uma limitação importante da “moral vegana” é que este pensamento tem uma visão que universaliza a categoria animal, mas perder de vista que o que chamamos de animais diz respeito a espécies de seres muito diferentes e que, portanto, participam de formas múltiplas na relação estabelecida entre os humanos. Os inúmeros significados atribuídos às condições animais não divergem apenas com relação aos diferentes grupos sociais, mas em razão das diferentes espécies também. E a reivindicação de interdição do uso de espécies ani-

mais, a partir de um discurso único, perde de vista o modo como cada uma dessas relações se constitui e que são bem heterogêneas.

### IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

**Ana Paula Perrota** – É possível observar, nos últimos três ou quatro anos, a apropriação vegana em espaços públicos, inaugurando uma nova situação social em que a palavra veganismo se torna conhecida pelas pessoas de uma maneira mais ampla. Esse novo momento chama a atenção na medida em que a apropriação vegana tem sido feita principalmente pelo mercado, com o lançamento de “produtos e serviços vegans”, mas que chegam destituídos da crítica sobre a “causa animal”.

Diante desse fato, observamos, por exemplo, tanto a consideração de que o veganismo seria uma nova dieta, quanto a consideração de que essa prática seria um modo de vida distintivo das elites, ou mais uma moda passageira. Como exemplo disso, gostaria de citar o produto lançado por uma empresa mundial de eletrodomésticos que faz leite à base de vegetais. Embora este produto carregue no nome a palavra ve-

gan, nenhuma menção é feita sobre a questão animal em suas embalagens ou material de propaganda. Todo o apelo do produto está centrado em questões ligadas à saúde humana e à sustentabilidade ambiental.

Nesse sentido, é interessante observar como os adeptos da causa animal respondem a essa nova situação social. Em muitos casos, os veganos se ressentem dessa nova onda, problematizando se produtos sem origem animal de empresas que testam em animais, ou que possuem em sua linha outros produtos que possuem ingredientes animais seriam de fato veganos. Problematizam ainda que as pessoas estariam mais interessadas em consumir alimentos em feiras veganas do que em se engajar politicamente em manifestações contra determinadas práticas que fazem uso de animais.

De todo modo, o veganismo apresenta, a partir de seus valores e práticas reivindicados, desafios teóricos e de pesquisa tendo em vista o impacto que produz em diferentes áreas da vida social. Esse novo momento em que o veganismo, ou a causa animal, é incorporado de forma mais ampla no debate público traz ainda outras agendas a serem investigadas.■





# Ser vegano é lutar contra opressão dos vulneráveis

Frank Alarcón compreende que o “veganismo apresenta-se como um projeto de coerência entre discurso e prática, respeito com o meio ambiente e todos os seres sencientes no planeta”

João Vitor Santos

Poucas pessoas compreendem que o veganismo tem na rejeição ao consumo de carne apenas uma de suas perspectivas. Segundo o ativista Frank Alarcón, veganismo pode ser encarado como uma forma de vida, que carrega consigo uma ética própria. “Uma forma de entender Ética é vê-la como uma reflexão filosófica sobre o fundamento da ação, isto é, pensar sobre se resulta ser certa ou errada, boa ou má, uma determinada conduta antes de colocá-la em prática”, reflete. E, completa, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, “nesse sentido, o veganismo apresenta-se como um projeto de coerência entre discurso e prática, respeito com o meio ambiente e todos os seres sencientes no planeta – independente de sua espécie”.

É por isso que não comer carne é apenas um ato entre tantos para a defesa das espécies. “Ser vegano significa lutar diariamente contra opressões sobre vulneráveis no seu sentido mais amplo. O veganismo tem como pauta a construção de um cenário de justiça social robusto”, observa. É por isso que, no que diz respeito à defesa das outras espécies, está também um repúdio à produção e consumo de qualquer produto que possa ter gerado algum tipo de sofrimento a qualquer ser vivo. “Desta forma, uma das ideias que subjaz o veganismo é o repúdio à violência e à desconsideração moral de entes igualmente complexos em sua senciência”, acrescenta.

O que Alarcón deixa claro é que essa é uma luta por direito à vida, não tem

nada a ver com amar mais animais do que humanos. É dar a todos o direito de existir. “Caso tivéssemos a oportunidade de conviver com outras espécies homínidas que em certa época habitaram a superfície do planeta junto a nós, teríamos que lidar com o dilema moral de considerá-los passíveis de exploração da forma como abusamos de outros animais. Praticaríamos experimentação científica lesiva em ‘homens das cavernas’ por entender que estes não pertencem ao nosso círculo de consideração moral?”, provoca. Assim, é por essa perspectiva que traz a reflexão sobre o Direito dos Animais como necessária a toda a humanidade. “Se animais da espécie *Homo sapiens* têm garantidas, por parte da sociedade global, proteções fundamentais à sua dignidade, autonomia, integridade física e psíquica, não haveria razão concreta ou fundamento lógico efetivo para excluir outros organismos sencientes de tratamento semelhante”, sintetiza.

**Frank Alarcón** é graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, mestre em Físico-Química pela Universidade de São Paulo - USP e doutor em Bioética e Ética Aplicada pela Universidade Federal Fluminense - UFF. É biólogo do Instituto Luisa Mell e coordenador no Brasil da Cruelty Free International. É também porta-voz do Partido ANIMAIS, o Primeiro Partido Animalista da América Latina. É vegano, militante dos direitos animais há mais de três décadas.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Como se pode mensurar o impacto ambiental que a produção industrial de**

**alimentos gera? E que tipo de impacto gera, em específico, a produção de alimento de ori-**

**gem animal?**

**Frank Alarcón** – Medidas de impacto são indicativos empíricos

de associações causais, isto é, são indicadores que buscam correlacionar sob quais condições ou na presença de quais elementos torna-se possível identificar um nexo entre causas e consequências. Um exemplo disso é a já cientificamente consolidada relação existente entre a exagerada emissão ao meio ambiente de gases que absorvem parte da radiação infravermelha (dióxido de carbono e metano) e o aumento da temperatura do planeta Terra. Resulta daí o termo popularmente conhecido como “efeito estufa”: o planeta transformando-se em uma estufa hiperaquecida; causa e consequência expressos em seu sentido mais evidente.

Ao falarmos de produção industrial de alimentos para um mundo que registra nestes primeiros 19 anos do século XXI um contingente superior a 7,6 bilhões de exemplares humanos, somos obrigados a repensar nossos antigos modos de vida, nosso processamento de bens e oferta de serviços, assim como o consumo destes. Para que tenhamos uma ideia de impacto, estima-se que há 219 anos éramos 1 bilhão de humanos no planeta. Isto é, em pouco mais de 200 anos multiplicamos expressivamente esse índice e mudamos sobremaneira nossos hábitos cotidianos e nossa distribuição demográfica em todos os continentes. Segundo projeção de 2017 do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, estimam-se 8,6 bilhões de humanos habitando o planeta em 2030, 9,8 bilhões em 2050 e 11,2 bilhões no ano de 2100.

Em paralelo, em 2018 as Nações Unidas publicaram um relatório sobre a situação da fome no planeta em que há sinalização do aumento anual desta mazela: 821 milhões de pessoas no globo ou 1 pessoa em cada 9 passam fome diariamente. O relatório afirma que a cada vez maior variabilidade climática, seus efeitos sobre os padrões de chuva, correntes marítimas e estações de plantio, manifestação atípica de extremos climáticos assim como secas, inundações e suas consequen-

ências sociais e econômicas globais, colocam sob imenso risco logístico o objetivo para 2030 do “Projeto Fome Zero e Desenvolvimento Sustentável” da ONU.

### Poluição e produção de comida

Dado que a Agricultura e a Pecuária são hoje vistas como atividades altamente poluentes e problemáticas na forma como são praticadas, nunca antes a alimentação de indivíduos e coletivos foi um ato político tão importante como agora. É preciso deixar claro que o problema não se restringe apenas à quantidade e à distribuição racional e justa de alimentos necessários para atender bilhões de pessoas no planeta. O problema diz respeito principalmente à ideia de que o tradicional consumo de animais (e suas partes ou derivados) são necessidades metabólicas e caprichos sensoriais que devem ser perpetuados.

A tecnologia usada na produção de alimentos mostra claramente que o consumo de água e espaço para a produção de animais é muito maior que aquele necessário para a produção de vegetais. A título de exemplo: enquanto a produção de 1 quilo de carne demanda o consumo de 5 a 20 mil litros de água, a produção de 1 quilo de trigo exige 500 a 4 mil litros de água. Um país como a China por exemplo – com seus mais de 1 bilhão de habitantes e intenso êxodo rural –, tem demonstrado o desejo de copiar práticas gastronômicas ocidentais como aquelas praticadas nos EUA. Nos últimos 35 anos, o consumo de carne na China teve crescimento de 7 vezes (e mesmo assim não chega à metade praticada por norte-americanos). Se, na década de 1980, havia o consumo de 13,6 quilos de carne por ano por um habitante desse país, o índice agora passou a ser de 63,5 quilos/ano. Nesse meio tempo, a população chinesa aumentou em número, da mesma forma que a atividade pecuária no mundo e suas consequências práticas (desmatamento, poluição ambiental, desperdício e contaminação de água,

uso indiscriminado de antibióticos e hormônios etc.) ganharam dimensão global.

Não por acaso, o Brasil centrou sua balança comercial na produção e exportação de animais (vivos ou mortos; suas partes ou derivados) para todo o mundo – EUA, China, Rússia e outras potências demográficas incluídas. Resulta claro como esta estratégia comercial e produtiva tem tudo para complicar o cenário ambiental e sociopolítico do país e do mundo.

“Enquanto a produção de 1 quilo de carne demanda o consumo de 5 a 20 mil litros de água, a produção de 1 quilo de trigo exige 500 a 4 mil litros de água”

**IHU On-Line – No que consiste o chamado “direito dos animais” e como a indústria de produção de alimentos infringe esses direitos?**

**Frank Alarcón** – Entende-se como Direitos Animais o conjunto de premissas, fundamentos e práticas filosóficas, legais e políticas que garantam a todos os organismos vivos dotados de sensibilidade, consciência<sup>1</sup>, complexidade cognitiva e

1 Senciência é a capacidade dos seres de sentir sensações e sentimentos de forma consciente. É, em alguma medida, a capacidade de ter percepções conscientes do que lhe acontece e do que o rodeia. (Nota da IHU On-Line)

psíquica (essencialmente todos os organismos pertencentes ao reino biológico Animalia), o usufruto de um status de consideração moral equivalente àquele franqueado aos animais da espécie *Homo sapiens*. Se animais da espécie *Homo sapiens* têm garantidas, por parte da sociedade global, proteções fundamentais à sua dignidade, autonomia, integridade física e psíquica, não haveria razão concreta ou fundamento lógico efetivo para excluir outros organismos sencientes de tratamento semelhante.

Eliminadas inclinações religiosas e mitológicas que povoam alguns discursos e crenças, vivemos hoje uma realidade em que um aglomerado humano de algumas dezenas de células tem proteções fundamentais reconhecidas, ao passo que um animal não humano biologicamente constituído e complexo como um chimpanzé, um boi, um porco, um papagaio, um tubarão ou um rato são ignorados integralmente enquanto entes merecedores de direitos. Todos esses animais (e tantos outros milhões de espécies) são tratados historicamente pelo *Homo sapiens* como simples coisas, objetos, instrumentos descartáveis e não passíveis de respeito ou consideração moral. Este comportamento se sustenta na ideia de que apenas animais humanos são dotados de atributos especiais tais como racionalidade, autonomia, imaginação, sentidos de dever, pudor ou justiça, apreciação estética, cultura, linguagem, entre outros, atributos estes não convenientemente identificados em animais não humanos – algo que a Ciência gradativamente já se aventura a reconsiderar.

De forma oposta, poderíamos destacar em animais não humanos capacidades ímpares exclusivas de suas espécies como ecolocalização, rapidez de cálculo, audição extrema, visão noturna, agilidade ímpar, memória fotográfica, elaboração instantânea de rotas migratórias, percepção de eventos visuais/sonoros imperceptíveis aos nossos mais sofisticados equipamentos etc., algo que é deliberadamente ignorado por

nós como indicativo de complexidade e singularidade mental existente em outras espécies. Ao mesmo tempo, muitos são os exemplares humanos que não manifestam quaisquer dos atributos humanos ou não humanos acima descritos e que, oportunamente, continuam sendo protegidos (ao menos filosoficamente) em toda sua completude e deficiência.

### Especismo

Tudo isso pelo simples fato de pertencerem à espécie *Homo sapiens*. Este, fica claro, é um sinal de chauvinismo clássico conhecido academicamente como Especismo. Existem hoje boas razões para considerar que as certezas humanas sobre a limitação cognitiva, emocional, psíquica, mental de animais não humanos estejam apoiadas em suposições datadas, superficiais e convenientes. Ao usar, por exemplo, o termo “não humano” como descritivo para as demais espécies, nossa espécie *Homo sapiens* busca determinar aquilo que deve ser considerado norma, esperado, perfeito, acabado no tocante ao desenvolvimento biológico – algo muito equivocado diante do que se sabe sobre processos evolutivos na natureza e o trabalho seminal de Charles Darwin<sup>2</sup>.

### Direitos dos animais

Direitos animais, portanto, são reivindicações de tratamento semelhante naquilo que é considerado fundamental à experiência de um ente senciente: autonomia, liberdade e dignidade. Claramente, a ideia de Direitos Animais não reclama a concessão de direito de voto ou direito a um cavalo ou a um porco,

mas, sim, a garantia de que este e seu grupo social poderá usufruir de uma experiência vital digna e respeitosa. A massiva produção de alimentos pela espécie humana, dado seu caráter de tremendo impacto sobre os indivíduos e coletivos animais, assim como sobre os ecossistemas em que eles estão (ou deveriam estar) inseridos, torna-se, portanto, assunto urgente e meritório de profunda discussão.

“Direitos animais são reivindicações de tratamento semelhante naquilo que é considerado fundamental à experiência de um ente senciente”

**IHU On-Line – Além da produção de comida, que outros setores passam por cima do Direito dos Animais em prol do desenvolvimento de seus produtos?**

**Frank Alarcón** – Absolutamente todos os setores econômicos em que a presença humana – e sua pegada ambiental e social – sejam constatados. A realidade do planeta, hoje, com 7,6 bilhões de humanos, todos demandantes por espaço, recursos, oportunidades, produtos, serviços, experiências físicas ou afetivas, que diariamente produzem e descartam detritos orgânicos e inorgânicos (na estratosfera, no céu, no ar, no mar, na terra, no subsolo), direta ou indiretamente, em todo o mundo, ameçam violentamente o direito à vida de todos os seres vivos do globo. É

<sup>2</sup> **Charles Darwin** (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de Charles Darwin, no evento Abrindo o Livro, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Sobre o assunto, confira as edições 300 da **IHU On-Line**, de 13-7-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/UsZlrR>, e 306, de 31-8-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/1tABfrH>. De 9 a 12-9-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da **IHU On-Line**)

preciso aceitar o fato de que o planeta Terra, uma rocha esferoidal com idade estimada de 4,5 bilhões de anos, teve a primeira eclosão de organismos vivos sobre sua superfície há cerca de 3,5 bilhões de anos. Nesse transcurso, a espécie *Homo sapiens* floresceu sobre as savanas africanas há apenas cerca de 300 mil anos. Considere, portanto, uma ampla janela de bilhões de anos com exemplares biológicos complexos e fantásticos muito mais antigos que nossa espécie. Ignorando momentaneamente por uma questão didática todas as espécies hominídeas ancestrais à nossa, numa escala temporal, somos um animal que recém se estabeleceu sobre o planeta. Uma espécie de mosquito que hoje buscamos eliminar para nossa conveniência é uma centena de milhões de anos mais antiga que o animal *Homo sapiens* da forma como o conhecemos.

Tanto o mosquito, como toda a sua rede de relações ecológicas com outras espécies e ecossistemas do globo, é delicada e essencialmente incompreendida. Desta forma, nossas escolhas produtivas afetam diretamente esse delicado equilíbrio o qual é, essencialmente, um campo desconhecido. Tal perspectiva é fundamental na estimativa de impactos e consequências sobre terceiros.

Ainda sobre números e impactos: o registro mais antigo de um agrupamento civilizacional significativo humano data de algo como 10 mil anos atrás. O desenvolvimento tecnológico da nossa espécie a partir da Revolução Industrial (1760), agregada à sua expansão e explosão demográfica sobre o globo no último século, tem impactado diretamente a sobrevivência de todas as demais espécies do planeta – assim como a sobrevivência dela própria. Para fins de comparação, estima-se que existam hoje algo como 10 milhões de espécies biológicas no planeta Terra. Dessas, nós, humanos, catalogamos pouco mais de 2 milhões. Reunidos esses índices, percebemos que compartilhamos uma mesma rocha flutuante cercada por imensos vazios por todos os lados, rocha esta dotada de um delicado e complexo

equilíbrio biológico do qual mal conhecemos os outros habitantes deste condomínio planetário.

Pior. Possivelmente estejamos contribuindo para o declínio da sobrevivência de muitas dessas espécies conhecidas ou desconhecidas – a nossa inclusa. Resulta disso – dessa presença humana – a apresentação por parte da comunidade científica do termo Antropoceno (antropo = humano) como um novo período de significância geológica e histórica. Mesmo assim, expostos todos esses aspectos, enquanto espécie, continuamos nos colocando como o suprassumo da manifestação biológica usufruindo de tudo à nossa volta como se não houvesse amanhã. Nosso modo de vida, os produtos e serviços que colocamos em circulação, seus processos de criação e consumo, ignoram a finitude de recursos, espaços e energias colocados à nossa disposição. Talvez ainda pior: ignoram que outros trilhões de organismos e seus grupos sociais são afetados diretamente pelas nossas práticas. Não há equívoco em afirmar que todos os tipos de indústrias, comércios ou serviços que nos cercam, afetam os direitos de todos os seres vivos, e desta forma também, os direitos animais.

### **IHU On-Line – O que a legislação brasileira determina acerca da proteção e Direito aos animais? E como isso se efetiva na prática?**

**Frank Alarcón** – Apesar da Constituição Brasileira reconhecer, em seu artigo 255, o meio ambiente como um bem de uso comum do povo e, portanto, de direito a todos, sobre o qual se impõe ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações, é frágil a manifestação concreta dessa obrigação moral e política. O Brasil infelizmente tem figurado no noticiário mundial recente como um país de enormes deficiências no combate à vilanização de seu meio ambiente – seja no âmbito de sua preservação, proteção ou mesmo punição

(quando necessário) dos que dele se aproveitam. Recentes crimes ambientais associados à construção da Hidrelétrica de Belo Monte<sup>3</sup>, os rompimentos criminosos de barragens de rejeitos minerais de Mariana<sup>4</sup> e Brumadinho<sup>5</sup>, a destruição de porções expressivas da Floresta Amazônica, Cerrado e Pantanal em benefício da pecuária, o registro do país como líder mundial em assassinatos de ativistas ambientais, a exportação de animais vivos para abate a países do Oriente Médio. Isso apenas para citar alguns poucos escândalos nesse universo, mas que dão a tônica do quão distante está o discurso ecológico presente na constituição cidadã de 1988 da prática do dia a dia.

Perceba-se que há plena previsão legal de respeito à fauna e flora que integram o meio ambiente mediante o inciso VII do artigo supracitado, a saber, “(...) VII - proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade”. Mais uma vez, contudo, a crueldade e desrespeito a preceitos mínimos de dignidade animal é explícita – fenômeno este que atravessa todos os segmentos

<sup>3</sup> **Belo Monte**: projeto de construção de usina hidrelétrica previsto para ser implementado em um trecho de 100 quilômetros no Rio Xingu, no estado do Pará. Planejada para ter potência instalada de 11.233 MW, é um empreendimento energético polêmico não apenas pelos impactos socioambientais causados pela construção. Outra controvérsia sobre essa usina envolve o valor do investimento do projeto e, consequentemente, o seu custo de geração. Saiba mais na edição 39 dos **Cadernos IHU em formação**, *Usinas hidrelétricas no Brasil: matrizes de crises socioambientais*, em <http://bit.ly/ihuem39>; e nas entrevistas publicadas no sítio do IHU: *Belo Monte: a barreira jurídica*, com Felício Pontes Júnior, dia 26-4-2012, disponível em <http://bit.ly/ihu260412>; *Belo Monte. “O capital fala alto, é o maior Deus do mundo”*, com Ignez Wenzel, dia 28-1-2012, disponível em <http://bit.ly/ihu280112>; *Belo Monte e as muitas questões em debate*, com Ubiratan Cazetta, dia 23-1-2012, disponível em <http://bit.ly/ihu230112>; *“Belo Monte é o símbolo do fim das instituições ambientais no Brasil”*, com Biviany Rojas Garzon, dia 13-12-2011, disponível em <http://bit.ly/ihu131211>; *Não é hora de jogar a toalha e pendurar as chuteiras na luta contra Belo Monte*, com Dom Erwin Krautler, dia 3-8-2011, disponível em <http://bit.ly/ihu030811>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> O Instituto Humanitas Unisinos – IHU, na seção Notícias do Dia, em seu sítio, reproduziu análises e reflexões sobre o incidente de Mariana. Entre elas *Tragédia de Mariana: entenda os impactos ambientais causados pelo desastre – Infográfico*, disponível em <http://bit.ly/2O33uR2>; e *Negligência e corrupção explicam o desastre de Mariana. Entrevista especial com Apolo Heringer Lisboa*, disponível em <http://bit.ly/2FaeyJ5>. Acesse mais em [ihu.unisinos.br/](http://ihu.unisinos.br/). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> O Instituto Humanitas Unisinos – IHU, na seção Notícias do Dia, em seu sítio, também reproduziu análises e reflexões sobre o incidente em Brumadinho. Entre elas *Brumadinho e a urgência da responsabilidade*, disponível em <http://bit.ly/2O67ct1>; e *Brumadinho: a avalanche de impunidade que consolida o crime e mata inocentes. Entrevista especial com Dário Bossi*, disponível em <http://bit.ly/2UBVvMn>. Acesse mais em [ihu.unisinos.br/](http://ihu.unisinos.br/). (Nota da **IHU On-Line**)

da sociedade. São diários, expressivos e amplamente documentados os crimes cometidos contra animais tidos como “de produção”, “de laboratório”, “de entretenimento”, “de tração” ou mesmo aqueles considerados “domésticos”.

Segundo o IBGE, no Brasil, considerados apenas bois e vacas, são mortos 88 mil animais por dia para satisfazer uma demanda mercadológica desnecessária e nociva. Considerem-se ainda porcos, frangos, galinhas, patos, perus, coelhos, ovelhas, cordeiros, avestruzes, javalis, animais marítimos variados, nativos ou exóticos etc., e teremos um cenário de genocídio de proporções jamais vistas na história da humanidade. Cães e gatos, tidos como animais mais próximos do convívio humano, e teoricamente mais queridos, não estão excluídos desse cenário de abuso e crueldade. São diários os registros audiovisuais na rede mundial de computadores de pessoas cometendo violências no Brasil contra esses (e outros) vulneráveis não humanos, sem sofrerem quaisquer consequências reais do delito.

### **Previsões legais e penas abrandadas**

A Lei de Crimes Ambientais (Lei 9.605/1998) em seu artigo 320 prevê como pena criminal a detenção de três meses a um ano a prática de “(...) ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”. Incorreria nas mesmas penas ainda, segundo o artigo, aquele que “(...) realiza experiência dolorosa ou cruel em animal vivo, ainda que para fins didáticos ou científicos, quando existirem recursos alternativos”. Finalmente, a pena seria aumentada “(...) de um sexto a um terço, se ocorre morte do animal”. Apesar da previsão legal, a realidade penal é de pessoas cometendo diariamente atrocidades diversas em todo o país com todo tipo de animal não humano e sendo perdoadas em seu delito mediante pagamento de cesta básica e atividades de cunho social.

“Não há equívoco em afirmar que todos os tipos de indústrias, comércios ou serviços que nos cercam, afetam os direitos de todos os seres vivos”

**IHU On-Line – De que forma a relação do ser humano com a comida impacta a forma como se produzem alimentos? Quais os desafios para transformar essa relação e, logo, a forma de produção?**

**Frank Alarcón** – Apesar de convenientemente ignorado, comer é sempre um ato político na medida em que cada escolha alimentar feita tem inserida em si mesma um substrato de informações e consequências como pano de fundo. Alimentos têm histórias. Tomemos como exemplo a seguinte situação: um comensal, ao ingressar em um restaurante e ser informado de detalhes envolvidos na produção do alimento que pretende ingerir (por exemplo, o abuso laboral e escravidão de crianças), dificilmente concordaria em consumir a iguaria gastronômica por mais apetitosa que esta parecesse. Seu aparato ético, ciente do repúdio ao abuso cometido contra crianças na produção desse alimento, trabalhará para impedir o comensal de participar ou patrocinar essa atividade.

O agora já desistente consumidor, portanto, ao não participar desse

processo, sinaliza ao produtor do alimento que sendo tal prática reprovável, esta deve ser imediatamente encerrada. A conhecida e popular “lei da oferta e da procura” nos induz a concluir que não havendo mais clientes para aquele tipo de alimento, produzido naquelas condições de abuso infantil, levará o consumidor a um cenário onde esse processo cruel passe a inexistir. Essa mudança na cadeia produtiva será tanto mais efetiva se o antes potencial consumidor sinalizar ao seu círculo social que tal restaurante (ou tal produtor) deve ser criticado e reprimido.

Temos, portanto, com este exemplo, que a decisão do consumidor em abrir a sua carteira e escolher onde gastar suas economias – seja sobre um dado alimento ou um processo de produção alimentar –, é o combustível fundamental da matriz econômica e seus resultados sociopolíticos. No campo da defesa de Direitos aos Animais não humanos e ao meio ambiente, cabe da mesma forma ao consumidor não patrocinar ou financiar a perpetuação de práticas que sejam abusivas e/ou desnecessárias contra vulneráveis. Cita-se como exemplo o consumo do Foie Gras (fígado gordo), iguaria francesa que consiste na hipertrofia lipídica de fígados de patos e gansos mediante alimentação forçada desses animais. Sujeitos a uma violência sem igual, os animais têm seus fígados deformados e adoecidos propositalmente para que, após uma vida miserável de cativeiro e exploração, os mesmos sejam mortos e tenham seus órgãos vendidos como um delicioso aperitivo culinário.

### **Violência constante na produção**

Na prática, tomados em detalhe todos os processos de produção animal (seja para produção de carnes, leites, ovos ou subprodutos diversos), veremos que não há uma simples espécie animal que não esteja sendo sujeita a violências das mais diversas – seja nos próprios processos de reprodução animal visando seu abate, seja nos cativeiros a que estes são sub-

metidos para extração de produtos de interesse comercial. Assim, todo consumidor deve ter consciência de que alimentos, sejam eles quais forem, da forma como são produzidos atualmente, buscam atingir um status de excelência no tocante à otimização de produtividade, diminuição de custos, maximização de lucros.

Sendo estes objetivos comuns à lógica dos empreendimentos econômicos, sempre que houver animais não humanos envolvidos nas cadeias de produção de bens ou serviços, provavelmente haverá ocultação dos métodos de produção daquilo que pretende ser comercializado. Essa falta de transparência não surge à toa. Granjas, frigoríficos, fazendas de pescados, por exemplo, ou quaisquer outros empreendimentos que produzam animais para venda de suas partes ou derivados, buscam incrementos produtivos e redução dos custos envolvidos. Para tal, o modo como animais são tratados, mantidos em cativeiro ou finalmente mortos é mantido oculto do grande público.

Esse pacto termina por ser perpetuado com a convivência daquele que paga pela perpetuação do abuso contra um vulnerável. O consumidor, ao não querer ter ciência da história por trás da produção do alimento que visa consumir, termina por dar o salvo-conduto necessário àquele que abusa do vulnerável no fim da cadeia produtiva. Tornados transparentes todos os processos produtivos e suas consequências sociais, econômicas, ambientais, clínicas e culturais, provavelmente teríamos um cenário de consumo alimentar muito diferente do que é praticado hoje em todo o mundo. Como diz o ditado, “A Consciência dói”.

**IHU On-Line – Em uma entrevista anterior concedida à IHU On-Line<sup>6</sup>, o senhor disse que “animais não são coisas. São entes dotados de complexa visão de mundo, interesses**

**próprios, subjetividade e individualidade profundas”. Gos-taria que o senhor retomasse e desenvolvesse esse raciocínio, analisando essa perspectiva com a visão de mundo e a subjetividade da sociedade humana da atualidade e a sua relação com as demais formas de vida do planeta.**

**Frank Alarcón** – Em outubro de 1974, o filósofo norte-americano Thomas Nagel<sup>7</sup> publicou um ensaio intitulado “Como é ser um morcego?” (What it is like to be a bat?). Nesse artigo, o filósofo critica correntes de pensamento reducionista que resumem a ideia de que o todo resume-se à mera soma de suas partes. No texto, o filósofo utiliza o exemplo da Consciência como um tipo de processo emergente que eclode no seio de um sistema complexo – algo bem observado em fenômenos biológicos –, e para tal, ilustra seu argumento invocando o que seria o processo mental existente na mente de um morcego. Este mamífero, com visão deficitária e limitada em sua essência, é capaz de voar, perceber objetos, capturar insetos e mover-se no espaço sem colidir com seu entorno graças à emissão de agudos assobios e à aguçada capacidade auditiva de percebê-los e processá-los tridimensionalmente (ecolocalização).

Como deve ser a experiência consciente de um morcego, o qual “enxerga” e processa o mundo graças ao seu aparato sensorial auditivo? Nagel afirma que jamais conseguiremos compreender a perspectiva de mundo de um morcego – por mais avançada que se torne nossa tecnologia –, deixando claro que o aparato mental de um mamífero como este é imperscrutável ao nosso desejo. Cada indivíduo, portanto, afirma Nagel, só é capaz de saber o que é ser ele mesmo (Subjetivismo). Para aqueles que defendem a complexidade psíquica animal não humana, esse raciocínio aplica-se à complexi-

dade mental de todos os demais organismos vivos sencientes, colocando a intenção humana de diminuir sua experiência de mundo como algo arrogante e desprovido de elementos fáticos.

Ainda que um escritor expresse da forma mais detalhada possível seu estado mental, jamais poderemos ser em essência aquela pessoa ou experimentar efetivamente a sua vida e visão de mundo em toda sua complexidade. Isso vale para outros organismos. Assumir que um cão, um boi, uma tartaruga, um chimpanzé, uma águia, uma cobra etc. não tenham a capacidade de fazer elaborações mentais e afetivas sobre o meio ambiente e os indivíduos à sua volta, de uma forma ímpar, é assumir algo que simplesmente não sabemos.

### Declaração de Cambridge

Para todos os efeitos, em julho de 2012, renomados neurocientistas reuniram-se e promulgaram o que ficou conhecida como “Declaração de Cambridge”, a qual diz que “[A] ausência de um neocórtex não parece impedir que um organismo experimentalmente estados afetivos. Evidências convergentes indicam que animais não humanos têm os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos de estados de consciência juntamente com a capacidade de exibir comportamentos intencionais. Consequentemente, o peso das evidências indica que os humanos não são os únicos a possuir os substratos neurológicos que geram a consciência. Animais não humanos, incluindo todos os mamíferos e as aves, e muitas outras criaturas, incluindo polvos, também possuem esses substratos neurológicos”.

O peso das evidências é o ponto-chave deste argumento já que cientistas não baseiam suas afirmações em meras opiniões, desejos ou atos de fé – mas, sim, em fatos. Negar a outros organismos sencientes a posse de uma subjetividade é assumir uma posição que nem Charles Darwin ousou defender, qual seja, “[O] homem, em sua arrogância, pensa de si mesmo como uma grande obra,

<sup>6</sup> A entrevista está disponível em <http://bit.ly/2F0v5y9>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>7</sup> Thomas Nagel (1937): filósofo estadunidense, atualmente é professor de Filosofia e Direito na New York University. É conhecido por seus estudos da filosofia da mente e pela crítica a visão reducionista e neodarwinista da consciência. (Nota da IHU On-Line)

merecedora da intervenção de uma divindade”. A espécie *Homo sapiens* não é a medida de todas as coisas.

## “A pauta de Direitos Animais não deveria causar estranheza a ninguém nem tampouco ser difícil de acolhimento por todos nós”

**IHU On-Line – Quais os desafios para se promover uma conscientização acerca da importância de ações cotidianas para proteção dos Direitos dos Animais e preservação do planeta de um modo geral? De que forma o veganismo pode ser apresentado como uma possibilidade para essa mudança de hábitos?**

**Frank Alarcón** – A pauta de Direitos Animais não deveria causar estranheza a ninguém nem tampouco ser difícil de acolhimento por todos nós. Como já colocado, nós da espécie *Homo sapiens*, também somos animais. Uma espécie dentre milhões de várias outras. A ideia de que a posse de um atributo qualquer nos dá direito de explorar, abusar e matar outros organismos sem que haja uma necessidade de sobrevivência primordial, não se sustenta nem prática, nem filosoficamente se nos colocamos no lugar daqueles que exploramos.

Um experimento mental muito utilizado para esclarecer essa perspectiva é a de imaginar uma espécie alienígena escravizando nossa es-

pécie assim como o fazemos com os bois, porcos, frangos que enviamos diariamente para degola. Se fôssemos nós os organismos vulneráveis, acharíamos correto esse tipo de tratamento? É correto abusar e matar um organismo senciente porque acreditamos que ele não possui um atributo (linguagem por exemplo), o qual consideramos especial? O que dizer daqueles da nossa própria espécie que também não são capazes de manifestar esses atributos? Poderiam ser esses humanos explorados como animais não humanos? Cotidianamente, é possível escolher ativamente não participar dessa cadeia de abusos e assassinatos.

Uma dessas formas é adotar o vegetarianismo e o veganismo como condutas. Enquanto o vegetarianismo é um termo associado exclusivamente à adoção de uma dieta alimentar que não envolva o consumo de animais, suas partes e derivados, o veganismo é um posicionamento que busca excluir, na medida do possível e do praticável, todas as formas de exploração e de crueldade contra animais, seja na alimentação, vestuário, entretenimento ou qualquer outra finalidade. Todo vegano é vegetariano. Nem todo vegetariano, contudo, é necessariamente vegano. Se a sociedade civil como um todo inclui em seu discurso o respeito, a justiça, a não violência, a compaixão como sentidos que devem ser praticados e buscados ao longo da vida, resulta incoerente que diariamente patrocínemos a tortura, o abuso e a morte de tantos seres sencientes inocentes.

**IHU On-Line – O veganismo produz um projeto de ética? Por que se diz que a prática vegana vai além da exclusão de proteína animal da dieta?**

**Frank Alarcón** – Uma forma de entender Ética é vê-la como uma reflexão filosófica sobre o fundamento da ação, isto é, pensar sobre se resulta ser certa ou errada, boa ou má, uma determinada conduta antes de colocá-la em prática. Nesse sentido, o veganismo apresenta-se como um projeto de coerência

entre discurso e prática, respeito com o meio ambiente e todos os seres sencientes no planeta – independente de sua espécie.

Resulta incoerente discursar por paz e pagar terceiros para matar inocentes. Desta forma, uma das ideias que subjaz o veganismo é o repúdio à violência e à desconsideração moral de entes igualmente complexos em sua senciência. O veganismo, deve sempre ficar claro, não se resume ao não consumo de proteína animal – termo convenientemente utilizado pela indústria como verniz para ocultar o comércio de cadáveres resultantes de assassinato ou exploração. Ser vegano significa lutar diariamente contra opressões sobre vulneráveis no seu sentido mais amplo. O veganismo tem como pauta a construção de um cenário de justiça social robusto.

**IHU On-Line – Na atualidade, o que implica ser vegano? Como avalia o veganismo enquanto movimento, tanto no Brasil como no mundo?**

**Frank Alarcón** – O termo veganismo foi formalmente apresentado ao mundo em 1944, ao passo que o termo vegetarianismo surgiu em 1839. Desde então, há um esforço para que o termo e a ideia do veganismo não sejam corrompidos pelo uso popular, tal como aconteceu com o termo vegetarianismo. Hoje, lamentavelmente, muitas pessoas que ainda consomem ovos, leites, peixes, mel e outros derivados ou partes animais, autodenominam-se vegetarianos – claramente, um erro, haja vista nenhum desses constituintes terem origem em vegetais. Desta forma, foi necessária a adoção do termo “vegetarianismo estrito” como diferenciador daqueles que realmente não consomem nada de origem animal em sua dieta.

O veganismo como posicionamento político e nicho de mercado tem crescido muito em todo o mundo. Artigo do “The Economist” de dezembro de 2018 qualifica o ano de 2019 como o período em que o ve-

ganismo ganhará ainda mais força em todo o mundo – seja pela sua bandeira ética como pelas inter-relações que mantém com aspectos ambientais, clínicos e econômicos da vida moderna. Grandes cadeias comerciais em todo o globo, historicamente ligadas à exploração animal, apresentam gradativamente hoje um portfólio de produtos veganos cada vez maior. Mesmo que esse interesse tenha como motivação o mero lucro – e não necessariamente uma mudança de postura ética em relação ao outro –, o papel do consumidor consciente é fundamental para que mais e mais serviços e produtos excluam de sua manufatura a exploração e morte de vulneráveis.

No Brasil especificamente, o veganismo acompanha a tendência mundial sendo cada vez mais procurado e compreendido pela população. Estima-se que 14% da população brasileira (algo como 30 milhões de pessoas) se declarem vegetarianas. Não resulta absurda a ideia de que alguns desses milhões sejam efetivamente veganos. Esses números manifestam evidente crescimento.

### **IHU On-Line – É possível não ser vegano e assumir uma postura ética de respeito ao direito dos animais?**

**Frank Alarcón** – Penso que não me parece ser uma postura coerente. Equivale a ouvir uma pessoa decla-

rando seu amor por animais, mas vê-lo em seguida comendo um animal morto, frequentando rodeios ou consumindo cosméticos testados em animais. Como estas práticas não estimulam e patrocinam maus-tratos de vulneráveis sencientes?

Igualmente paradoxal é manifestar paixão por cães e gatos mas não se abster de consumir, por exemplo, uma tira de bacon (tira defumada da barriga de um porco) por mero capricho culinário. Se em alguns países resulta normal comer cães ou baleias – algo que causa repulsa em nossa tradição ocidental –, em outros como o Brasil, vacas, porcos, aves, peixes são submetidos a uma vida de miséria, dor, sofrimento e finalmente morte, para igualmente saciar paladares descolados de uma reflexão ética.

### **IHU On-Line – Particularmente, o que o faz ser vegano?**

**Frank Alarcón** – Sou vegano há mais de uma década, sendo vegetariano desde os 10 anos de idade. Essa decisão surgiu muito cedo, de forma espontânea, porém refletida, a partir do momento em que entendi não ser justo participar da exploração de organismos que eu reputava terem pleno direito à vida e ao usufruto de dignidade e direitos de escolha. Ainda que o amor aos animais seja um aspecto indissociável de minha personalidade, não é necessário amar animais para respeitá-los.

A compreensão da necessidade de manifestar respeito pelo outro (humano ou não humano) transcende qualquer envolvimento fraternal, cultural ou relacional.

### **IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Frank Alarcón** – A espécie *Homo sapiens* – isto é, nós –, distancia-se de uma responsabilidade moral em relação aos outros seres vivos sencientes por pura conveniência. Caso tivéssemos a oportunidade de conviver com outras espécies hominídeas (*H. neanderthalensis*, *H. erectus*, *Denisovanos* etc.) que em certa época habitaram a superfície do planeta junto a nós, teríamos que lidar com o dilema moral de considerá-los passíveis de exploração da forma como abusamos de outros animais – primatas inclusos. Praticaríamos experimentação científica lesiva em “homens das cavernas” por entender que estes não pertencem ao nosso círculo de consideração moral? Diríamos que um “homem das cavernas” não seria dotado de atributos considerados humanos e o sujeitaríamos a abusos e morte a exemplo do que fazemos com outros animais não humanos? Reflexões como esta deixam claro como nos aproveitamos do autoengano como salvo-conduto ao nosso abuso sobre vulneráveis e inocentes. Jamais concordaríamos com tal raciocínio se fôssemos nós a espécie subjugada. ■

## Leia mais

- O abate de animais no Brasil alimenta uma cadeia monstruosa de ilicitudes jurídicas, ambientais, sanitárias e éticas. Entrevista especial com Frank Alarcón, publicada nas Notícias do Dia de 04-03-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2F0v5y9>.

Ciclo de Debates

**Políticas Públicas no atual contexto Brasileiro**

Desafios e possibilidades para a democracia

11/03 a 25/04  
de 2019

[ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)





# Conhecer o alimento é fundamental para se conectar ao planeta

Jéssika Oliveira diz que há cinco motivos para ser vegano, mas sua mudança de hábito ocorreu a partir do desejo de conhecer mais sobre os produtos que come

João Vitor Santos

**H**á quem considere o veganismo ou vegetarianismo uma moda. Para a ativista Jéssika Oliveira, aderir a essas práticas é muito mais do que isso, é um estilo de vida, uma ética própria que, muitas vezes, não é assimilada pela maioria das pessoas. “Ainda há muita desinformação sobre o veganismo”, avalia, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para ela, há pelo menos cinco motivos para pensar em aderir a esse modo de vida. “Pelo planeta, pois o consumo de produtos de origem animal causa desmatamento, extinção de espécies animais e acelera as mudanças climáticas. Para não causarmos o sofrimento de bilhões de animais. Para que possamos alimentar as pessoas que não têm o que comer. Para cuidar da nossa saúde. Para alinhar os valores mais profundos em nosso coração com as nossas ações”, pontua.

Jéssika conta que, em seu caso, o valor mais profundo tinha relação direta com a comida. “Hoje somos completamente desconectados da nossa comida. Não entendemos como foi produzida, de onde vem, que caminho fez até chegar ao nosso prato e muitas vezes não sabemos o que ela é, e essa desconexão faz com que tenhamos dificuldades em entender o impacto que causamos ao consumi-la”, observa. “Me tornei vegana por todos os motivos citados, mas tem um que não é comum às pessoas e que foi importante

para mim. Há muitos restaurantes veganos fundados por pessoas incríveis, com sistemas de trabalho e produção inspiradores, e o mesmo vale para vários produtores locais de legumes, frutas e verduras. Decidi que é para essas pessoas que quero dar o meu dinheiro”, acrescenta.

Assim, em pouco tempo percebeu transformações pessoais na relação com o planeta. “Para mim, a principal mudança foi me conectar mais com a minha comida”, diz. Hoje, a ativista integra a organização Million Dollar Vegan, definida pelo grupo que coordena a ação como “uma campanha que objetiva aumentar a conscientização sobre algumas das questões mais urgentes dos nossos tempos”. Recentemente, a jovem Genesis Butler, de 12 anos, ativista pelos direitos dos animais e pela proteção ambiental, que também integra o grupo, ofereceu um milhão de dólares ao Papa Francisco para que ele seguisse uma dieta vegana durante a Quaresma. O pontífice agradeceu a iniciativa e destacou a importância de ações como essas da menina, mas não prometeu aderir ao veganismo.

**Jéssika Oliveira** é coordenadora da campanha Million Dollar Vegan no Brasil. Formada em Jornalismo, trabalha com relações públicas e coordena a comunicação do Banana-Terra, um projeto do Greenpeace e da Anistia Internacional. Vegana, para ela, comer é um ato político.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Como surgiu a ideia da campanha Million Dollar Vegan? Por que provo-**

**car as pessoas a experimentar o veganismo no tempo de Quaresma?**

**Jéssika Oliveira** – A ideia da campanha surgiu no Reino Unido, quando um grupo de amigos conversava sobre como fazer informações sobre a ameaça das mudanças

1 Saiba mais sobre a campanha em [milliondollarvegan.com/pt-br/](http://milliondollarvegan.com/pt-br/).

(Nota da **IHU On-Line**)

climáticas, o sofrimento dos animais na indústria de alimentação e a solução para esses problemas – o veganismo – chegar ao maior número de pessoas, o mais rápido possível. Nesse grupo estavam os ingleses Matthew Glover<sup>2</sup> e Jane Land<sup>3</sup>, que já tinham criado a campanha de sucesso Veganuary. Ela basicamente convida as pessoas a experimentar o veganismo durante o mês de janeiro, porque, como na virada do ano muitas delas já fazem promessas de mudança de hábitos, entende-se que estariam mais abertas a ideia nesse período.

A suposição estava certa! O Veganuary está em seu quarto ano e, só em janeiro de 2019, 250 mil pessoas experimentaram o veganismo por causa dele. A Million Dollar Vegan segue a mesma lógica: entendemos que como muita gente já deixa de consumir alguns tipos de alimentos – frequentemente a carne – durante a Quaresma, estariam mais abertas a experimentar o veganismo.

### **IHU On-Line – O que levou o grupo a propor esse desafio ao Papa Francisco? Qual o papel da religião, ou da fé, no desafio de promover uma mudança como as que defende o veganismo?**

**Jéssika Oliveira** – O Papa Francisco era a escolha óbvia. Ele já publicou uma Carta Encíclica – a *Laudato Si'*<sup>4</sup>, em 2015 – onde mostra sua

preocupação com o meio ambiente e com o bem estar animal. Ele também, por ser o líder da religião católica, tem o poder de influenciar o 1,2 bilhão de pessoas que a seguem, além de que o catolicismo, por natureza, tem muitos dos valores do veganismo. “Ame o próximo como a si mesmo” está na Bíblia e é basicamente o que o veganismo defende: que você ame os animais e respeite o direito deles de viverem uma vida de qualidade; ame o planeta – a nossa “casa comum”, como o papa diz – e respeite a sua capacidade de suprir as nossas necessidades, sem destruí-lo com a nossa ganância.

O poder das religiões de estimularem uma mudança de grande escala é imenso, porque elas trabalham os valores que as pessoas têm mais profundamente em seus corações. A compaixão é um desses valores que todas as religiões estimulam e, na verdade, as pessoas também, mas não se manifesta na forma como a maioria de nós se alimenta. Uma reflexão que proponho é: “O que Jesus diria da forma como os animais são tratados na indústria alimentícia hoje?” Por tudo isso, acreditamos que muitas pessoas – crentes ou não – podem se identificar com o veganismo, pois é uma oportunidade de alinhar os seus valores mais íntimos com os seus hábitos.

### **IHU On-Line – De que forma o veganismo é compreendido pelo movimento Million Dollar Vegan?**

**Jéssika Oliveira** – Vemos o veganismo como o caminho para resolver alguns dos problemas mais graves que nossa sociedade enfrenta. As mudanças climáticas, porque a pecuária é uma das maiores emissoras dos gases que aceleram o fenômeno. A crueldade com os animais. A fome mundial, pois uma alimentação sem carne, leite, ovos e outros produtos de origem animal exige menos espaço para ser cultivada e nesse espaço seria possível cultivar mais comida

para pessoas, em vez de para animais, como fazemos hoje.

Por fim, problemas de saúde, pois o consumo de produtos de origem animal está ligado ao desenvolvimento de doenças cardíacas, diabetes tipo 2 e até alguns tipos de câncer. Além disso, também é uma das causas de estarmos desenvolvendo imunidade a antibióticos.

Porém, para nós, o veganismo é sobre compaixão e não sobre perfeição, então estimulamos as pessoas a continuarem no caminho mesmo se cometerem algum erro. Cada refeição sem nada de origem animal já salva algumas vidas e já contribui para um mundo mais compassivo.

“Ame o próximo como a si mesmo” está na Bíblia e é basicamente o que o veganismo defende”

### **IHU On-Line – Podemos falar numa ética vegana? E no que consiste essa ética?**

**Jéssika Oliveira** – Há muitas formas de explicar a ética do veganismo, mas eu costumo usar a mais simples: não fazer ao próximo o que você não gostaria que fizessem com você. Esse próximo normalmente é entendido como os animais, mas também vale para a natureza. Muitas vezes também estamos tratando mal a nós mesmos. Por exemplo, quando consumimos produtos de origem animal que nos fazem mal ou então quando sofremos por consumir alimentos que causaram sofrimento em outros seres.

<sup>2</sup> **Matthew Glover**: cofundador do Veganuary. Depois de ser vegetariano por 10 anos, Matthew assistiu “ao vídeo que a indústria da carne não quer que você veja” e ficou chocado ao ver as realidades cruéis por trás das indústrias de laticínios e ovos. Ele então se tornou vegano. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Jane Land**: cofundadora do Veganuary. Era vegetariana há 10 anos antes de conhecer Matthew e fundar o movimento. Para ela, o Veganuary, proposta de experimentar o veganismo no primeiro mês do ano, entre as propostas de mudança para o ano que se inicia, é a maneira perfeita para as pessoas experimentarem comida vegana e aprenderem sobre o sofrimento dos animais de criação e o impacto que o consumo de carne tem na saúde das pessoas e no mundo natural. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Laudato Si'** (português: Louvado sejas; subtítulo: “Sobre o Cuidado da Casa Comum”): encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei* em 2013. No entanto, *Lumen fidei* é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso *Laudato Si'* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista **IHU On-Line**

publicou uma edição em que analisa a Encíclica. Confira em <http://bit.ly/1NqhbAJ> (Nota da **IHU On-Line**)

## **IHU On-Line – Como e por que se tornar um vegano hoje?**

**Jéssika Oliveira** – Há cinco motivos comumente citados. Pelo planeta, pois o consumo de produtos de origem animal causa desmatamento, extinção de espécies animais e acelera as mudanças climáticas. Para não causarmos o sofrimento de bilhões de animais – anualmente são mortos em torno de 70 bilhões de animais em todo o mundo na indústria de alimentação. Para que possamos alimentar as pessoas que não têm o que comer. Para cuidar da nossa saúde. Para alinhar os valores mais profundos em nosso coração com as nossas ações. Porém, há outras, então cada um que tiver vontade de experimentar o veganismo deve ser honesto consigo mesmo e entender o que te faz ter essa vontade.

## **IHU On-Line – Quais os desafios para conscientizar as pessoas da importância da complexa mudança de hábitos do veganismo que vão além de “não comer carne”?**

**Jéssika Oliveira** – Há três principais desafios. O primeiro deles é econômico, pois as empresas que produzem esse tipo de produto são muitas poderosas, doadoras de campanhas eleitorais e se vendem como grandes geradoras de emprego, apesar de estudos mostrarem que o agronegócio concentra renda, em vez de distribuí-la. Então, mostrar para as pessoas que essa lógica econômica não está beneficiando-as é um desafio.

O segundo é que ainda há muita desinformação sobre o veganismo. Muitos pensam que ser vegano é caro, pois acreditam que é necessário consumir produtos industrializados, mas não é. Uma pessoa que decida se tornar vegana agora, lendo essa entrevista, provavelmente já tem a maioria dos alimentos necessários na geladeira e no armário. Uma das pastas de dente veganas (por não testar em animais) mais conhecidas custa R\$ 3,00, mais barata do que a maioria. Também é comum as pes-

soas pensarem que é necessário comer produtos de origem animal para ser saudável e inteligente, o que não é verdade, como não só mostram muitos estudos, mas muitas pessoas veganas que estão aí saudáveis, inteligentes e muitas até famosas e fazendo um sucesso estrondoso.

O terceiro é que hoje somos completamente desconectados da nossa comida. Não entendemos como foi produzida, de onde vem, que caminho fez até chegar ao nosso prato e muitas vezes não sabemos o que ela é, e essa desconexão faz com que tenhamos dificuldades em entender o impacto que causamos ao consumi-la. Vou citar um exemplo. Se você ver qualquer postagem em uma rede social de alguma página que defende o veganismo e o vegetarianismo, falando do impacto da produção de soja para o desmatamento, provavelmente vai ver alguém dizendo que isso acontece por causa dos próprios veganos e vegetarianos que comem soja. As pessoas não sabem que a maior parte de soja do mundo é produzida para alimentar os animais que comemos.

## **Maus-tratos aos animais**

Outro exemplo: a maioria de nós pensa que os animais criados na indústria alimentícia têm uma vida plena. No imaginário popular, os porcos brincam na lama, as galinhas ficam caçando minhocas em grandes terrenos abertos, logo ao lado de vacas que pastam o dia todo, e só depois de viverem muitas aventuras e alegrias é que são mortos. A realidade é que as porcas são inseminadas, então são colocadas em gaiolas onde não conseguem nem se mexer durante o período de gestação e, por fim, quando seus filhotes nascem, são inseminadas de novo e o ciclo recomeça, um processo tão cruel que faz esses animais ficarem “gastos” aos olhos da indústria e serem sacrificados.

Pintinhos machos são triturados na indústria dos ovos, pois, afinal, eles não dão ovos e, além de não darem lucros, ainda dariam a despesa de alimentá-los. Eu poderia dar mais muitos exemplos, mas posso resumir

dizendo que todos esses animais vivem curtas vidas de extrema crueldade. Por fim, não entendemos também que para produzir essa comida gastamos espaço – terrenos mesmo! –, água, energia, poluímos o solo, assim como rios, mares etc. Essa falta de entendimento sobre o que é a nossa comida e o seu processo de produção é outro dos principais desafios.

“Vemos o veganismo como o caminho para resolver alguns dos problemas mais graves que nossa sociedade enfrenta”

## **IHU On-Line – Oferecer dinheiro para que as pessoas assumam uma outra ética de vida não monetiza demais uma conversão que vai além dessas lógicas do capital?**

**Jéssika Oliveira** – Quando oferecemos ao Papa Francisco 1 milhão de dólares para que ele experimentasse o veganismo nesta Quaresma, o que lhe demos foi a oportunidade de combater todos os problemas anteriormente citados e ainda ajudar uma ou mais instituições de caridade. A oferta está alinhada com o valor da compaixão, estimulado e valorizado por tantos de nós, inclusive pelo papa.

## **IHU On-Line – A campanha Million Dollar Vegan conquistou a adesão de várias celebridades. No que consistem essas adesões? E como estão as adesões, de modo geral, no Brasil e**

## no mundo? Qual imagina ser a efetividade dessas adesões?

**Jéssika Oliveira** – As celebridades nos apoiam de três formas. Algumas assinaram a carta da ativista Genesis Butler, de 12 anos, líder do desafio Million Dollar Vegan, ao papa. Outras fizeram postagens em suas redes sociais e deram entrevistas divulgando a campanha. Outras nos permitiram usar fotos e vídeos delas contando por que se tornaram veganas, para inspirarem outras pessoas que quisessem experimentar o veganismo nesta Quaresma.

No Brasil, as pessoas que nos apoiam são Luisa Mell<sup>5</sup>, Sonia Abrão<sup>6</sup>, Alana Rox<sup>7</sup>, Ellen Jabour,<sup>8</sup> o fisiculturista Paru<sup>9</sup> e a nutricionista Alessandra Luglio<sup>10</sup>. No mundo, contamos com Paul McCartney<sup>11</sup>,

5 **Marina Zatz de Camargo Zaborowsky** (1978): mais conhecida pelo nome artístico Luisa Mell, é uma ativista, apresentadora de televisão, atriz e escritora brasileira. Nascida em família judia, tornou-se apresentadora de programas especializados em animais, sobretudo cães, com o qual tornou-se conhecida pelo neologismo de “cachorreira”. É presidente do Instituto Luisa Mell. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Sônia Maria Abrão** (1958): mais conhecida como Sonia Abrão, é uma jornalista, apresentadora de televisão e escritora brasileira. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Alana Rox**: apresentadora, empreendedora e ativista vegana. Foi desde sempre ovo-lacto-vegetariana, tendo se tornado vegana em 2004 após se mudar para São Paulo. É uma digital influencer e tem mais de 150 mil seguidores no Instagram e mais de 70 mil em seu Facebook tendo uma das maiores contagens veganas das redes brasileiras. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Ellen Jabour** (1977) modelo e apresentadora brasileira de televisão. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Paulo Victor**: conhecido como Paru Vegan, é um fisiculturista vegano, um dos maiores nomes do fisiculturismo nacional. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Alessandra Luglio**: nutricionista vegetariana. Ela conta que já demonstrava sua revolta com a crueldade animal desde os três anos de idade e passou a vida oscilando entre períodos vegetarianos e outros comendo carnes brancas. Quando completou 40 anos, repensou seus hábitos e resolveu se assumir vegetariana. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Paul McCartney** (1942): cantor, compositor, multi-instrumentista, empresário, produtor musical, cinematográfico e ativista dos direitos dos animais britânico. McCartney alcançou fama mundial como membro da banda de rock britânica The Beatles, com John Lennon, George Harrison

Moby<sup>12</sup>, Joaquin Phoenix<sup>13</sup>, Brigitte Bardot<sup>14</sup>, Woody Harrelson<sup>15</sup>, entre muitos outros. Essas adesões são fundamentais. No Brasil, por exemplo, o fato da Luisa Mell ter divulgado a carta da Genesis ao papa e a petição que todos podem assinar<sup>16</sup>, fez com que o país fosse o líder em assinaturas. Essas celebridades podem levar a mensagem da campanha para pessoas que nós mesmos não atingimos e ainda são inspiração para muita gente. Somos gratos pelo apoio delas.

## IHU On-Line – O que levou você a se tornar vegana? Que mudanças implicaram – ou implicam –, para você, essa mudança?

**Jéssika Oliveira** – Me tornei vegana por todos os motivos citados – meio ambiente, animais, saúde etc. – mas tem um que não é comum às pessoas e que foi importante para mim. Há muitos restaurantes vega-

e Ringo Starr. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Richard Melville Hall** (1965): mais conhecido pelo seu nome artístico Moby, é um cantor, músico, DJ e fotógrafo estadunidense. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Joaquin Rafael Phoenix** (1974): anteriormente creditado como Leaf Phoenix, é um ator e cantor estadunidense. Ele nasceu em Porto Rico onde viveu até os quatro anos de idade. Sua família retornou para os Estados Unidos, onde ele foi criado. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Brigitte Anne-Marie Bardot** (1934): ex-atriz e atual ativista francesa. Conhecida por suas iniciais, BB, é considerada um dos maiores símbolos sexuais dos anos 50 e 60. Tornou-se ativista dos direitos animais, após se retirar do mundo do entretenimento e se afastar da vida pública. Ícone de popularidade da década de 1960, foi eleita pela revista TIME um dos cem nomes mais influentes da história da moda. Bardot tornou-se conhecida internacionalmente em 1957, após protagonizar o polêmico filme *E Deus Criou a Mulher*, produzido pelo seu então marido, Roger Vadim. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Woodrow ‘Woody’ Tracy Harrelson** (1961): ator norte-americano. Foi indicado ao Oscar três vezes, 1996, 2010 e 2017. É defensor da legalização do uso da maconha e é militante em causas ecológicas, apoiando o grupo ambientalista Ruckus Society. (Nota da **IHU On-Line**)

16 A carta, em português, bem como o link para petição, estão disponíveis em <http://bit.ly/2F9CQIn>. (Nota da **IHU On-Line**)

nos fundados por pessoas incríveis, com sistemas de trabalho e produção inspiradores, e o mesmo vale para vários produtores locais de legumes, frutas e verduras. Decidi que é para essas pessoas que quero dar o meu dinheiro, que é esse tipo de negócio que quero financiar, não a destruição do planeta e uma crueldade sem fim com os animais. Para mim, a principal mudança foi me conectar mais com a minha comida. Buscar conhecer mais sobre o processo de produção dela e saber o que estou comendo.

## IHU On-Line – Sua trajetória pessoal e profissional esteve sempre associada ao trabalho em organizações que desenvolvem ações de proteção ao meio ambiente. Mas nem sempre proteger o meio ambiente envolve a adesão ao modo de vida vegano. Como compreender essa relação?

**Jéssika Oliveira** – As pessoas são diferentes e isso faz com que existam muitas formas de fazer ativismo. Há aquelas que acreditam que o veganismo é o caminho; há outras que acham que esse caminho é demorado e que é melhor cobrar empresas e políticos para a produção de alimentos não destruir o meio ambiente e não ser cruel com os animais, pois essa seria uma solução mais rápida e em larga escala. Pontos de vista diferentes são importantes porque garantem pessoas atuando em frentes diversas e a pressão pela mudança vinda de muitos lados e em vários formatos. ■

## Leia mais

- **Menina oferece um milhão de dólares ao papa: “Mas ele deve seguir uma dieta vegana durante a Quaresma”**. Reportagem publicada em La Repubblica, reproduzida nas Notícias do Dia de 07-02-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2UzPRLA>.

- **Papa envia bênção a ativista mirim, mas não promete virar vegano durante a Quaresma**. Reportagem publicada em National Catholic Reporter e reproduzida nas Notícias do Dia de 08-03-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2O2U4Vs>.



# JUVENTUDES, REDES SOCIAIS E SUAS (DES)CONEXÕES

## DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A EVANGELIZAÇÃO

18 de maio  
de 2019  
Campus Unisinos  
Porto Alegre

[ihu.unisinos.br/evento/juventudes-redes-sociais](http://ihu.unisinos.br/evento/juventudes-redes-sociais)

# O veganismo como conversão e a conexão com outras formas de vida

Tainá Alves observa que uma ética cristã plena deve estar alinhada com as perspectivas de cuidado com o planeta

João Vitor Santos

**A** jovem acadêmica de Arquitetura Tainá Alves se tornou vegana. Para ela, além de uma postura ética e política, essa também é uma forma de materializar a sua fé cristã. Afinal, compreende que, assim como o veganismo, o cristianismo se propõe a romper com o antropocentrismo. “Creio que o principal desafio, no campo da fé cristã, seja este: recolocar o ser humano como parte da criação e não como dominador, e a partir daí mudarmos nossa relação com todas as criaturas. E essa lógica não é recente. São Francisco já tratava toda criação como irmãos e irmãs”, destaca na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “Ao aderir ao veganismo, estamos entrando numa luta contra essa exploração antiética de recursos do planeta. E a Terra é o maior presente de Deus, é a nossa casa, é uma forma de conexão direta com Ele”, acrescenta.

Tainá tem se dedicado a discutir a Encíclica *Laudato Si'*, em que o Papa Francisco defende o cuidado da Casa Comum, a partir da perspectiva da Ecologia Integral, que consiste em observar justamente a conexão entre todas as formas de vida e com o próprio divino. Para tanto, sugere uma radical

mudança de hábitos, como conceber uma economia menos nociva. “Acredito que uma ‘economia que não mata’<sup>1</sup> tem suas bases na partilha, como diz *Laudato Si'*”, pontua. “Os sinais dos tempos exigem uma resposta forte de todos nós, Igreja institucional e igreja povo de Deus para que, juntos, possamos superar essa ‘crise integral’ que ameaça a nossa casa comum”, reflete.

A quem resiste a essas provocações, a estudante adverte que ignorar esses alertas é o oposto de viver plenamente os valores evangélicos pregados por Cristo. “A fé cristã se baseia na defesa da vida em todas as suas dimensões. ‘Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância’ (Jo 10,10). Qualquer ameaça à vida tem que ser combatida, e isso inclui toda a vida na terra e também as vidas futuras”, sintetiza.

**Tainá Alves** tem 22 anos, é estudante de Arquitetura na Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais. Participa do Movimento Católico Global pelo Clima - MCGC, em que integra grupos de discussão e divulgação da Encíclica *Laudato Si'*. Vegana, considera que vive o veganismo de forma integral.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – No que consistem as ações e quais os objetivos do Movimento Católico Global pelo Clima - MCGC?**

1 A expressão ‘economia que mata’ foi usada pelo Papa Francisco em discurso no 2º Encontro Mundial dos Movimentos Populares, realizado em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, em 2016. A íntegra do discurso foi reproduzida pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU e está disponível

**Tainá Alves** – O Movimento tem buscado engajar e conectar pessoas, organizações, instituições e movimentos de várias partes do mundo no cuidado da nossa casa comum e em defesa dos mais pobres e vulne-

em <http://bit.ly/2fx3QeA>. (Nota da **IHU On-Line**)

ráveis. A riqueza da Encíclica *Laudato Si'*<sup>2</sup> tem sido um norte para di-

2 **Laudato Si'** (português: Louvado sejas; subtítulo: “Sobre o Cuidado da Casa Comum”): encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos

## “A fé cristã se baseia na defesa da vida em todas as suas dimensões”

versas ações concretas, em diversos contextos, tendo sempre em vista a “Ecologia Integral”.

Nessa perspectiva, as ações vão desde fomentar mudanças pessoais, mudanças nesse estilo de vida baseado na lógica do consumo, até campanhas globais, como desinvestimento de combustíveis fósseis por instituições católicas e presença ativa nas Conferências das Partes (COPs) das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC).

**IHU On-Line – Como compreender o papel da Igreja em causas como a de combate ao aquecimento global?**

**Tainá Alves** – A Igreja tem um papel fundamental nessas discussões. Numa perspectiva moral, a fé cristã se baseia na defesa da vida em todas as suas dimensões. “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Qualquer ameaça à vida tem que ser combatida, e isso inclui toda a vida na terra e também as vidas futuras. O aquecimento global já afeta centenas de milhares de vidas no planeta, principalmente referente à biodiversidade e aos mais pobres, e também ameaçam a vida das gerações futuras.

Já numa perspectiva política, a Igreja Católica está presente nos quatro cantos do mundo e tem a capacidade de falar por aqueles que

não têm voz. Os sinais dos tempos exigem uma resposta forte de todos nós, Igreja institucional e igreja povo de Deus para que, juntos, possamos superar essa “crise integral” que ameaça a nossa casa comum.

**IHU On-Line – Desde o início de pontificado, Francisco tem insistido que os valores evangélicos devem ser vividos na vida concreta cotidianamente. Quais os desafios para a conscientização de que os cuidados com o planeta têm conexão direta com essa vivência diária do Evangelho?**

**Tainá Alves** – A nossa visão antropocêntrica nos distanciou de toda a criação. Colocar a natureza como algo a serviço do homem e a serviço da economia trouxe graves consequências. Tudo vira mercado. Tudo tem um preço. Uma má interpretação do Livro do Gênesis sobre a lógica de dominar a terra também contribui nesse distanciamento.

Talvez o principal desafio, no campo da fé cristã, seja este: recolocar o ser humano como parte da criação e não como dominador, e a partir daí mudarmos nossa relação com todas as criaturas. E essa lógica não é recente. São Francisco<sup>3</sup> já tratava toda criação como ir-

mãos e irmãs. Irmão sol, irmã terra, irmã água, em um tempo que nem se pensava em crise ecológica. A espiritualidade franciscana busca viver essa dimensão da fé e acredito que nos mostra um possível caminho a seguir.

**IHU On-Line – Por que a relação entre consumo e cuidados com o planeta é algo que precisa ser tensionado em nosso tempo? Como conceber uma “economia que não mate”?**

**Tainá Alves** – Em nosso tempo, vivemos em uma constante exposição de incentivos ao consumo desenfreado. Foi internalizada uma cultura que propaga a ideia de que para nos sentirmos completos e realizados precisamos sempre comprar um novo produto, mais atualizado e moderno, gerando produtos descartáveis, que são facilmente substituídos. As consequências desta mentalidade são fatais para o planeta: tem-se uma exploração incansável e irresponsável de seus recursos e um acúmulo excessivo de lixo, que libera substâncias nocivas para a terra.

O papa Bento XVI foi citado na Encíclica por seu convite que propõe “eliminar as causas estruturais das disfunções da economia mundial e corrigir os modelos de crescimento que parecem incapazes de garantir o respeito do meio ambiente”. Acredito que uma “economia que não mata” tem suas bases na partilha,

líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei* em 2013. No entanto, *Lumen fidei* é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso *Laudato Si'* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista IHU On-Line publicou uma edição em que analisa debate a Encíclica. Confira em <http://bit.ly/1NqbhAJ> (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **São Francisco de Assis** (1181-1226): frade católico, fundador da “Ordem dos Frades Menores”, mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da IHU On-Line, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, disponível para download em <http://bit.ly/1NLAIt7> e a entrevista com a medievalista italiana Chiara Frugoni, intitulada *Uma outra face de São Francisco de Assis*, na revista IHU On-Line número 469, de 03-08-2015, disponível

em <http://bit.ly/2erAzUq>. (Nota da **IHU On-Line**)

como diz Laudato Si' “ a Economia de Comunhão<sup>4</sup>, se quiser ser fiel ao seu carisma, não deve somente curar as vítimas do sistema, mas construir um sistema no qual as vítimas sejam sempre menos, sistema no qual, possivelmente, não existam mais vítimas. Enquanto a economia produzir uma vítima e existir uma só pessoa descartável, a comunhão não é ainda realizada, a festa da fraternidade universal não é plena. (...) Quando partilhais e doais os vossos lucros, estais fazendo um gesto de alta espiritualidade, dizendo com os fatos, ao dinheiro: tu não és Deus, tu não és senhor, tu não és patrão!”.

### **IHU On-Line – Você trabalha promovendo debates e reflexões acerca da Laudato Si'. Como tem sido a recepção da encíclica três anos depois de sua publicação?**

**Tainá Alves** – A Laudato Si' tem sido um forte instrumento de trabalho em diversos contextos. No geral, as pessoas têm muita abertura e veem o documento com seriedade e importância. São muitos espaços de reflexões, estudos, muitos documentos com linguagem adaptada, desde comunidades locais até instituições internacionais, católicas e não católicas. Acredito que o desafio tem sido transformar as ideias em ações práticas, ir para além do campo da reflexão.

### **IHU On-Line – Como você compreende o veganismo? Por que se diz que práticas como essas vão muito além de não comer carne?**

**Tainá Alves** – O veganismo é um movimento que engloba práticas sustentáveis, a favor da vida e contra a exploração do outro e do planeta no cotidiano do ser humano como um todo, não se restringindo à alimenta-

ção, mas a todas as relações de consumo daquele indivíduo. Desta forma, não é simplesmente deixar de comer produtos de origem animal, mas mudar seus hábitos para que eles não incluam uma prática exploradora.

Assim, ao optar por um estilo de vida vegano, o indivíduo também não compra ou utiliza nenhum produto que promova a exploração, incluindo roupas, cosméticos, materiais de limpeza, dentre outros. Estão inseridos no conceito de exploração tanto o cárcere em que são mantidos os animais expostos à pecuária, quanto as consequências dessa prática para o planeta, como o desmatamento, a emissão de gases de efeito estufa, a poluição das águas e a extinção de espécies. E, ainda, a promoção de testes de produtos em animais ou o uso de trabalho escravo para produção. Portanto, é uma mudança no estilo de vida que causa um grande impacto no modelo de consumo desenfreado a que estamos expostos, de modo a promover um ambiente mais ético, sustentável e justo.

“A nossa visão antropocêntrica nos distanciou de toda a criação”

### **IHU On-Line – Podemos falar em uma ética, uma forma de vida, a partir de práticas como o veganismo? E que conexões podemos fazer entre uma “ética vegana” e a Laudato Si'?**

**Tainá Alves** – Sim, o veganismo traz benefícios substanciais ao planeta e à vida do ser humano. Ele vem como uma forma de combater os malefícios trazidos pela indústria alimentícia exploradora. Um quilo de bife precisa de aproximadamente 16.000 litros de água para ser produzido e a pecuária está destruindo

terras, superaquecendo o planeta, causando desmatamento, poluindo a terra, oceanos e o ar, e ainda nos tornando mais vulneráveis a doenças crônicas, como obesidade, diabetes e alguns tipos de câncer.

Assim, ao aderir ao veganismo, estamos entrando numa luta contra essa exploração antiética de recursos do planeta. E a Terra é o maior presente de Deus, é a nossa casa, é uma forma de conexão direta com Ele. Se não cuidamos dela, como podemos nos aproximar dEle? A igreja não prega um domínio absoluto do homem sobre a Terra, pois o único soberano é Deus. Logo, apesar de termos habilidades que nos permitem subordinar outros seres, não devemos fazê-lo, pois temos a responsabilidade de governar o planeta de forma caridosa e altruísta. Como a própria Laudato Si' cita, “Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. (...) É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a «cultivar e guardar» o jardim do mundo (cf. Gn 2, 15). (...) Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras. Em última análise, «ao Senhor pertence a terra» (Sl 24/23, 1), a Ele pertence «a terra e tudo o que nela existe» (Dt 10, 14). Por isso, Deus proíbe-nos toda a pretensão de posse absoluta: «Nenhuma terra será vendida definitivamente, porque a terra pertence-Me, e vós sois apenas estrangeiros e meus hóspedes» (Lv 25, 23)”.

### **IHU On-Line – Apesar dos inúmeros avanços e proposições para animar outras formas de vida e relação com o planeta, a Laudato Si' também é criticada por alguns por silenciar a respeito do direito dos animais<sup>5</sup>. Como avalia essa crí-**

<sup>5</sup> Uma das críticas é feita pelo teólogo Gilmar Zampiere, detalhada no artigo *A Encíclica Laudato Si' e os animais*, publicada no Caderno de Teologia Pública número 110, disponível em <http://bit.ly/2Oc6ue3>. O tema também foi

<sup>4</sup> A temática da Economia de Comunhão foi tratada em entrevista com a economista Alessandra Smerilli, publicada nas Notícias do dia de 02-06-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, intitulada “Economia de comunhão é alternativa à voracidade de um mercado predador”, disponível em <http://bit.ly/2OcjaS2>. Recentemente, o IHU publicou um novo artigo de Smerilli, em que trata do tema. Acesse em <http://bit.ly/2TYgCMw>. (Nota da IHU On-Line)

## **tica? Como as questões acerca do direito dos animais aparece na Encíclica?**

**Tainá Alves** – Acredito que a discussão sobre os direitos dos animais pode ser aprofundada e abordada de forma mais direta, mas a *Laudato Si'* discorre sobre a responsabilidade do ser humano para com o planeta e os seres vivos diversas vezes, referindo-se sutilmente aos direitos dos animais.

O que pode ser observado quando ela cita que “É preciso investir muito mais na pesquisa para se entender melhor o comportamento dos ecossistemas e analisar adequadamente as diferentes variáveis de impacto de qualquer modificação importante do meio ambiente. Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros. (...) Ao mesmo tempo que podemos fazer um uso responsável das coisas, somos chamados a reconhecer que os outros seres vivos têm um valor próprio diante de Deus e, «pelo simples facto de existirem, eles O bendizem e Lhe dão glória, porque «o Senhor Se alegra em suas obras» (Sl 104/103, 31). (...)«Cada criatura possui a sua bondade e perfeição próprias. (...) As diferentes criaturas, queridas pelo seu próprio ser, reflectem, cada qual a seu modo, uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. É por isso que o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas».”

**IHU On-Line – O Movimento Católico Global pelo Clima está promovendo a campanha “Alimente-se com Simplicidade” em tempo de Quaresma. O que é “alimentar-se com simplicidade”?**

**Tainá Alves** – Acredito que ali-

pauta de conferência promovida pelo IHU em 2016, que originou a reportagem *O holocausto dos animais. Encíclica Laudato Si' é debatida e tensionada desde a perspectiva da ética e direito dos animais*, disponível em <http://bit.ly/2Fmf2Lp>. (Nota da **IHU On-Line**)

mentar-se com simplicidade inclua comer comida de verdade, aquela que vem da terra, da natureza, prontinha para ser consumida por nós. Leguminosas, frutas, verduras, grãos... Existe uma infinidade de alimentos que não exigem esforço para serem preparados e degustados e foram criados por Deus para nos sustentar. A Bíblia preconiza o vegetarianismo. Em Gênesis 1, 29-30, Deus estabelece sua primeira lei dietética ao dizer: “Dou-vos toda planta que dá semente e que está em toda terra, e toda árvore em que há fruto, que produz semente: serão vosso alimento. A todos os animais selvagens, a todas as aves do céu e a todos os seres que rastejam pelo chão e nos quais há um sopro de vida, eu dou como comida toda vegetação”.

Hoje, estamos expostos a uma indústria alimentícia que nos traz produtos ultraprocessados, que se desconectam de sua forma e natureza, e que são feitos para gerar lucro para essas empresas, sem se preocupar com a saúde do consumidor. O consumo destes está associado ao aumento do risco de ocorrência de obesidade, diabetes e outras doenças crônicas causadas pelo excesso de açúcar e gorduras e a falta de vitaminas e minerais essenciais. Alimentar-se com simplicidade requer o conhecimento da origem do alimento e da sua cadeia produtiva, que deve ser do produtor diretamente para o consumidor, não incluindo um processo de industrialização.

**IHU On-Line – Além da Campanha do seu movimento, outra campanha, Million Dollar Vegan, desafiou o Papa a assumir o veganismo durante a Quaresma. Qual é a importância de trazer ao debate essas questões durante o tempo de Quaresma?**

**Tainá Alves** – A Quaresma é o período que antecede a Semana Santa, que inclui a morte e ressurreição de Cristo. É um tempo de recolhimento que temos para rever nossa vida de cristãos e nos pre-

parar para a Páscoa, limpar nossa alma e nossos corações.

Durante esse intervalo, é comum as pessoas aderirem a novos hábitos como forma de sacrifício e de colocar Deus no centro de sua vida. Desta forma, acredito que ao trazer ao debate o veganismo estamos de fato expondo uma forma de nos purificar de corpo e alma, porque, como já mencionado, esse estilo de vida está diretamente ligado ao cuidado com o planeta e a saúde do ser humano e, logo, à aproximação de Deus. Penso que, ao cogitar a adoção do veganismo como um exercício de purificação na Quaresma, o indivíduo pode sentir seus benefícios e cogitar segui-lo como estilo de vida.

**IHU On-Line – Por que, particularmente, você adotou o veganismo?**

**Tainá Alves** – Sou vegana porque acredito que é meu dever tornar o mundo um lugar melhor. E a melhor forma de mudá-lo é sendo a mudança que desejo ver nele. E o veganismo é o estilo de vida mais consciente que encontrei dentro das minhas possibilidades de ser e viver essa transformação.

Sou vegana, também, porque quero viver em um planeta limpo, saudável, sustentável e livre de exploração. Porque quero respirar ar puro, desbravar florestas, nadar em águas limpas, com o maior número de espécies coexistindo nesse ambiente comigo. E quero que essa seja a realidade de todos os indivíduos. Porque acredito que, por mais que o ser humano esteja em condições de submeter os animais a se tornarem alimento e produto, não exercer essa dominação é questão de humildade e modéstia. Porque acredito que todas as espécies representam vidas, e nenhuma é mais importante que a outra. Porque, como cristã, amo a Deus e ao próximo como a mim mesma. E o próximo não é apenas meu semelhante, mas todo ser vivo que habita este planeta. Sou vegana por princípios e por amor à vida. ■

# Preservação do planeta deve ir além de uma dieta sem carne

Para o jornalista Alceu Castilho, não basta mudar hábitos de consumo, é preciso entender a cadeia produtiva e as imposições da produção e da circulação

João Vitor Santos

**C**onsumir menos carne, ou sequer comer proteína de origem animal, contribui em muito com a preservação do planeta. Entretanto, o jornalista Alceu Castilho, que faz o monitoramento de pautas relacionadas ao agronegócio, lembra que essa não deve ser encarada apenas como responsabilidade das etapas de consumo. Isto é, para ele, não se deve cair na ilusão de que apenas mudando hábitos alimentares se resolverá a maioria dos problemas ambientais. “Atacar somente esse ponto – e a partir da ponta do consumo – não será suficiente para a alteração do sistema. A destruição de biomas, por definição, dizima espécies inteiras. E esse processo ocorrerá mesmo que deixemos de comer carne”, defende, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Castilho se justifica: “não significa influência zero de quem optou por esse modo de vida, mas significa que mesmo do ponto de vista da preservação dos animais – não somente os indivíduos, de espécies inteiras – precisamos ir além da discussão sobre o consumo”. Ou seja, é, no mínimo, preciso que se busquem mais informações para conhecer os meandros do que envolve a produção de alimentos e sua relação

com a degradação/proteção do planeta. “As monoculturas precisam ser combatidas por quem se propõe a preservar o planeta e sua biodiversidade”, observa.

Segundo o jornalista, a produção de comida é regida pela lógica do capital, arraigado no latifúndio, que não só exclui como também limita o número de cultura para a produção de alimento. “Para avançarmos no entendimento da questão agrária – com os conflitos sociais e ambientais inerentes a esse sistema – precisamos entender esse movimento expansionista, em um planeta com recursos esgotáveis, esse avanço em territórios ocupados por camponeses, indígenas, quilombolas. E por florestas, biomas inteiros à mercê desse processo de concentração de renda”, acrescenta.

**Alceu Luís Castilho** é jornalista, pós-graduando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo - USP. É coordenador do *De Olho nos Ruralistas* ([www.deolhonosruralistas.com.br](http://www.deolhonosruralistas.com.br)), um observatório sobre agronegócio no Brasil. Também é autor do livro *Partido da Terra - como os políticos conquistam o território brasileiro* (São Paulo: Contexto, 2012).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Quais os desafios para compreender as lógicas do agronegócio? De que forma é possível conceber alternativas a essas lógicas e como os consumidores, em geral, podem contribuir nesse sentido?**

**Alceu Castilho** – Há uma lógica econômica, do capital e da renda da terra. Para avançarmos no entendimento da questão agrária – com os conflitos sociais e ambientais inerentes a esse sistema – precisamos entender esse movimento expansionista, em um planeta com recursos

esgotáveis, esse avanço em territórios ocupados por camponeses, indígenas, quilombolas. E por florestas, biomas inteiros à mercê desse processo de concentração de renda.

A alternativa é a valorização das terras dos povos tradicionais, seja pela

## “A ponta do consumo é importante, mas não suficiente para se alterar um sistema”

manutenção, seja pela redistribuição. Repensar o modelo. E a prioridade do Estado em relação aos incentivos. Nesse sentido, faz-se necessário agendar a problemática como um todo. A ponta do consumo é importante, mas não suficiente para se alterar um sistema. Há um controle da produção, uma imposição estrutural.

### **IHU On-Line – O que está por trás dos conflitos agrários, especialmente no caso brasileiro?**

**Alceu Castilho** – Exatamente essa lógica econômica. Os latifúndios e a monocultura – observem que são temas presentes há séculos – avançam onde já há gente morando, produzindo, de indígenas a descendentes de escravos, de ribeirinhos a extrativistas. O capital e o aparato legislativo a seu serviço não valorizam o uso comum da terra. Não há como fugir do fato de que poucos empresários e rentistas querem controlar o território. Pelo lucro e pela renda. São hegemônicos, mas não únicos – pois há resistência.

O Brasil tem suas especificidades, claro, como a longa história de escravidão, o sistema cartorial, o patrimonialismo exacerbado. O que nos leva a uma história violenta de grilagem e expulsão dos povos do campo: um êxodo rural movido a bala. Mas há uma lógica global, com mais ou menos violência.

### **IHU On-Line – De que forma ideias de cunho mais liberalista e de redução do tamanho do Estado, muito presentes no atual governo, podem impactar os conflitos agrários no Brasil?**

**Alceu Castilho** – Há que se observar que a maior parte dos discursos liberais tem forte grau de cinismo. O agronegócio é fartamente dependente dos estímulos governamentais, de financiamentos, perdão de dívidas. O que há, historicamente, é uma captura do Estado, inclusive do sistema judiciário.

O processo de disputa é eminentemente político. O governo atual oscila entre o discurso liberal de Paulo Guedes – para os assuntos onde isso interessa – e a velha política de transferência dos recursos (inclusive os naturais) para as oligarquias. Os conflitos já estão crescendo, desde o governo Temer, porque os grandes proprietários ganham ainda mais aval para as violências cotidianas. Predadores multiplicam predadores.

### **IHU On-Line – Que relações podemos estabelecer entre conflitos agrários, degradação do meio ambiente e aquecimento global?**

**Alceu Castilho** – O desmatamento é uma das consequências desse crescimento ordenado do capital no campo e da concentração fundiária. Basta observar a lista de desmatadores para se observar que os atores são grandes empresários e grandes latifundiários. Há uma ilusão de que essa ilegalidade estaria à margem do sistema. Não está, ela é intrínseca a ele.

Aquecimentos global e local – tantas vezes esquecido – estão diretamente relacionados a esse movimento destruidor. Recursos hídricos, biomas, riquezas muito mais perenes

são rifadas para que milionários e bilionários continuem se perpetuando no poder. A novidade em governos como o de Bolsonaro é assumir que querem eliminar as terras dos povos originários e tradicionais. No fundo, é o capital que não quer “nem um centímetro a mais” para eles.

### **IHU On-Line – Como o consumo indiscriminado de carne, proteína animal em geral, pode impactar tanto os conflitos agrários como o aquecimento global?**

**Alceu Castilho** – Não vejo esse como o ponto de partida. É claro que a pecuária extensiva é particularmente danosa ao ambiente. Mas atacar somente esse ponto – e a partir da ponta do consumo – não será suficiente para a alteração do sistema. A destruição de biomas, por definição, dizima espécies inteiras. E esse processo ocorrerá mesmo que deixemos de comer carne.

Isso não significa influência zero de quem optou por esse modo de vida, mas significa que mesmo do ponto de vista da preservação dos animais – não somente os indivíduos, de espécies inteiras – precisamos ir além da discussão sobre o consumo. Parafraseando a letra do Titãs, costumamos dizer no *De Olho nos Ruralistas* que monocultura é monocultura em qualquer canto – riquezas são diferentes. As monoculturas precisam ser combatidas por quem se propõe a preservar o planeta e sua biodiversidade.

### **IHU On-Line – O veganismo, mais do que abrir mão do consumo de carne, traz consigo**

## um modo de vida. Podemos falar numa ética própria? Por quê?

**Alceu Castilho** – Não sou especialista em veganismo e não posso falar desse modo de vida. O que posso dizer é que há diversas imposições do modelo econômico que estouram na ponta do consumidor. Este se torna refém de muita coisa pouco republicana que ocorre na cadeia produtiva, muitas vezes sem o saber. Há mais de 1.200 produtos baseados na soja. A participação da pecuária em relação a essa e outras monoculturas é expressiva. Mas não se esgota nela.

Viver sob um determinado modo de produção significa que não temos poderes plenos como consumidores, por maior que seja nossa boa vontade. A diminuição do consumo de carne – ou, para os veganos, a eliminação – é muito bem-vinda, mas não se esgotam aí os problemas relacionados ao ambiente e à agressão contra povos tradicionais. É preciso entender melhor o território e como ocorre essa captura dos recursos naturais. Como um todo, a economia. Contraponto? Direito à terra.

## IHU On-Line – De que forma essa “ética vegana” se confronta com a ética e as lógicas do agronegócio?

**Alceu Castilho** – Não necessariamente se confronta. Há veganos com farta noção de tudo o que falei acima, coerentes com determinada percepção sobre o planeta e seus habitantes, e outros que não veem problema nenhum no consumo, por exemplo, de alimentos processados. Mesmo assumindo um protagonismo amplo da ponta do consumo (insisto, não é a minha linha de análise) teríamos aí uma contradição, já que a indústria ligada ao agronegócio participa ativamente desse processo que, como disse, está ligado diretamente ao capital e prevê, intrinsecamente, destruição.

Que os veganos não interpretem tudo o que estou dizendo como uma definição de que estão errados. Não estão. Mas é preciso entender de forma ampla a cadeia produtiva e as im-

posições nos eixos da produção e da circulação. Um modo de produção não será revertido apenas pela ponta do consumo, essa disposição precisa ser casada com outras iniciativas.

## IHU On-Line – Por que pautas de cunho mais ambiental, que defendem o uso comum e de forma consciente de recursos naturais, são tomadas como pautas de esquerda? Quais os desafios para superar essa lógica?

**Alceu Castilho** – Porque no fundo não é possível conciliar a preservação do ambiente com as pautas de direita, com a proclamação da propriedade privada – e de sua expansão, concentração – como bem maior a ser preservado. No fundo, a extrema direita sabe disso, por isso odeia os ambientalistas. No caso dos liberais e do discurso empresarial há muito *greenwashing*<sup>1</sup>, e uma tentativa de convencimento de que tudo dá para todo mundo. Não dá, não temos oito planetas à disposição – e se tivéssemos eles seriam igualmente destruídos. Não há limites para a expansão do capital. A ética é a da falta de ética, por mais que alguns se esforcem em tentar dourar a pílula. Um dos desafios é reconhecermos que vivemos sob um modo de produção suicida, ou planetocida. É preciso pautar o direito à vida e o direito à terra.

## IHU On-Line – Como compreender a constituição e o poder da bancada ruralista no cenário político nacional brasileiro?

**Alceu Castilho** – Ela não representa apenas aquele Brasil atrasado, que seria superado por uma agricultura e uma pecuária mais modernas. Ela representa todo esse sistema do qual estou falando. Muito do que é apresentado como moderno faz

<sup>1</sup> **Greenwashing**: também conhecido como banho verde, indica a injustificada apropriação de virtudes ambientalistas por parte de organizações (empresas, governos etc.) ou pessoas, mediante o uso de técnicas de marketing e relações públicas. Tal prática tem como objetivo criar uma imagem positiva, diante da opinião pública, acerca do grau de responsabilidade ambiental dessas organizações ou pessoas (bem como de suas atividades e seus produtos), ocultando ou desviando a atenção de impactos ambientais negativos por elas gerados. (Nota da **IHU On-Line**)

parte desse mesmo esquema de pilhagem dos recursos naturais. E de captura incontente do território. É ruralista o grande latifundiário, mas também aquele político financiado por empresas – hoje em dia, empresários – do agronegócio, ou aquele político que pactua com todos esses setores por determinadas conveniências. No fundo, por pactuar com o sistema e com sua lógica excludente, a partir da qual bilhões de pessoas são exploradas nas relações de trabalho e privadas de uma terra para chamar de sua – o que caracterizaria o modo de vida camponês.

Não avançaremos enquanto não se entender o que é campesinato, essa classe que atravessa modos de produção e continua na resistência. Mas não chega ao Congresso porque o sistema (eleitoral, político) não permite.

## IHU On-Line – Qual a questão de fundo por trás do discurso de críticas do governo de Jair Bolsonaro a pautas ambientais, como, por exemplo, quando questiona o aquecimento global?

**Alceu Castilho** – A família de Bolsonaro tem terras no Vale do Ribeira<sup>2</sup>. Um cunhado dele foi condenado no ano passado por invadir terra quilombola. O candidato dele nessa região paulista foi igualmente condenado por invadir o Parque Estadual da Caverna do Diabo. Há interesses diretos do presidente nesse setor.

Mas, mesmo que ele não tivesse interesses diretos, ele enxerga o mundo a partir da ótica dos poderosos, não tem respeito nenhum por valores que passem pelo bem comum, pelo respeito à natureza (lembremos dele pescando ilegalmente no Rio) e à biodiversidade. A visão de mundo da extrema direita é excludente, e isso significa prever um planeta para poucos, a riqueza concentrada na mão de determinados eleitos, sob o signo de uma meritocracia que, sabemos, não existe. ■

<sup>2</sup> Vale do Ribeira é uma região localizada no sul do estado de São Paulo e no leste do estado do Paraná, no Brasil. Recebe este nome em função da bacia hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape e do Complexo Estuarino Lagunar de Iguape, Cananeia e Paranaguá. (Nota da **IHU On-Line**)

## O tema do Direito dos Animais já esteve presente em diversas publicações do IHU. Veja algumas:

- **A Encíclica Laudato Si' e os animais.** Artigo de Gilmar Zampieri, publicado no Cader-nos de Teologia Pública, número 110, disponível em <http://bit.ly/2Oc6ue3>.
- **Cada dia mais pessoas acreditam que os animais importam tanto como seres hu-manos.** Reportagem publicada por El País, 17-03-2019 e reproduzida nas Notícias do Dia de 18-03-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Cp0pGr>.
- **Animais, plantas, natureza: os direitos do meio ambiente.** Entrevista com Philippe Descola, reproduzida nas Notícias do Dia de 18-03-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2UJi8zw>.
- **Ética Animal.** Entrevista com Carlos M. Nacomecy, reproduzida nas Notícias do Dia de 20-02-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2UNbWXj>.
- **De Francisco de Assis ao Papa Francisco, um outro olhar sobre os animais.** Repor-tagem publicada por La Vie, 21-02-2019 e reproduzida nas Notícias do Dia de 04-03-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2TMgDnI>.
- **“Na Idade Média, os animais serviam para evangelizar os homens”.** Entrevista com Éric Baratay, reproduzida nas Notícias do Dia de 04-03-2019, no sítio do Instituto Huma-nitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2TOSzRf>.
- **Que lugar os cristãos dão aos animais?** Reportagem publicada por La Vie, 21-02-2019 e reproduzida nas Notícias do Dia de 28-02-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2W7a6R2>.
- **Sobre os direitos dos animais e a hipocrisia humana.** Reportagem publicado por Outras Palavras, 13-03-2019, e reproduzida nas Notícias do Dia de 15-10-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2TInY7E>.

[ihu.unisinos.br/evento/ontologias-anarquistas](http://ihu.unisinos.br/evento/ontologias-anarquistas)



# ONTOLOGIAS ANARQUISTAS

03 de abril a  
30 de maio de 2019

# O apogeu da resistência alegre e da consciência política na passarela do samba

Orlando Calheiros, doutor em Antropologia pela UFRJ/Museu Nacional, analisa o carnaval em sua expressão essencialmente contestadora

João Vitor Santos

Desde a última Quarta-Feira de Cinzas, 06-03-2019, quando a Liga das Escolas coroou a Estação Primeira de Mangueira como campeã do carnaval carioca, uma espécie de catarse tomou conta das rodas de conversa e das redes sociais. Todo mundo queria opinar sobre o samba-enredo História para Ninar Gente Grande, em que a agremiação faz uma crítica contumaz à “história tradicional” que elenca heróis que, na verdade, dizimaram outros, os verdadeiros heróis, que até hoje fazem resistência. Até quem não é do samba vibrou com o desfile e disse que a Mangueira despertou a consciência política do brasileiro que, pelo que parece, até bem pouco tempo flertava com a extrema direita racista, misógina e homofóbica. Mas o professor Orlando Calheiros não concorda com essa análise. Para ele, “o samba não faz despertar uma consciência política, o samba é a própria consciência política já desperta desses ‘pobres e periféricos’”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele observa como a questão deve ser invertida: não é o carnaval, o desfile e o samba da Mangueira que fazem o povo acordar. Na verdade, tudo isso é fruto do sentimento do povo, já está lá e o que ocorre na avenida é apenas a materialização desses sentimentos. “Acho que já passou da hora de abandonar essa repisada tese da ‘falta de consciência do populacho’ que herdamos de algumas interpretações clássicas da sociologia e da história. Beth Carvalho já falou muito, e muito bem, sobre isso (e não apenas ela)”, dispara Orlando. “O que importa, para mim, é compreender que se trata de esforços deliberados na direção, na elaboração de uma crítica por meio da poesia, por meio da música, por meio de uma estética.

Bezerra da Silva falava disso explicitamente quando afirmava que o ‘o morro só apanha e o samba é a sua defesa’”, completa.

O professor ainda lembra que o carnaval se faz resistência em sua essência. Haja vista que ele deriva dos próprios terrenos e batuques dos negros muito mais do que da gala dos luxuosos bailes. “O toque das escolas de samba deriva diretamente dos toques dos barracões de candomblé e umbanda. E sabemos bem como estes ‘batuques’ foram – e ainda são – perseguidos pelo Estado”, detalha. E observa: “o simples ato de executá-los diante de uma sociedade que não apenas os condena, como se mobiliza para destruí-los, a coragem que isso demanda, não pode ser diminuída, encarada como um ‘anestésico’ ou como ‘alienação’”.

**Orlando Fernandes Calheiros Costa** é doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ/Museu Nacional, onde coordenou o Grupo de Estudos da Ciência e Tecnologia e permanece como pesquisador do Núcleo de Antropologia Simétrica - NANSI. Trabalhou como pesquisador sênior do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, coordenando o Grupo de Trabalho Araguaia na Comissão Nacional da Verdade. Atuou ainda como pesquisador colaborador do Programa de Pesquisa em Biodiversidade - PPBio do Ministério da Ciência e Tecnologia. Realizou pós-doutorado no Departamento de Filosofia da PUC-Rio, onde também atuou como professor visitante.

A entrevista foi publicada originalmente nas Notícias do Dia de 13-03-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Y032Yp>.

**Confira a entrevista.**



## “Se trata de um acontecimento puro, ritualístico e cíclico, que se atualiza ano a ano durante o carnaval”

### **IHU On-Line – Como avalia o desfile da Mangueira? O que mais lhe chamou atenção?**

**Orlando Calheiros** – Um acontecimento puro no sentido forte do termo. Mas se engana quem pensa que se trata de um acontecimento único, singular, muito pelo contrário. Diria que se trata de um acontecimento puro, ritualístico e cíclico, que se atualiza ano a ano durante o carnaval. Melhor, durante os carnavais (pois existem carnavais e carnavais).

E digo isso mirando não apenas no desfile das escolas de samba, mas no carnaval de rua, nos blocos – veja a potência do Cacique de Ramos no Rio de Janeiro, dos Filhos de Gandhi na Bahia e inúmeros outros ao redor do Brasil – ou até mesmo de forma individual. Esse é o ponto para mim, justamente, o Carnaval – e alguns dos ritmos que lhe servem de base, como o samba e o axé music – produz acontecimentos puros. Rio que passa em nossas vidas, parafraseando a belíssima descrição de Paulinho da Viola sobre o desfile da Portela.

E essa me parecer ser uma forma muito refinada de resistência política (re-existência), algo que durante muito tempo uma certa esquerda, fascinada, enfeitada mesmo, diria, por uma certa teleologia, foi incapaz de apreender enquanto tal. Quer dizer, muitos ainda são incapazes de fazê-lo. E, no geral, quando o fazem, acabam adotando um discurso condescendente com relação a isso,

digo, ao carnaval e aos ritmos que lhe servem de base.

### **A Mangueira, o samba, a potência**

Mas o que eu estou dizendo com isso? Que quando o Marquinho Art’Samba<sup>1</sup> – intérprete oficial da escola – entou “Mangueira, tira a poeira dos porões” fez emergir, libertou certos fluxos do desejo, devires-menores/minoritários com os quais se pode inscrever um presente absoluto, isto é, um momento a partir do qual tanto o passado quanto o futuro se transformam. Tem coisas que invadem o coração, diria parafraseando João Nogueira<sup>2</sup>, o desfile da Mangueira trouxe estas coisas consigo. Mas esse é o ponto, não apenas ele (o desfile). Esta é uma qualidade fundamental do samba quando bem feito – o que não significa ter um conteúdo político óbvio –, trazer consigo, fazer emergir algo que escapa e que nos arrebatava, produzindo um efeito de superfície. Fluxos do desejo, podemos dizer em um vocabulário reconhecível pela nossa filosofia, enfim, o que nos importa é que isto que o samba traz consigo nos permite inscrever (e por isso experimentar) os termos de uma outra história (ainda que por um breve

momento). Nesse caso, não mais a história do triunfo dos modernos sobre a natureza, sobre outros povos, trata-se aqui da história dos heróis dos barracões, dos negros e dos indígenas. Uma outra história, portanto, um outro mundo possível.

Vão me chamar de idealista, romântico, etc... Mas insisto nesse ponto, essa é a potência do samba, trazer consigo algo que escapa e nos arrebatava, e por meio desse algo experimentar os termos de uma outra história. Quando João da Baiana cantava “Batuque na cozinha / Sinhá não quer / por causa do batuque eu queimei meu pé” em 1917, ele não estava fazendo outra coisa que trazendo à tona, fazendo emergir, o sofrimento do povo negro, sua perseguição.

A música – e aqui compro a tese do antropólogo Marcos Altivo<sup>3</sup> – é essencialmente um ato insurrecional, uma caracterização da forma como a república velha perseguia os chamados “batusques” (uma perseguição que, podemos dizer, é uma tradição brasileira, vem, pelo menos, de meados do século XVIII). Poderíamos dizer que o samba não fora o primeiro a fazer isso, pelo contrário, que herda isso, essa capacidade de fazer emergir a dor do povo negro, do lundu. Vide, por exemplo, o famoso Lundu do Pai João “Quando iô tava

<sup>1</sup> **Marcos Pereira Antonio** (1970): mais conhecido como Marquinho Art Samba, é um intérprete de sambas de enredo brasileiro, que ficou conhecido pelas suas passagens na Unidos de Padre Miguel, Imperatriz Leopoldinense e Império Serrano. Atualmente é o intérprete oficial da Estação Primeira de Mangueira. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **João Baptista Nogueira Junior** (1941 —2000): mais conhecido como João Nogueira, foi um cantor e compositor brasileiro. Desde o início de sua carreira ficou conhecido pelo suingue característico de seus sambas. É pai do também cantor e compositor Diogo Nogueira. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Marcos Altivo**: possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense, mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense e doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo. Fez um estágio pós-doutoral na University of Leicester. Atualmente é professor da Universidade Federal Fluminense, atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia do esporte, História Oral, Cultura Popular, História e Literatura e religião. (Nota da **IHU On-Line**)

na minha terra / Iô chamava generá / Chega na Terra dim baranco / pega o cêto vai ganhá”.

Como diz o “Canto das Três Raças” de Mauro Duarte, imortalizado na voz de Clara Nunes, o samba traz consigo aquilo que “ninguém ouviu”. Esse é o ponto, o samba, o carnaval, os carnavais – poderíamos estar falando aqui do Ilê Aiyê, por exemplo, sem nenhum problema –, trazem consigo, fazem emergir esses fluxos do desejo, devires-menores, com os quais podemos – e muitos o fazem cotidianamente – inscrever uma forma de re-existência (para nos utilizarmos do feliz neologismo cunhado por Viveiros de Castro<sup>4</sup>). Ele codifica, dá forma e propaga a possibilidade de se contar uma outra história, e por meio dessa outra história constituir, ainda que momentaneamente – a duração não importa – uma outra forma de vida, um outro mundo. O desfile da Mangueira foi isso, uma atualização cristalina dessa potência do samba e do carnaval, um acontecimento puro.

**IHU On-Line – Qual deve ser o efeito da vitória da Mangueira e a popularização de seu samba-enredo na vida cotidiana das pessoas pobres e periféricas? Podemos afirmar que seu samba faz despertar uma consciência política?**

**Orlando Calheiros** – Esse é o meu ponto, justamente, o samba não faz despertar uma consciência política, o samba é a própria consciência política já desperta desses “pobres e periféricos”. Acho que já passou da hora de abandonar essa repisada tese da “falta de consciência do populacho” que herdamos de algumas interpretações clássicas da sociologia e da história. Beth Carvalho já

falou muito, e muito bem, sobre isso (e não apenas ela). Pegue, por exemplo, a letra de “Ô Isaura”, escrita pelo Rubens da Mangueira – “Tia Maria tem sete filhos / Todos sete pra comer / A panela é pequenina / Dividir que eu quero ver.” – ou de “Quando o Povo entra na Dança” – “A cuíca chora/ Pois há roubo na balança” – ambas gravadas pela própria Beth Carvalho. O conteúdo político dessas músicas me parece bastante óbvio, é o povo denunciando a própria penúria, a exploração, o sofrimento. Mais uma vez, o samba traz consigo a mensagem que “ninguém ouviu”.

E não é de agora, vide que uma das versões de “Pelo telefone”, o primeiro samba gravado, já denunciava, por exemplo, a permissividade da polícia com relação à contravenção – “O Chefe da polícia / Pelo telefone / manda me avisar / Que na carioca tem uma roleta para se jogar”.

E não podemos ser condescendentes com relação a isso. Digo isso para não cairmos na ideia de que eles estão apenas “cantando a sua realidade”, pois eles poderiam cantar sobre inúmeras outras coisas. E de fato o fazem. Enfim, o que importa, para mim, é compreender que se trata de esforços deliberados na direção, na elaboração de uma crítica por meio da poesia – arte por meio da arte da vida, como se dizia sobre Nelson Cavaquinho –, por meio da música, por meio de uma estética. Bezerra da Silva falava disso explicitamente quando afirmava que o “o morro só apanha e o samba é a sua defesa”. Mesmo músicas aparentemente insuspeitas como “Deixa a vida me levar”, do Serginho Meriti<sup>5</sup> e do Eri do Cais, eternizada na voz do Zeca Pagodinho<sup>6</sup>, podem ser lidas nessa

chave. Toda obra do Cartola...

Se formos olhar para o carnaval, para a história dos desfiles, vamos perceber exatamente isso, a quantidade de enredos que falam, justamente, da situação do povo negro, da escravidão, da desigualdade, dos seus sofrimentos. Reitero, desfiles que trazem à tona esses fluxos do desejo que nos permitem experimentar os termos de uma outra história, e por meio desta experiência inscrever uma forma de vida que resiste aos fluxos do capital. O samba nos permite inscrever uma outra forma de vida.

**Além do “anestésico do povo”**

Sei que muitos vão me odiar por falar isso, mas, enfim, só mesmo o racismo estrutural explica a forma como uma parcela significativa do nosso “pensamento social e político” ignora a potência dessas elaborações, reduzindo-as a anestésicos do povo e/ou manifestações folclóricas.

Se você for pensar, a própria forma, a estética do samba pode ser compreendida como um ato de “re-existência”. Um exemplo, sua rítmica é essencialmente centro-africana, o toque das escolas de samba deriva diretamente dos toques dos barracões de candomblé e umbanda. E sabemos bem como estes “bataques” foram – e ainda são – perseguidos pelo Estado. O simples ato de executá-los diante de uma sociedade que não apenas os condena, como se mobiliza para destruí-los, a coragem que isso demanda, não pode ser diminuída, encarada como um “anestésico” ou como “alienação”. Por favor, o João da Baiana<sup>7</sup> fora preso inúmeras vezes apenas por fazer samba.

Não é possível que as pessoas esqueçam que o sonho do escravocrata era a redução dos negros a meros

<sup>4</sup> Eduardo Viveiros de Castro (1951): antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concedeu a entrevista *O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife* à edição 161 da *IHU On-Line*, de 24-10-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon161>. Entre outras publicações, escreveu *Araweté: O Povo do Ipixuna* (São Paulo: CEDI), *A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)* (São Paulo: Cosac & Naify) e *Metafísicas canibais* (São Paulo: Cosac & Naify). Também é autor do prefácio do livro *A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> **Serginho Meriti** (1959): nome artístico de Sérgio Roberto Serafim, é um cantor e compositor brasileiro. Nascido no bairro de Madureira, foi criado na cidade de São João de Meriti, na Baixada Fluminense, por um pai gaúcho violonista e mãe cantora e compositora de hinos religiosos. Fez diversas parcerias com importantes nomes do samba, como Alcione, Zeca Pagodinho, Neguinho da Beija-Flor e Arlindo Cruz. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>6</sup> **Zeca Pagodinho** (1959): nome artístico de Jessé Gomes da Silva Filho, é um cantor e compositor brasileiro. Gravou mais de 20 discos e é considerado um grande nome do gênero samba. O artista, que começou sua carreira nas rodas de samba dos bairros de Irajá e Del Castilho, subúrbio do Rio de Janeiro, tornou-se tão imensamente popular que seus shows chegam a ser contratados por cachês generosos, sendo realizados nas mais badaladas casas de espetáculo do país. Sempre fiel a suas características de

irreverência e jocosidade, Zeca recebe também reconhecimento da crítica e de artistas e compositores consagrados. Nei Lopes afirma que o sambista “é uma das poucas unanimidades nacionais, elevado ao patamar do mega-estrelato pop pelas gravadoras”. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>7</sup> **João Machado Guedes** (1887 —1974): conhecido como João da Baiana, foi um Compositor popular, cantor, passista e instrumentista brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

utensílios, ferramentas dos brancos. E eles resistiram a isso. Que se esqueça que o projeto eugenista da república buscava obliterar qualquer coisa que remotamente pudesse ser associada ao povo negro, seus corpos, inclusive. E ainda assim eles persistiram.

Como isso, essa persistência, contra tudo e contra todos pode ser ignorada? Como isso pode não ser “consciência política”? Chega-se a ignorar fatos que deveriam ser óbvios até para uma perspectiva sociológica mais tradicional. Por exemplo, que o samba, tem décadas, toca em pautas políticas que só hoje a esquerda (ao menos parte dela) considera fundamental. Um exemplo: em 1963, o Salgueiro já falava sobre a importância e o protagonismo da mulher negra com um desfile sobre Chica da Silva<sup>8</sup>. Em 1963. Inclusive, é fundamental lembrar que em 1957, veja só, em 1957, a Unidos da Ponte já possuía uma presidenta, dona Carmelita Brasil.

Veja, eu não estou aqui querendo produzir uma imagem idílica do universo do samba e do carnaval, eles também são atravessados e atualizam violências, machismo, racismo, etc... Apenas quero mostrar que ele dá vazão, oferece espaço para fluxos contestatórios, nos permite inscrever trajetórias minoritárias.

### Consciência política do samba

Mas não vamos nos estender por aqui, não agora. O que me parece fundamental é fugir desse vício de que consciência política se mede pelo voto, pela adesão à agenda política de partidos supostamente à esquerda. A consciência política do samba é de outra ordem, quase cos-

mológica, diria, sua “consciência”, sua resistência política consiste em dar voz àqueles que a sociedade tenta calar. Trazer consigo aquilo que “ninguém ouviu”. Bezerra da Silva não poderia ser mais explícito quanto a isso quando cantou: “E se não fosse o samba quem sabe hoje em dia eu seria do bicho? / Não deixou a elite me fazer marginal / E também em seguida me jogar no lixo”.

Reitero, o samba, o carnaval, é um ato deliberado de resistência à máquina genocida (etnocida) do Estado. Por isso eu digo, ele é a própria consciência política do excluído (assim como o rap). Ele é a voz do morro, como dizia Ze Keti<sup>9</sup> e tantos outros. Isso não quer dizer que essas pessoas não sejam capazes de elaborar outras formas de resistência política, de se organizarem em partidos políticos, de adotarem um discurso sociológico-acadêmico, muito pelo contrário. Apenas que o samba não pode ser reduzido ao termo folclore, a uma manifestação sem importância, um anestésico. Isso é racismo, é epistemicídio.

Para os que ainda insistem nisso é sempre bom lembrar no quanto o samba era condenado e perseguido pelo Estado. Se o samba fosse algo sem importância ele seria apenas ignorado. Mas não, ele incomoda e muito. E assim o faz pois tem uma natureza revoltosa. Um exemplo disso: em meados de 1940, o samba “O Bonde de São Januário”, composto por Wilson Batista e interpretado por Ataulfo Alves, foi censurado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, que exigiu que sua letra original – “O bonde de São Januário/leva mais um sócio otário/só eu não vou trabalhar” – fosse alterada por manifestar valores contrários aos do governo de Getúlio Vargas. Acabou se tornando “O bonde São Januário / Leva mais um operário / Sou eu que vou trabalhar”.

Por fim, eu inverteria essa questão. Gostaria de ver o efeito que isso tem

sobre certa *intelligentsia*<sup>10</sup> à esquerda, essa que insiste na repisada tese de que é preciso imbecilizar o debate político para atingir os populares. Espero que ela olhe para o samba da Mangueira e aprenda alguma coisa sobre ouvir a voz dos excluídos, dos “heróis de barracões”. De fato, gostaria que ela aprendesse a ouvir.

**IHU On-Line – Analisando o samba-enredo da Mangueira em suas redes sociais, você faz uma relação entre os rituais do candomblé e a preparação para o Carnaval. Gostaria que detalhasse e aprofundasse essas relações dessa festa com as religiões, especialmente de matriz africana.**

**Orlando Calheiros** – O samba, sua história, é indissociável das religiões de matriz africana. Pegue, por exemplo, o papel fundamental das chamadas tias baianas na origem do samba. Tratava-se de mulheres negras que chegaram ao Rio de Janeiro pelo fim do século XIX, a maior parte delas iniciadas no Candomblé – para quem não sabe, elas são as homenageadas na ala das baianas. Tia Ciata, a mais famosa dessas mulheres, por exemplo, era iyakererê – mãe pequena – na casa de João Alabá (um babalorixá bastante proeminente na história do candomblé). Enfim, foi ao redor destas mulheres, de suas casas, seus terreiros, foi da convivialidade inscrita pelas festas que elas promoviam que emergiram as primeiras rodas e composições do samba. Não é coincidência que “Pelo Telefone” tenha sido criada neste contexto, no quintal da casa de Tia Ciata. Lúcia Silva e Luís Antônio Simas já escreveram sobre o papel dessas mulheres no samba; recomendo a leitura desses trabalhos.

Enfim, o samba carioca nasce desse contexto. Diria, ele é esse contexto desdobrado – como já falamos. Se avançamos no tempo, veremos – e mais uma vez isso não é coincidência

8 **Francisca da Silva de Oliveira**, ou apenas Chica da Silva: (1732 - 1796); foi uma escrava, posteriormente alforriada, que viveu no Arraial do Tijuco - atual Diamantina - então pertencente ao município do Serro, Minas Gerais, durante a segunda metade do século XVIII. Manteve durante mais de quinze anos uma união consensual estável com o rico contratador dos diamantes João Fernandes de Oliveira, tendo com ele treze filhos. O fato de uma escrava alforriada ter atingido posição de destaque na sociedade local durante o apogeu da exploração de diamantes deu origem a diversos mitos. (Nota da **IHU on-Line**)

9 **Zé Keti** (1921 —1999), nome artístico de José Flores de Jesus, foi um cantor e compositor do samba brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

10 O termo *intelligentsia* usualmente refere-se a uma categoria ou grupo de pessoas envolvidas em trabalho intelectual complexo e criativo direcionado ao desenvolvimento e disseminação da cultura, abrangendo trabalhadores intelectuais. (Nota da **IHU On-Line**)

cia – que originalmente as baterias eram majoritariamente compostas por curimbeiros, isto é, ogãs atabaqueiros (aqueles que são responsáveis pela execução dos tambores e cantos durante os rituais de candomblé e umbanda), alebês, calofês, berês... Esse, inclusive, era um dos motivos pelos quais apenas homens compunham essas formações – tradicionalmente, apenas homens podem ser ogãs. Algo que foi quebrado já em 1938 por Dagmar da Portela, a primeira mulher a tocar surdo em uma bateria de escola de samba. Enfim, essa origem das baterias como atreladas aos terreiros explica o porquê da maioria dos toques das baterias modernas serem derivações diretas dos toques das religiões de matriz africana, como o agueré (ou quebra-prato) para Oyá do candomblé ou o Congo de Ouro da umbanda. Dito isto, não parece estranho que muitas escolas de samba conservem uma relação fundamental com estas religiões, inclusive, que algumas destas, suas quadras, tenham seu próprio gongá (altar das religiões de matriz africana). De fato, o que hoje chamamos de quadra até bem pouco tempo era conhecido como terreiro.

### Orixás no carnaval

Os orixás aparecem nas músicas, nas alegorias, nas fantasias, pois eles estão no centro e na origem das escolas de samba. Mais do que isso, são comuns relatos de pessoas incorporando entidades ou sofrendo irradiações durante os desfiles – tem coisas que invadem o coração –, por exemplo em 1976 durante o desfile da Império Serrado, “Lendas das Sereias”, e 1994, durante o desfile da Grande Rio, “Os Santos que a África não viu”.

Sobre o samba da mangureira, o ponto que eu gostaria de salientar é que a expressão heróis de barracões não se refere apenas aos que trabalham nos barracões do samba, mas também aos (vivos e entidades) que trabalham nos barracões de axé. Barracão, para quem não sabe, é uma das palavras utilizadas para se referir às casas de candomblé e umbanda.

**IHU On-Line – O Carnaval é uma festa dita pagã e tem suas origens na Antiguidade, sendo até hoje realizado em diversas partes do mundo. Mas, do ponto de vista antropológico, quais são as particularidades do carnaval brasileiro? E podemos falar em “carnavais” (no plural) brasileiros? Por quê?**

**Orlando Calheiros** – Eu diria que a originalidade do carnaval brasileiro, melhor, de alguns dos carnavais brasileiros se dá, justamente, por conta da influência, da potência que emana da matriz africana do nosso substrato populacional. É justamente essa rítmica, esse outro pensamento, que controla a invenção carnavalesca. Isso ocorre ao menos em dois dos carnavais famosos do país, o carioca e o baiano.

É importante abandonar esse vício do nosso pensamento eurocentrado que busca, a cada esquina, emular a Renascença Italiana. Como se o elemento europeu preponderasse sobre tudo e sobre todos. Muito pelo contrário, se você pega o carnaval carioca, o ritmo que embala sua apoteose, os desfiles das escolas que ocorre na Praça da Apoteose – veja só –, você vai encontrar – um termo que o Luiz Antônio Simas<sup>11</sup> adora usar – uma enzima africana. Lembro, a bateria, o coração de uma escola, carrega o DNA dos “heróis de barracões”. É uma manifestação do pensamento africano – e a invenção musical é uma das estéticas desse pensamento – que se aproveita de alguns elementos estéticos, da forma e do calendário europeu.

Isso fica claro quando você olha para o carnaval carioca e vê como as Grandes Sociedades Carnavalescas, nascidas na alta sociedade, desapareceram e foram substituídas pelas Escolas de Samba, de origem popu-

lar, negra. São as escolas de samba, nascidas dos terreiros, que fagocitam, se apropriam e transformam alguns dos elementos estéticos das Grandes Sociedades Carnavalescas (as alegorias, por exemplo) herdadas do carnaval europeu e não o contrário. Nos desfiles isso fica bem evidente, é a bateria, portanto os toques afros, que comandam, ditam o ritmo da evolução das escolas. Esse ato me parece uma descrição bastante precisa do samba (e do carnaval carioca, ao menos de sua apoteose).

Eu sei que muitos vão discordar de mim nisso, mas insisto que a potência do samba, e do carnaval que ele produz, que ele inventa, é a de fazer emergir, trazer à tona fluxos do desejo que nos permitem inscrever, experienciar os termos de uma outra história e por meio dela um outro mundo. Um mundo em que o elemento europeu não é o preponderante, dominante, mas é dominado, arrebatado pela potência que emana das rítmicas – e, portanto, das filosofias – africanas. Justamente, essa outra forma de contar a história é a originalidade do samba carioca.

“Se trata de esforços deliberados na direção, na elaboração de uma crítica por meio da poesia”

**IHU On-Line – Que leitura você faz da história dos indígenas contada pela Mangureira?**

**Orlando Calheiros** – Achei bastante adequada, sobretudo o ato de deslocar o papel dos bandeirantes. No lugar de heróis civilizadores, agentes da máquina genocida colonial. Esse é um ponto sensível, o reconhecimento de que o nosso país não foi

<sup>11</sup> Luiz Antônio Simas (1967): escritor, professor e historiador brasileiro. Professor de História no ensino médio, é mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Simas já trabalhou como consultor de acervo da área de Música de Carnaval do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, e como jurado do Estandarte de Ouro, maior premiação do Carnaval carioca. Foi também colunista do jornal O Dia, e desenvolveu o projeto “Ágoras Cariocas”, de aulas ao ar livre sobre a história do Rio de Janeiro. Em seus livros, procura resgatar a memória oral da cidade, especialmente da população marginalizada. (Nota da IHU On-Line)

constituído pelo mito das três raças, mas pelo “Canto das Três Raças”. Que a bisavó indígena não foi uma mulher que se enamorou por um estrangeiro, mesmo sem falar sua língua, mas que muito provavelmente foi uma escrava sexual. “Pega no laço”, como costuma-se repetir de maneira irreflexiva e cruelmente orgulhosa.

“O samba, o carnaval, é um ato deliberado de resistência à máquina genocida (etnocida) do Estado”

**IHU On-Line – A historiografia contemporânea defende que o indígena é parte de uma História do Brasil, não vítima ou coadjuvante, mas parte dessa História. Como você analisa essa linha interpretativa? Quais os desafios ainda hoje para trazer à luz os indígenas como parte da história do país?**

**Orlando Calheiros** – Eu diria que os esforços para reconhecer o papel dos indígenas no Brasil ainda são muito tímidos. Até mesmo por não se tratar apenas de reconhecê-los como agentes históricos, mas de aceitar que eles têm uma forma muito própria de contar a história e de inscrever, por meio dessa outra história, um mundo que nos é radicalmente estranho. Não me parecer suficiente ir até os indígenas, lhes perguntar sobre a sua “versão” dos eventos históricos apenas para, na sequência, submetê-los, sobrecodificá-los à luz da nossa própria epistemologia. “Veja! É assim que eles imaginam a experiência colonial”, “veja! É assim que eles experienciam a destruição de suas florescas pela máquina capitalista”.

Esforço condescendente e epistemicida, reduz o pensamento do outro ao erro, ao estado negativo do pensamento. É preciso ir além, é preciso compreender o pensamento que emana da cosmogonia destes povos, ouvir com atenção o que os filósofos indígenas, aquilo que gente como Davi Kopenawa<sup>12</sup> e Ailton Krenak<sup>13</sup> dizem sobre o mundo sem reduzi-los à ideia de “crença”. É preciso levar a sério a forma como estes povos inscrevem uma outra história, compreender os conceitos – no sentido forte do termo – que eles mobilizam e a matéria do real que eles propõem. Por fim, compreender que esse outro mundo, sua manutenção é a forma como estas populações re-existem continuamente, como re-existem a despeito dos esforços da nossa máquina genocida, etnocida e epistemicida.

Para mantermos o foco no tema original da entrevista. Em linhas gerais é o mesmo que eu proponho sobre o samba, sobre o pensamento que lhe dá origem. Quando Martinho da Vila descreve o corpo dos adeptos das religiões de matriz africana por meio da irradiação do axé em “Semba dos Ancestrais”, ele aciona uma série de conceitos, e com eles toda uma matéria do real distinta daquela professada pelo pensamento euro-americano (ou Moderno, para usarmos o conceito de Bruno Latour<sup>14</sup>). É preciso levar

<sup>12</sup> **Davi Kopenawa Yanomami** (1956): escritor e líder indígena brasileiro. Ainda criança, viu a população de sua terra natal ser dizimada por duas epidemias, ambas trazidas pelo contato com o homem branco. Trabalhou na Fundação Nacional do Índio como intérprete. Mudou-se para a aldeia Watorik+ na década de 1980. Casou-se com a filha do pajé e se tornou chefe do posto indígena Demini. Foi um dos responsáveis pela demarcação do território Yanomami em 1992. Recebeu o prêmio ambiental Global 500 da ONU. Em 2010, viu sua autobiografia *La chute du ciel*, escrita em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert, ser lançada na França. O livro teve tradução para o inglês, francês e italiano e sua edição em português saiu em 2015 *A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami* (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>13</sup> **Ailton Alves Lacerda Krenak** ou **Ailton Krenak**: mais conhecido como Ailton Krenak (Minas Gerais, 1953), é um líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro. É considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo reconhecimento internacional. Pertence à tribo indígena crenaque. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>14</sup> **Bruno Latour** (1947): filósofo francês, é um dos fundadores dos chamados Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT). É reconhecido, entre outros trabalhos, por sua contribuição teórica – ao lado de outros autores como Michel Callon e John Law – no desenvolvimento da *ANT - Actor Network Theory* (Teoria ator-rede) que, ao analisar a atividade científica, considera tanto os atores humanos como os não humanos, estes últimos devido à sua vinculação ao princípio de simetria generalizada. (Nota da **IHU On-Line**)

isso efetivamente a sério.

Inclusive, um adendo necessário, essa música, como um todo, é uma bela definição do acontecimento puro do samba. “Se teu corpo se arrepiar / Se sentires também o sangue ferver / Se a cabeça viajar / E mesmo assim estiveres num grande astral.”

Enfim, o ponto é que levar isso a sério é, justamente, compor com os elementos que emergem destas músicas (ou dos discursos proferidos por um xamã indígena) traz consigo outros mundos, mundos estranhos aos olhos da mitofilosofia ocidental. E que não existe apenas uma forma de se “inventar o mundo” (para usarmos uma expressão cunhada por Roy Wagner).

**IHU On-Line – A mesma periferia em que a esquerda perdeu terreno e a extrema direita ganhou espaço fez do carnaval seu palco de protesto contra a conjuntura política atual. Como compreender esses cenários?**

**Orlando Calheiros** – Primeiro, eu desconfio muito destas análises que jogam na conta dos “periféricos” (odeio o termo, inclusive) a ascensão do fascismo. Especialmente diante dos dados que mostram que o Bolsonaro eclodiu – de lá se espalhou – entre brancos escolarizados situados no topo da pirâmide de renda nacional. Então, é preciso ir com calma nessa generalização.

Segundo, é preciso fugir da lógica identitária que assola uma parcela desse entendimento. Lógica que determina se um determinado indivíduo é de direita ou de esquerda tendo em vista o seu voto. Por exemplo, quantos eleitores do Lula em potencial migraram para o Bolsonaro? Quantas destas pessoas ainda votariam no Lula caso ele tivesse concorrido? É necessário perguntar a essas pessoas o motivo de terem migrado ou mantido o seu voto.

Essa lógica identitária desaba quando, por exemplo, você vê que muitas pessoas são a favor de pautas

que usualmente englobamos como “justiça social”, mas ao mesmo tempo são a favor de pautas conservadoras. Você pode encontrar evangélicos – e eu conheço alguns aqui no subúrbio carioca – que militam pela população carcerária, são a favor de cotas, mas são contra pautas LGBT e a legalização do aborto. Sobre qual prisma podemos declarar essa pessoa como sendo de “direita/extrema direita” ou de “esquerda”?

### Campanha eleitoral

Seria preciso, ainda, compreender melhor como funcionam as campanhas políticas nessas regiões, trabalhos etnográficos bem elaborados que nos mostrem como este ou aquele candidato conseguiu conquistar o voto dessas populações. Por exemplo, a última eleição para prefeito no Rio de Janeiro, entre [Marcelo] Freixo e [Marcelo] Crivella, escancarou as dificuldades que a esquerda partidária enfrenta para se comunicar com essa parcela da população. E veja que aqui não estou falando apenas de problemas de segurança, como o domínio das milícias em diversas partes da cidade, estou falando de problemas de linguagem e tática. O próprio Freixo falou abertamente sobre isso ao fim das eleições.

Com efeito, hoje em dia, impulsionados por uma leitura racista e distanciada, muitos militantes, sobretudo na internet, defendem abertamente a imbecilização do debate político como uma tática para “conquistar os eleitores mais simples”. Quando você olha para a quantidade de pessoas defendendo esse absurdo você começa a compreender como a esquerda partidária perdeu espaço nessas regiões.

**IHU On-Line – Na sua opinião, a esquerda compreendeu o recado, a mensagem passada pelas pessoas nesse carnaval, das escolas de samba do Rio e São Paulo, aos trios elétricos da Bahia, até os blocos pelas ruas de todo o país? Por quê?**

**Orlando Calheiros** – Ainda é muito cedo para dizer, mas eu sou notoriamente pessimista quanto a isso. Ano após ano o samba, o carnaval que inventa, vem passando essa mensagem, ano após ano, e, parafrazeando mais uma vez o samba, “ninguém ouviu”. Essa mensagem não é de agora. Pega aí toda a história do Ilê Aiyê... Só o fato de as pessoas acharem que o que aconteceu neste carnaval foi algo inédito já demonstra o quanto elas não estão ouvindo. Mas enfim, meu sonho é estar errado.

**IHU On-Line – Quais os desafios para compreender o que o sujeito da periferia anseia? Em que medida as manifestações do carnaval, samba-enredo da Mangueira etc., são indícios desses desejos?**

**Orlando Calheiros** – Você ter que me fazer essa pergunta é justamente um sintoma do problema, quem deveria respondê-la é justamente o sujeito da periferia, não eu. Eu não posso dizer o que eles anseiam, mas posso te garantir que tudo que eles menos querem é serem infantilizados e/ou tutelados no debate político. O que parece ser um vício das esquerdas partidárias, infelizmente. E, como disse acima, o samba é a própria consciência dessas populações, é a sua voz.

**IHU On-Line – O que o tuíte do presidente Jair Bolsonaro em que tenta depreciar o carnaval revela? Que estratégia há por trás dessas ações?**

**Orlando Calheiros** – Bolsonaro não é o primeiro e nem será o último poderoso a se incomodar com o carnaval. A lista é longa. Ainda, não me parece coincidência de que ele tenha sido o principal alvo dos foliões. Quem esteve nas ruas viu como ele era alvo contínuo de chacotas. E desconfio que isso tende a aumentar nos próximos carnavais conforme sua popularidade diminuir – isto é, se ele continuar no cargo, o que já não parece tão certo dada a quantidade de escândalos que já se acumulam.

O que o tuíte dele revela? Bem, revela o óbvio, revela a personalidade obsessiva e autoritária – digo isso para não usar o equivalente freudiano – do presidente, uma pessoa que deliberadamente ignora os protocolos fundamentais do cargo que ocupa por motivos estritamente pessoais. Que não vê problema algum – e esse para mim é o maior dos problemas – em expor cidadãos, inclusive potencialmente à violência, apenas para se “defender” do contraditório popular. A estratégia é pueril e já começa a desgastá-lo, não é à toa que pouco tempo depois ele foi na internet, fez “uma live” se comprometendo a retirar imagens que considera pornográficas das cadernetas de vacinação.

**IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Orlando Calheiros** – Gostaria que as pessoas ouvissem mais o samba e isso é muito diferente de “apenas” ouvir samba. ■

## Leia mais

- Totalitarismo como forma de existir. Um olhar aikewara sobre o “mundo branco”. Entrevista especial com Orlando Calheiros, publicada nas Notícias do Dia, de 23-11-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2HwaYdS>.

# ‘Capitalismo gore’ e a carnavalização da política

A professora Ivana Bentes analisa como a política transborda também para os espaços de cultura

João Vitor Santos | Edição: Patricia Fachin

“**P**renderam os executores de Marielle, mas quem mandou matar? Essa é a pergunta que importa agora”, diz a professora e pesquisadora Ivana Bentes à IHU On-Line, ao comentar a recente prisão de dois suspeitos do assassinato da vereadora carioca e de seu motorista, Anderson Gomes, que foram brutalmente executados há um ano. Segundo ela, “o caso Marielle Franco vem num crescente desde o Carnaval e as homenagens que foram feitas em diferentes escolas de samba, nos blocos apontam para um fenômeno singular de ressignificação da sua morte e a fixação de Marielle Franco em um imaginário político brasileiro e global que atravessa fronteiras”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail, Ivana ressalta que “a política entrou para o cotidiano dos brasileiros” e que esferas que antes estavam separadas, como política e futebol ou política e carnaval, agora estão juntas. É isso que explica, por exemplo, que o mesmo Rio de Janeiro que elegeu políticos da extrema direita também se tornou palco de protestos. “Não existe contradição” nesses dois fatos, frisa. Ao contrário, “existe uma disputa narrativa, uma disputa para efetivar mundos e as eleições, o carnaval, os blocos nas ruas, as práticas religiosas lutam em diferentes fronts nessa guerra cultural”.

Segundo ela, “o samba-enredo da Mangueira mostrou que parte dos brasileiros e dos eleitores de Bolsonaro acreditaram na história oficial, contada pelos colonizadores brancos e escravistas; acreditaram no patriarcado e na

exploração do trabalho dos muitos, celebraram o extermínio indígena, acreditaram em heróis como Padre Anchieta, Duque de Caxias, Floriano Peixoto, padres e militares mostrados pisando sobre corpos ensanguentados na avenida, em uma das imagens mais incríveis e chocantes de releitura da nossa história. E que produz um espelho real demais, atual demais, do próprio ideário bolsonarista e ultraliberal. Eram os bolsonaristas espelhados nas mesmas teses e valores dos escravocratas!”.

A professora também rebate as análises daqueles que criticam a politização de outras esferas da vida. “Não tem nada pior para a extrema direita do que a ideia de ‘politizar’ um acontecimento do cotidiano. Politizar a festa, o carnaval, o enterro, politizar a vida. Como se fosse algo escandaloso e condenável.”

**Ivana Bentes** é professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Diretora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É doutora em Comunicação, com graduação e mestrado em Comunicação Social pela mesma instituição. Ainda, foi secretária de Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura de 2015 a 2016. Tem se dedicado a dois campos de pesquisa: Estéticas da Comunicação, Novos Modelos Teóricos no Capitalismo Cognitivo, e Periferias Globais: produção de imagens no capitalismo periférico. Desde 2009 é coordenadora do Pontão de Cultura Digital da ECO/UFRJ.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - O assassinato de Marielle e de seu motorista Anderson Gomes completa um ano. Essas manifestações que tomaram o Carnaval e agora a prisão dos suspeitos de assassinato podem impactar essa data? De que forma?**

**Ivana Bentes** - O caso Marielle Franco vem num crescente desde o Carnaval e as homenagens que foram feitas em diferentes escolas de samba, nos blocos apontam para um fenômeno singular de resignificação da sua morte e a fixação de Marielle Franco em um imaginário político brasileiro e global que atravessa fronteiras. Marielle se tornou um ícone e um símbolo das lutas mais radicais e vitais: das mulheres, das periferias, das negras, dos LGBTs. Ela carrega na sua figura lindíssima, forte e pop, uma síntese de tudo que é contemporâneo.

Vendo a iconografia em torno do seu rosto e sorriso largo, seu cabelo vistoso, suas roupas enfeitadas, me dou conta que Marielle é a nossa Frida Kahlo, no sentido dessas mulheres que suportam ou encarnam todas as dores do mundo com essa vitalidade e beleza que nos afeta e impacta. No caso de Marielle o fato de ter sido brutalmente assassinada no auge da sua potência e juventude produzem um efeito de comoção e empatia gigantescos.

Marielle se transformou em uma ideia e em uma linguagem. É a cara de uma nova esquerda pop e global, por isso é também odiada, porque era a cara de um futuro que precisava ser exterminado, como nesses filmes de ficção científica em que forças retrógradas e abissais enxergam o que chega produzindo uma colisão de mundos.

A sua imagem estava em bandeiras verde e rosa no desfile da Mangueira neste carnaval, no samba-enredo e em uma ala. Nesse sentido, foi muito comovente e feliz o samba-enredo que colocou Marielle, Marias, Mahins e Malês no mesmo samba e na mesma linha evolutiva de uma outra historiografia brasileira.

**IHU On-Line - O Rio de Janeiro da Mangueira e de outras escolas de samba que fizeram da avenida o palco de protestos é o mesmo que eleger nomes da chamada nova direita. Como compreender esse fenômeno?**

**Ivana Bentes** - Não existe contradi-

ção. Existe uma disputa narrativa, uma disputa para efetivar mundos e as eleições, o carnaval, os blocos nas ruas, as práticas religiosas lutam em diferentes fronts nessa guerra cultural.

O que é surpreendente é que as esferas que eram consideradas separadas: política e futebol, política e carnaval explodiram. Veja que não tem nada pior para a extrema direita do que a ideia de “politizar” um acontecimento do cotidiano. Politizar a festa, o carnaval, o enterro, politizar a vida. Como se fosse algo escandaloso e condenável.

Os ataques conservadores são sempre pueris: estão querendo “politizar” isso ou aquilo. Usam isso como um xingamento. Pois justamente nós estamos vendo uma carnavalização da política e uma politização do carnaval e do cotidiano. Isso já tinha acontecido em 2013 quando politizamos o futebol, o que parecia impossível, a Copa do Mundo e os megaeventos, e também emergiram outras formas e linguagens que estetizavam e renovavam os discursos políticos. A política entrou para o cotidiano dos brasileiros em um contexto conflagrado e de embate. Uma tempestade semiótica, uma guerrilha comunicacional que chegou no auge nas eleições de 2018.

O caso do Rio de Janeiro é emblemático. Temos um alinhamento distópico. Pense em uma conjunção infernal: um presidente da República de extrema direita, um governador saído do submundo do WhatsApp propondo premiar matadores, um prefeito evangélico que criminaliza a festa, o carnaval, as manifestações de rua.

O Rio de Janeiro hoje é o cenário do apocalipse em que se trava um embate crucial: o Brasil do capitalismo mafioso, dos poderes fáticos e essas emergências, como Marielle Franco e uma cultura das periferias exuberante em que todos são empreendedores da própria vida e inovadores.

O Rio de Janeiro é a vitrine do capitalismo mafioso, o laboratório de um capitalismo que precisa de violência e desigualdade para florescer. É o que a teórica mexicana Sayak Valencia Triana chama de “capitalismo gore” no contexto do México, mas que ser-

ve para o Brasil:

“Esse termo se refere ao derramamento de sangue explícito e injustificado, à altíssima porcentagem de vísceras e desmembramentos, frequentemente mesclados com a precarização econômica, ao crime organizado, à construção binária do gênero e aos usos predatórios dos corpos, tudo isso através da violência explícita como ferramenta de ‘necroempoderamento’.”<sup>1</sup>

E o que é esse “necroempoderamento” no Rio de Janeiro, um Estado em que a relação entre política, polícia e milícia se tornou indissociável? Valencia Triana fala de “processos que transformam contextos e/ou situações de vulnerabilidade e/ou subalternidade em possibilidade de ação e auto-poder” a partir de práticas distópicas e de autoafirmação perversa. Fala de práticas violentas rentáveis dentro das lógicas da economia capitalista”. E o que mais importa em um contexto em que os “os corpos são concebidos como produtos de intercâmbio que alteram e rompem o processo de produção do capital, já que subvertem os termos deste”.

Por isso falamos de uma necropolítica, como diz o teórico negro Achille Mbembe, em que a vida e os corpos são o objeto de extermínio e destruição. O uso de violência extrema, as execuções, os assassinatos, a tortura, o sequestro, a venda de órgãos humanos, tudo entra nesse contexto do capitalismo gore em que uma Marielle Franco pode ser executada pelo que significava politicamente e pelo que encarnava no seu corpo. As emergências e os corpos disruptivos, que abalam a lógica do sistema.

Ou seja, no México ou no Brasil e em muitos outros contextos, em uma epidemia global, o que vemos são a popularização de práticas criminosas e a violência como ferramenta de enriquecimento rápido que permitirá sustentar não apenas bens comerciais, mas que produz valorização social: narcocultura e milícias.

**IHU On-Line - Como compre-**

<sup>1</sup> Saiba mais em <http://bit.ly/2HGJNN>. (Nota da entrevistada)

## ender o que representa a morte da vereadora Marielle Franco?

**Ivana Bentes** - Prenderam os executores de Marielle, mas quem mandou matar? Essa é a pergunta que importa agora. Os policiais militares suspeitos do assassinato de Marielle Franco foram presos dois dias antes do 14/03, um ano de sua execução bárbara, talvez para neutralizar os atos em sua memória que acontecerão no Rio, no Brasil e pelo mundo. É difícil imaginar que dois milicianos resolveram matar Marielle de forma “abstrata”, por causa da agenda que ela defendia simplesmente. Mas não é difícil imaginar o mandante ou os mandantes do crime matando dentro da agenda desse “capitalismo gore” que precisa de uma cultura para florescer.

Em nesse sentido a cultura das milícias que matou Marielle é a mesma da família Bolsonaro, é a mesma professada por parte do grupo político que chegou ao poder com o presidente Jair Bolsonaro. O Sargento Ronnie Lessa, apontado como o executor e atirador que matou Marielle, mora no mesmo condomínio de luxo da Barra da Tijuca em que mora Jair Bolsonaro. O problema não é apenas factual, apesar da nefasta coincidência.

A família Bolsonaro não precisa estar envolvida diretamente no assassinato de Marielle Franco para ficarmos escandalizados, por exemplo. Estão envolvidos com a cultura das milícias e dos grupos de extermínios, a cultura dos torturadores, como expressam publicamente e como ficou provado com os milicianos que empregam nos seus gabinetes e prestam homenagem na Alerj. Ou com seus aliados políticos que quebraram a placa em homenagem a Marielle em um ato de vandalismo e tantas outras relações de proximidade com o Escritório do Crime no Rio de Janeiro.

PMs, milícias, e a família presidencial defendem esses valores mais nefastos e antidemocráticos e não se comovem com o horror da execução de uma mulher extraordinária e uma vereadora do Brasil. O caso Marielle se tornou hoje algo muito maior, no contexto da eleição de Bolsonaro e de ascensão da extrema direita, no cenário da eleição

do governador Witzel no Rio de Janeiro, um “desconhecido” que, associado a Bolsonaro, saiu do submundo do WhatsApp para o governo de um dos mais importantes estados do Brasil.

Marielle ganha um significado gigantesco porque encarna hoje todos os discursos de resistência a esse estado de coisas. Uma onda global diante de um assassinato real e simbólico, que mata valores que prezamos. Marielle morta e tudo em torno desse assassinato talvez seja a maior força para o início de uma derrocada de Bolsonaro e da cultura de extrema direita que foi vocalizada e visibilizada pós-eleições. Marielle é uma peça-chave para sairmos do modo de operação das milícias reais e simbólicas.

### **IHU On-Line - Como a senhora analisa a postagem do presidente que, em sua conta oficial no Twitter, tenta denegrir a imagem do Carnaval? O que está por trás dessa ação?**

**Ivana Bentes** - O presidente do Brasil respondeu a provocações dos blocos de carnaval de rua, que em todo Brasil viralizaram o “Ei Bolsonaro vai tomar no cu” e outros impropérios, tentando desqualificar a maior e mais amada festa de rua popular brasileira com uma imagem garimpada nas redes para “horrorizar” o cidadão de bem. Como se o carnaval de rua fosse um vídeo pornográfico da deep web proibido para a família brasileira. Mas dessa vez não funcionou porque simplesmente Bolsonaro estava falando da festa mais conhecida do país, e não da “ideologia de gênero”, do “comunismo” ou de outras fantasmagorias abstratas.

Assim, no meio de um carnaval ativista e politizado, com mil blocos contra tudo o que está aí, o presidente da República desceu ao mais baixo com o mesmo modus operandi da “mamadeira de piroca” e das fake news que o elegeram, desqualificando a festa e o seu povo. Bolsonaro e seus mentores parecem desconhecer o básico do carnaval: deboche, ironia, inversão, humor, fazer em público o que se esconde no privado, liberdade. A maior tecnologia de catarse e beleza deste país.

O carnaval de rua brasileiro renasceu, floresceu, cresceu e hoje é orgulho em todo o Brasil! São Paulo, que já foi o “túmulo do samba”, reinventou o carnaval e hoje a cultura carnavalesca faz a felicidade de milhões nas ruas de todo o país — e de graça. Além de aquecer a economia, o turismo e o “FIB”, a felicidade interna bruta dos brasileiros, dos mais pobres aos mais ricos. Um dispositivo de reversão das forças mais hostis, da violência, desigualdade e pobreza em deslumbramento e alegria.

O fascismo bolsonariano é apenas isso: uma promessa de partilha do ódio e do uso da violência real e simbólica. Este é o grande e único projeto de governo e ele foi eleito para isso. Mas com 100 dias de governo, o “projeto” vai se revelando em todo o seu horror.

### **IHU On-Line - O que o episódio de publicação desse vídeo revela acerca da estratégia de comunicação do presidente Jair Bolsonaro? Que fenômeno é esse e o que implica essa postura do presidente de buscar um canal de comunicação alheio à própria mídia?**

**Ivana Bentes** - O vídeo postado para horrorizar a família é de um jovem gay manipulando o próprio ânus. Pouco depois, o cara que está ali em cima com ele mijando nos seus cabelos, o que é catalogado entre as práticas sexuais como “chuva dourada” ou golden shower.

Uma provocação com uma plateia mínima em um lugar qualquer deste Brasil. Muitas outras imagens descontextualizadas e isoladas poderiam ser postadas para “causar”. Mas para quê? O vídeo foi garimpado na web pelos assessores de Bolsonaro para mostrar a verdade do carnaval! Eis a mentira. E isso utilizando-se da conta do presidente da República no Twitter para todo o mundo ver e “odiar” o carnaval do Brasil. O presidente prefere entrar em guerra contra o carnaval em vez de encarar a sua rejeição no campo narrativo.

A estratégia foi a mesma usada para desqualificar as manifestações

do #EleNão durante a campanha para as eleições de 2018. Depois das manifestações capitaneadas pelas mulheres contra Bolsonaro em todo o Brasil, as milícias digitais bolsonaristas inundaram o WhatsApp com imagens de mulheres nuas, atos sexuais, pornografia, imagens sem datas e nem origem, como se fossem a verdade sobre as manifestações.

O MBL não hesitou em, mesmo reprovando o post de Bolsonaro, voltar à associação entre artistas, cultura, pornografia e perversão, publicando em 7 de março deste ano um texto intitulado “‘Artistas’ mijões e cagões ganham espaço na imprensa”. Mas a estratégia eleitoral se mostra ela mesma grotesca e “fora de lugar” quando o candidato se torna o presidente da República mantendo o mesmo comportamento aberrante da campanha.

### **IHU On-Line - Alguns analistas consideraram que a Mangueira ofereceu um caminho de revolução histórica. Que caminho é esse e no que consiste essa ideia de revolução?**

**Ivana Bentes** - Eu prefiro falar simplesmente de uma releitura da história que ressignifica as lutas e os heróis para responder aos desafios um presente urgente. Uma história viva que reconecta passado, presente e futuro. As narrativas históricas podem ser disputadas não apenas pelos historiadores, mas pelos blocos de rua, incontrolláveis, ou pelas escolas de samba, na avenida, como vimos nos desfiles da Paraíso de Tuiuti e principalmente da Mangueira, sagrada campeã do Carnaval 2019. Ou seja, estamos falando de uma vitória narrativa contra o Brasil oficialismo, normativo, hierárquico.

A nossa bandeira agora será Mangueira, cantaram as multidões quando a escola de samba apresentou a história do Brasil de ponta-cabeça, com um samba lindíssimo encenando uma sociedade racista, comandada pela branquitude, por escravocratas; um enredo corajoso sambando na cara dos conservadores e nas teses da extrema direita.

O samba-enredo da Mangueira mostrou que parte dos brasileiros e dos eleitores de Bolsonaro acreditaram na história oficial, contada pelos colonizadores brancos e escravistas; acreditaram no patriarcado e na exploração do trabalho dos muitos, celebraram o extermínio indígena, acreditaram em heróis como Padre Anchieta, Duque de Caxias, Floriano Peixoto, padres e militares mostrados pisando sobre corpos ensanguentados na avenida, em uma das imagens mais incríveis e chocantes de releitura da nossa história. E que produz um espelho real demais, atual demais, do próprio ideário bolsonarista e ultraliberal. Eram os bolsonaristas espelhados nas mesmas teses e valores dos escravocratas!

A Mangueira homenageou os indígenas, as mulheres negras, os quilombolas, transformando os heróis oficiais em anões no seu abre-alas. Uma ousadia e um choque. A Mangueira fez uma festa-desfile-protesto contra o assassinato de Marielle Franco na Sapucaí em uma homenagem emocionante que triunfa sobre a morte. Não verás um país fascista no carnaval. O Brasil mostrado apresentou uma bandeira nova, com “índios, negros e pobres” no centro do projeto de país. Uma simbologia forte e esteticamente popular. Uma contranarrativa de tudo que está aí.

Existe hoje um ativismo mainstream que passa pelas grandes manifestações culturais massivas, e o Carnaval é um desses lugares que consolidam outros imaginários e fazem a disputa narrativa. A Paraíso do Tuiuti e a Mangueira levantaram o sambódromo. Tuiuti de volta literalmente ao discurso “alégorico” para contar a história do Bode Ioiô, político vindo do nada, “um bode vindo lá do interior/Destino pobre, nordestino sonhador/Vazou da fome, retirante ao Deus dará/ Soprou as chamas do dragão do mar”, com muitas alusões à saga de Luiz Inácio Lula da Silva e aos coxinhos de arminhas na mão e até um carro alégorico ativista ao final com a faixa “Ninguém solta a mão de ninguém”, símbolo das lutas e resistência antibolsonaristas.

A Mangueira reescreveu uma parte da história: “Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento/ Tem

sangue retinto pisado/Atrás do herói emoldurado/ Mulheres, tamoios, mulatos/Eu quero um país que não está no retrato”. Vimos o Padre Anchieta e Duque de Caxias, um religioso e um militar, pisando sobre corpos negros, indígenas, corpos de homens e mulheres. O carro que fechou o desfile da Mangueira com as bandeiras verde e rosa de heróis contemporâneos e lutas ancestrais levou à catarse: “Brasil, chegou a vez. De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês”.

### **IHU On-Line - Levando em consideração o samba-enredo da Mangueira, campeã do carnaval carioca, e as manifestações políticas presentes em outras escolas de samba e blocos em todo o Brasil, como analisa este Carnaval dentro do atual contexto político?**

**Ivana Bentes** - O carnaval é um momento em que se pode dizer a “verdade”, escrachar, explicitar o que está reprimido. Então a linguagem carnavalesca, o humor, o escracho, são as linguagens que melhor respondem ao populismo digital e a essa estética do grotesco na política.

Por que os que vestem a camiseta do torturador Ustra se incomodam tanto com uma performance na rua, que é uma exceção e não a regra do carnaval? Por que se incomodaram tanto com a performance no Rio de Janeiro de uma atriz que colocou baratas de plásticos sobre sua genitália, vestida, mas fazendo alusão à tortura praticada pelo Coronel Ustra, ídolo da família Bolsonaro?

Talvez porque essas performances produzam, na sua literalidade e “mau gosto”, a crueza e o horror desses atos inomináveis defendidos pela extrema direita. Porque “igualam” em termos estéticos (mas não nos valores) o horror dos atos de extrema direita e as performances simbólicas que usam o choque como crítica e resistência. Diante do horror e das palavras e dos atos brutais de nossos governantes, só nos resta o “choque do real” na mesma moeda e com o mesmo “mau gosto” e demência?

Censurada pelo governador, a performance no Rio aconteceu na rua e foi enviada à Polícia Militar para quem sabe nos impedir de ver o óbvio e/ou “tirar as crianças da sala”. O que não podemos ver, afinal, que o Coronel Ustra fazia e gabava-se e seus seguidores celebram? Se celebram, por que querem esconder? Porque sabem que é vergonhoso e a performance expõe o óbvio. Aliás, as mulheres também eram mantidas nuas nas sessões de tortura! Por que agora querem censurar a nudez e a sexualidade?

Se estamos em uma “guerra cultural”, a cultura tem o maior poder de produzir um curto circuito em “tudo que está aí”. Uma arte sim brutal, literal, que nos embrulhe o estômago, nos enoje e não nos deixe acostumar com o horror. O que vimos no carnaval não foi sequer uma performance intencional, poderia sim ser considerada “atentado ao pudor”, mas é algo tão pequeno dentro da beleza e grandiosidade da festa que destacar essa imagem explícita a guerra de valores, a guerra narrativa feita da forma mais baixa.

### IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

**Ivana Bentes** - Sim, esse ativismo mainstream no carnaval e nas ruas aponta para outras formas de disputas narrativas, com base nos corpos e comportamentos. A performance de José de Abreu, autoproclamado Presidente da República do Brasil, é outro bom exemplo. Um ator atuando de forma irônica e paródica, esrachando a fragilidade das democracias latino-americanas, incomoda os puristas da direita e da esquerda.

O Presidente da República eleito agora tem um espelho que amplifica seu comportamento tosco. Bolsonaro

não é melhor que o personagem de Zé de Abreu: tosco, pimpão, fanfarrão e narcisista. E incomoda a esquerda que acha que qualquer coisa que “não seja séria”, qualquer expressão na linguagem popular do deboche, do grotesco e da sátira é “impuro”. Parece que não aprenderam nada com a eleição de Bolsonaro, o presidente meme!

A extrema direita tem uma legião de youtubers, fazedores de memes, personagens zueiras e uma milícia digital. O humor, a carnavalização são linguagens políticas. Nós falamos tanto na cultura popular digital e quando ela chega e se massifica, quando ela chega e nos derrota, parte da esquerda toma horror do processo e da linguagem e não do seu uso.

Ou seja, além de trabalho de base, organização, autocrítica, formação, novas lideranças políticas, blá blá blá, nós precisamos de uma legião de zéde-abreus, de youtubers, de zoadores, de carnavalescos, uma massa crítica no comentariado das redes que professe e lute por outros valores não conservadores e não fascistas, em todas as mídias e usando todas as linguagens.

Precisamos de escolas de memes, porque só a “comunicação séria”, só os panfletos, só os abaixo-assinados para letrados, só os manifestos, só os partidos, só os movimentos organizados, não resolveu não! Continuaremos a fazer letramento, mas no momento um programa de auditório como Amor e Sexo, ou a festa do Oscar, ou o #8M nas ruas ou tudo que é mainstream deveria nos interessar muito.

O campo das esquerdas perdeu as eleições presidenciais por fatores múltiplos e complexos, mas também por não saber renovar a sua linguagem. E ninguém tem a fórmula mágica para isso. Precisamos de um ativismo pop

e mainstream. Se o Zé de Abreu fura a bolha e incomoda o Presidente da República que nomeou um aliado, um ex-ator pornô deputado, Alexandre Frotta, para processá-lo por “confusão no aeroporto”, temos que ficar atentos. O cabaret está vindo abaixo! Não precisamos ficar no “bomgostismo” das nossas verdades complexas apenas.

Como diria o Bandido da Luz Vermelha, personagem genial do cineasta Rogério Sganzerla: “Quando a gente não pode fazer a gente avacalha”. Aliás, uma das linguagens potentes das manifestações de 2013.

Não estou discutindo a posição de Zé de Abreu em nenhum caso específico, mas sua performance como bobo da corte em 2019. Aliás, as sátiras presidenciais no Brasil têm sido eficazes e suas personas virtuais também, como a Dilma Bolada e outras. O Zé de Abreu só fez o “download” do personagem virtual para o “real” (que aliás nunca estiveram separados) e ajuda a carnavalizar a política.

Se Zé de Abreu também comete erros, como declarar que “ser branco agora é um privilégio” deve ser trollado até aprender, exatamente como o nosso presidente original. Estamos em uma fronteira confusa em que o grotesco da política e da paródia se confundem. Não precisamos lidar com a política apenas de forma objetiva e racional. Os idiotas da objetividade era como Nelson Rodrigues chamava carinhosamente as pessoas que liam o mundo literalmente e de forma objetiva. Isso em um texto antológico que criticava a “monstruosa e alienada objetividade” jornalística. Por isso acredito que a carnavalização é nossa aliada em um mundo que experimenta a desrepressão bárbara, mas também o que essa desrepressão possa ter de libertária. ■

## Leia mais

- **Fatura exposta ou o transe da democracia. Arranjos novos vêm com frescor para desarrumar o arrumado.** Entrevista especial com Ivana Bentes, publicada nas Notícias do Dia, 03-05-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2TeE8Ao>.

- **Velocidade e política: os desafios para vivenciar uma democracia em tempo real.** Entrevista especial com Ivana Bentes, publicada nas Notícias do Dia, 29-11-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2ue8rxi>.

# As milícias crescem velozmente por dentro do Estado

Segundo o sociólogo José Cláudio Alves, o poder de atuação das milícias cresce no Rio de Janeiro a partir de informações privilegiadas, que são obtidas de dentro do Estado

Patricia Fachin

**A** prisão dos dois acusados de estarem envolvidos no assassinato da vereadora Marielle Franco e seu motorista, Anderson Gomes, “é a exceção de uma regra”, diz o sociólogo José Cláudio Alves à **IHU On-Line**. “A regra é que membros de milícias são intocáveis, seus negócios se ampliam e eles têm dimensões crescentes desse poder e agora expressam isso a partir do assassinato de pessoas que ocupam cargos no âmbito político e que são contrárias aos seus interesses”, menciona.

Na entrevista a seguir, concedida por WhatsApp, Alves frisa que “a estrutura política e econômica das milícias no Rio de Janeiro hoje começa a ganhar vários outros contornos, que não eram perceptíveis e que agora se manifestam”. Entre eles, o sociólogo cita a atuação da milícia na construção do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro – Comperj em Itaboraí. “Várias empresas terceirizadas estão atuando na construção da obra e a milícia está controlando quem vai trabalhar nessas empresas. Isso já é um passo à frente em relação à atuação das milícias anteriormente: a milícia detecta onde o capital está se manifestando — nesse caso é um capital público em parceria com empresas privadas — e, ao ficar a par da situação, manipula essa informação e passa a controlar de forma violenta o acesso a esse emprego, cobrando taxas e valores das pessoas que

querem trabalhar nessas empresas. Assim esses empregados terão que repassar parte dos seus salários para os milicianos. Essa é uma novidade nesse campo no Rio de Janeiro”, informa.

Outra novidade no Rio de Janeiro é a atuação da milícia marinha, que, segundo Alves, atua a partir de informações de que o Ministério da Pesca e Aquicultura não está fornecendo licenças para pescadores. “Essa milícia aborda os pescadores no mar, quando eles estão pescando, exige a licença que o pescador não tem e passa a exigir valores semanais para permitir que o pescador possa continuar pescando. Então, surgiu na costa do Rio de Janeiro essa milícia marítima que passa a controlar os pescadores”, denuncia.

José Cláudio Alves é graduado em Estudos Sociais pela Fundação Educacional de Brusque. É mestre em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio e doutor, na mesma área, pela Universidade de São Paulo - USP. É professor na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ.

A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias do Dia de 18-03-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2THEAwp>.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Que avaliação o senhor faz da investigação do assassinato de Marielle e Anderson Gomes, ao longo do último ano, que culminou com a**

**prisão de dois suspeitos de estarem envolvidos com o crime?**

**José Cláudio Alves** – A minha avaliação em relação às apurações e investigação da polícia no caso Ma-

rielle é que elas foram muito lentas. Essa demora acaba acarretando uma série de complicações para saber se, de fato, esses são os responsáveis. A princípio parece que os dois presos

## “A minha avaliação em relação às apurações e investigação da polícia no caso Marielle é que elas foram muito lentas”

foram os responsáveis, mas a pergunta que fazemos é quantas pessoas estavam envolvidas nisso e quem são os mandantes envolvidos nesse crime. Muitas questões ficaram soltas e ao longo do tempo elas não foram investigadas nem apuradas, o que gera consequências, como a morosidade da investigação, a dificuldade de ela prosseguir, de averiguar quantos outros suspeitos poderiam ser identificados no processo mas não serão. Paira a dúvida sobre se de fato não haveria indícios mais contundentes e próximos a grupos políticos que hoje ocupam espaço no âmbito federal, se não haveria ligações mais profundas, mas que com a demora da investigação acabam sendo perdidas e apagadas.

Essa demora toda nos faz refletir, mas a prisão dos suspeitos é algo importante e acaba, de outro lado, amortecendo a busca de explicações, acaba sendo uma espécie de “cala a boca” e subterfúgio, e também acaba sendo um alívio para esse sofrimento todo, mas não vejo o processo como algo conclusivo.

**IHU On-Line - As notícias divulgadas na imprensa dizem que as investigações do caso Marielle chegaram até o chamado Escritório do Crime, um poderoso grupo miliciano de Rio das Pedras que atua sob encomenda. O senhor tem informações sobre esse grupo?**

**José Cláudio Alves** – Não tenho detalhes sobre como o Escritório do Crime atua. Sei que Rio das Pedras é uma favela histórica, muito gran-

de, de imigração de nordestinos, que está na área da zona Oeste do Rio de Janeiro, onde a milícia tem uma presença extremamente forte. Essa é uma das áreas mais antigas, que está na base da formação das milícias no Rio de Janeiro. As milícias dessa região têm uma forma muito peculiar de atuação no campo da venda de terrenos. Na zona Oeste existe a presença muito grande de um tipo de solo chamado turfa, que é um solo inadequado para a construção de casas porque é muito movediço e não permite a estrutura de alicerce das construções. Por conta disso, há um controle naquela região das áreas em que é possível construir, ou seja, há um limite e uma faixa específica para a compra de terrenos e construção de casas. Esse processo é controlado pela milícia, que tem informações privilegiadas, as quais são obtidas dentro do Estado, já que são os agentes do Estado que circulam nesse âmbito. Esse é um mercado que se expandiu muito naquela região, porque trata-se de uma área onde há muita procura por moradia, porque ela é vinculada a processos migratórios, principalmente de nordestinos.

Os comerciantes daquela região iniciaram o processo de financiamento das milícias para impedir que o tráfico de drogas acesse aquela comunidade. Logo, aquela é uma área onde a atuação da milícia é muito consolidada e movimentada muitos recursos. A busca por um dos envolvidos no Escritório do Crime, Adriano de Nóbrega, revelou que a mãe e a esposa dele trabalharam como assessoras de Flávio Bolsonaro enquanto ele era deputado estadual

no Rio de Janeiro. O próprio Flávio também fez várias comendas de homenagens à atuação de milicianos no estado do Rio de Janeiro. Então, há uma vinculação forte dessa milícia com a estrutura do poder político dos Bolsonaros. Tudo indica isso, haja vista a situação da esposa e da mãe do Adriano de Nóbrega, o qual parece ser uma das lideranças do Escritório do Crime.

Desde o início eu sabia que havia o “dedo da milícia” e a prática típica de execução primária de grupos de extermínio, e que isso levaria aos negócios e aos interesses econômicos de políticos que a milícia estabelece a partir daquela região, mas numa rede que é muito maior do que Rio das Pedras. Então, toda essa rede pode ter algum grau de envolvimento no assassinato de Marielle, na sua organização, na sua proteção e no seu financiamento. Demorou um ano para se dar um retorno muito pífio desse caso, que foi a prisão de duas pessoas. Essa é uma estrutura muito mais ampla e com muito mais relações, uma rede muito maior que deveria ser revelada e apresentada nesse quadro.

**IHU On-Line - O governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, disse que os presos pela morte de Marielle e Anderson Gomes serão convidados a fazer delação premiada na nova fase da investigação, que quer chegar aos mandantes do crime. Nos últimos anos há uma série de debates jurídicos e políticos acerca da necessidade**

## ou não da delação premiada na investigação de crimes. Como o senhor avalia esse tipo de medida para este caso específico para se chegar aos mandantes do crime?

**José Cláudio Alves** – Não tenho uma reflexão muito consolidada sobre o estatuto da delação premiada. O que me impressiona é que existe uma dimensão organizada do crime a partir do Estado e, portanto, parece que facilmente seria possível ter acesso ao que esses grupos fazem, como atuam de forma organizada dentro do Estado, mas o que se vê é que os que investigam e buscam a justiça estão numa ratoeira, como se tivessem que se esconder desses grupos. Ou seja, não se tem uma atuação clara, consistente e firme da conduta das investigações, e aí se buscam subterfúgios, como delações premiadas. Me impressiona muito o poder que esses grupos têm e a fragilidade da estrutura do judiciário frente a esse poder, a ponto de ele próprio se ver encurralado, em busca de delações premiadas para algo que é escancarado, que está nas ruas.

Alega-se que é preciso ter uma delação premiada para poder avançar na investigação e isso virou uma possibilidade. Se os efeitos disso fossem reais e trouxessem à baila toda essa rede e fizessem uma atuação em rede a ponto de dar um baque significativo nessa estrutura e restringi-la... mas até agora não vi nada disso acontecer. Pelo contrário, cada baque que essa estrutura sofre é pequeno, o que permite a sua rápida recomposição muito facilmente.

## IHU On-Line - Qual é o poder político das milícias que atuam no Rio de Janeiro hoje? Quem faz parte dessa estrutura?

**José Cláudio Alves** – O braço político tem se ampliado desde as últimas eleições no campo federal, principalmente, e estadual, com a eleição, se não de milicianos diretamente eleitos, de bancadas de partidos de ultradireita, partidos conservadores e partidos vinculados a uma

lógica fundamentalista religiosa, permitindo a eleição de uma bancada fundamentalista, conservadora e voltada para a lógica de que “bandido bom é bandido morto”. Nesse sentido, a bancada da bala se ampliou muito no Rio de Janeiro, projetando figuras simplesmente insignificantes, ignoradas pela população daqueles que atuavam politicamente, que vieram numa onda extremamente conservadora projetadas por esse discurso do aumento da violência, aumento da execução sumária, da prática da eliminação do outro, da lógica do desarmamento, e tudo isso tem ampliado o poder político desses grupos.

Isso é visível no Rio de Janeiro, e os reflexos já estão sendo vistos pelo aumento do número de operações policiais com chacinas, com mortes de pessoas, o aumento de desaparecidos forçados. E o mais preocupante são as subnotificações: não está ocorrendo registro de homicídios e desaparecidos; eles não estão sendo registrados por conta da lógica do medo associada à lógica da violência crescente da instituição Estado e do aparato policial. Isso tem um efeito de repressão a todo e qualquer registro de atos violentos e perdas de direitos. A tendência é esse cenário piorar e fortalecer ainda mais esses grupos em termos políticos naquela região. Tenho dito que cinco décadas de grupos de extermínio se reverteram em 70 a 75% da votação que Bolsonaro e a extrema direita que se associou a ele obtiveram na última eleição na Baixada. Isso não é uma surpresa; foi algo construído ao longo das últimas cinco décadas, se contarmos tudo que aconteceu desde a ditadura empresarial militar no Brasil. É sob essa égide que vivemos ainda.

## Atuação das milícias

A estrutura política e econômica das milícias no Rio de Janeiro hoje começa a ganhar vários outros contornos, que não eram perceptíveis e que agora se manifestam. Vou dar alguns exemplos. Um deles é em Itaboraí, uma cidade metropolitana do Rio de Janeiro, onde está sendo

construído o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro - Comperj, cujas obras do governo federal estavam paradas e foram retomadas recentemente. Várias empresas terceirizadas estão atuando na construção da obra e a milícia está controlando quem vai trabalhar nessas empresas terceirizadas. Isso já é um passo à frente em relação à atuação das milícias anteriormente: a milícia detecta onde o capital está se manifestando — nesse caso é um capital público em parceria com empresas privadas — e, ao ficar a par da situação, manipula essa informação e passa a controlar de forma violenta o acesso a esse emprego, cobrando taxas e valores das pessoas que querem trabalhar nessas empresas. Assim esses empregados terão que repassar parte dos seus salários para os milicianos. Essa é uma novidade nesse campo no Rio de Janeiro.

Outra novidade é a milícia marítima, que atua a partir de informações de que o Ministério da Pesca e Aquicultura não está fornecendo licenças para pescadores há três anos ou mais. Essa milícia aborda os pescadores no mar, quando eles estão pescando, exige a licença que o pescador não tem e passa a exigir valores semanais para permitir que o pescador possa continuar pescando. Então, surgiu na costa do Rio de Janeiro essa milícia marítima que passa a controlar os pescadores.

Uma terceira forma de ampliação das milícias é o controle de serviços médicos nos hospitais públicos no Rio de Janeiro. Escutei que no hospital geral de Bom Sucesso, um hospital federal, a milícia controla quem acessa e quem tem direito aos serviços do hospital e cobra taxas por isso. Então, isso também é uma inovação. A venda de drogas também passou a ser utilizada pela milícia como uma forma de trabalho e atuação. A milícia não só aluga pontos de drogas para facções do tráfico, mas agora faz a própria venda da droga. Então, o leque de atuação das milícias se amplia e todo esse leque de atuação tem seu braço político.

“Me impressiona muito o poder que esses grupos têm e a fragilidade da estrutura do judiciário frente a esse poder, a ponto de ele próprio se ver encurralado em busca de delações premiadas para algo que é escancarado, que está nas ruas”

### **IHU On-Line – Qual é a relação das milícias com o Estado?**

**José Cláudio Alves** – A relação das milícias com o Estado é determinante para o que ela se transformou nos dias de hoje, uma estrutura de poder absoluta, ampla, autoritária, expressiva e crescente no Rio de Janeiro. Tenho dito que a milícia atua com duas faces que são determinantes: a legal e a ilegal.

A face legal da milícia é a condição de ter acesso a informações privilegiadas do Estado a respeito de terras, propriedades, monopólios de comércios, pagamentos de impostos, sobre operações policiais que blindam a milícia de prisões; tudo isso faz parte da dimensão legal.

Também faz parte dessa dimensão o fato de a polícia operar o judiciário na sua ponta com investigações, repressões, ou seja, o processo jurídico inicial envolvido na dimensão do judiciário é controlado pela polícia e seus agentes e isso dá mais poder aos milicianos.

A face ilegal, que é a face criminosa, assassina, torturadora, totalitária, obstrui qualquer tipo de contestação do seu poder que mata e executa quem se contrapõe a ela. A milícia só tem esse poder todo graças à dimensão legal das informações e dos postos que esses agentes ocupam dentro do Estado.

Assim, a face legal e a ilegal se complementam e se projetam uma na outra, criando uma estrutura totalitária, fechada, blindada, intocável. A prisão desses dois acusados é a exceção de uma regra. A regra é que membros de milícias são intocáveis, seus negócios se ampliam e eles têm dimensões crescentes desse poder e agora expressam isso a partir do assassinato de pessoas que ocupam cargos no âmbito político e que são contrárias aos seus interesses.

A meu ver a milícia tem dimensões mais poderosas e mais amplas do que eu poderia ter imaginado há algum tempo. As milícias crescem velozmente por dentro do Estado e se beneficiam dessa dupla face da mesma moeda, a face legal e a ilegal. O ilegal é o Estado. Por mais que o Estado se reconheça como legal e trabalhe com essa concepção para todos nós, o determinante aqui é a dimensão ilegal, que ultrapassa a dimensão do legal, ampliando os poderes do Estado e dando a ele uma face cada vez mais totalitária, absoluta, irresistível, incontornável e capaz de controlar massas e espaços geográficos ao longo do tempo, de uma forma como nós vivemos hoje. Essa face ilegal amplia o poder do Estado, não restringe o seu poder. Não é o anti-Estado, o poder paralelo, mas sim a presença multidimensional de um Estado autoritário, totalitário e ditatorial. Nós nunca saímos da ditadura; saímos da ditadura oficial para a ditadura dos grupos de extermínio

e milícias, que é a forma que opera hoje nessas regiões e no Rio de Janeiro. Essa estrutura submete todos nós a esse controle e poder da tortura e da execução sumária.

### **IHU On-Line - Como o senhor avalia o pacote anticrime encaminhado à Câmara pelo novo governo, que aposta em três vias: combate a crimes de corrupção, combate ao tráfico de drogas e combate a crimes de violência?**

**José Cláudio Alves** – O pacote do Moro vai na contramão de toda a minha avaliação e de tudo que venho falando ao longo dos anos. O pacote anticrime se insere na lógica totalitária, ditatorial e autoritária da estrutura policial, que é a base de alimentação do crime organizado expresso na milícia. Moro, ao defender os princípios do próprio Bolsonaro, como o excludente de ilicitude, alega que o agente de segurança, numa condição de estresse e sem controle do ambiente e do momento em que está atuando, permite a ele o uso da violência letal, do assassinato e homicídio como forma de solução daquelas questões, eximindo aquele policial de responsabilidade.

Na verdade, isso era tudo que esses grupos apoiadores dessa estrutura política ideológica da extrema direita queriam. Eles não vão mais precisar colocar capuz para matar; vão matar como milicianos. Agora, eles podem matar de cara limpa e vão dizer que estavam no cumprimento do seu dever, sob forte tensão. Trata-se da ampliação e explosão de um processo que já está em crescimento e expansão. É isso que nos assusta, porque irá gerar dimensões mais graves e desrespeitosas dos direitos da população. Esse pacote também aumenta a punitividade, amplia a dimensão de encarceramento, amplia as penas, o que é uma grande ilusão, porque é na dimensão penitenciária que se dá a organização dessas grandes facções.

Encarcerar e prender não vai resolver o problema. Pelo contrário, hoje

as facções operam pelo sistema penitenciário. É preciso fazer o contrário: desmontar essas estruturas, esvaziá-las e tratar as drogas não como problema de polícia, mas de saúde e de educação. É preciso desmilitarizar a polícia para que o policial dialogue com a população e construa uma lógica política de proteção, para que o policial não seja o agente que mais mata e que mais morre. Então, é preciso reformular a estrutura e não reforçá-la e ampliá-la. De outro lado, é preciso investir em políticas públicas que possam proteger essa população mais frágil. Não vemos isso. Vemos a perda e a destruição dos direitos dos trabalhadores. Esse pacote do Moro avança no caminho inverso do que deveria ser. Esses grupos vão se fortalecer mais ainda com essas medidas.

### **IHU On-Line - Como o senhor avalia o fato do caso Marielle ter ocupado outros espaços, chegando até mesmo ao Carnaval?**

**José Cláudio Alves** – O fato de Bolsonaro ter postado imagens quase pornográficas, se referindo ao carnaval nessas dimensões, comprovam

o efeito que o carnaval trouxe para o país inteiro em termos da crítica, da afronta, da insubordinação e da resistência a essa dimensão da extrema direita no poder. Bolsonaro expressa isso tentando fazer do carnaval o mesmo discurso de mentira, de dissimulação e destruição que ele fez na época da campanha eleitoral do ano passado, como ele fez com a campanha que as mulheres iniciaram do #EleNão. Ali foi feita a mesma estratégia: foram montadas fake news com imagens de mulheres nuas e em situações diferenciadas em relação à tradição moral e familiar que esses grupos defendem, para desqualificar as manifestações. Até que ponto ele vai conseguir resultados, mantendo essa estratégia? A impressão que dá é que ele está se lixando para o que a sociedade faz; ele não quer governar. Ele quer dilapidar, quer destruir, assassinar e investir em dimensões conservadoras, em perdas de direitos, em redução do papel da mulher na sociedade, na diminuição de direitos de gays, lésbicas, travestis, quer aprofundar a dimensão do racismo contra as populações negras e indígenas. Ele é uma bomba de hidrogênio de efeito devastador que

elimina as divergências e oposições. Ele é a expressão disso.

Enfim, temos a milícia no poder. Ela chegou a se consolidar numa dimensão municipal, estadual e federal, numa dimensão mais crescente. É esse meu diagnóstico. Essa dimensão do que ocorre no carnaval é a expressão da resistência, a expressão aguerrida de luta popular em espaços em que o povo está para expressar a sua inconformidade com tudo que vem acontecendo.

Espero que esses espaços se ampliem na sociedade como um todo, que a verdade vença, supere esse ódio, mentira, covardia e essas execuções sumárias de um Estado totalitário e de uma sociedade que se sujeita a esse totalitarismo. Espero o retorno à consciência, à solidariedade, à lucidez, à compaixão, aos direitos e à proteção dos mais fracos, e não esse Estado dilapidado. Isso não pode ser feito com ilusões: hoje esse Estado é algoz de toda a população brasileira e a milícia é a expressão mais brutal e violenta desse torturador que está na nossa frente. Esse é o dilema que a sociedade terá que enfrentar. ■

## Leia mais

- **Intervenção no Rio de Janeiro é mais uma encenação político-midiática.** Entrevista especial com José Cláudio Alves, publicada nas Notícias do Dia de 20-02-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <https://bit.ly/2Ffhxz>.

- **Marielle e os dois pilares do poder e do capitalismo: o patriarcado e o aparato do Estado penal racista.** Entrevista especial com Alana Moraes e José Cláudio Alves, publicada nas Notícias do Dia de 23-03-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <https://bit.ly/2HzNDRw>.

- **UPPS e a reestruturação do tráfico no Rio de Janeiro.** Entrevista especial com José Cláudio Alves, publicada nas Notícias do Dia de 24-10-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <https://bit.ly/2JgPmon>.

- **“A lógica do PCC é a lógica da sociedade brasileira”.** Entrevista especial com José Cláudio Alves, publicada nas Notícias do Dia de 13-11-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <https://bit.ly/1Q8HSLx>.

- **Uma guerra pela regeografização do Rio de Janeiro.** Entrevista especial com José Cláudio Alves, publicada nas Notícias do Dia de 26-11-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <https://bit.ly/1FebVfP>.

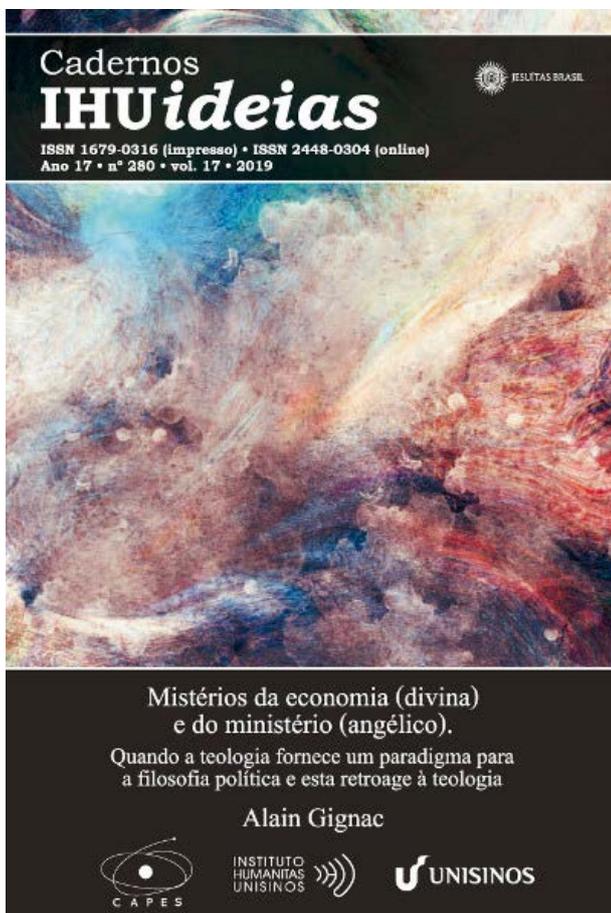
# Mistério da economia (divina) e do ministério (angélico)

A edição 280 dos Cadernos IHU Ideias apresenta o texto *Mistério da economia (divina) e do ministério (angélico)*, de Alain Gignac. A hipótese central defendida por Alain Gignac, no presente artigo, é que “Agamben busca, num primeiro momento, articular a vida interna e eterna de Deus com sua ação providencial e temporal no mundo, duas faces distintas de uma mesma medalha que nunca devem ser separadas”. Já em um segundo momento, o autor atesta que Agamben parece demonstrar de forma precisa esse ponto de não separação, que a política moderna, infelizmente, adquiriu apenas a parte imanente do dispositivo econômico, promovendo, desta forma, um sério e profundo desequilíbrio, dando origem à biopolítica. “A solução de Agamben consiste em encontrar articulação bipolar original, redescobrimdo a dimensão contemplativa ociosa da vida divina, ou melhor, do tempo messiânico”.

“A solução de Agamben consiste em encontrar articulação bipolar original, redescobrimdo a dimensão contemplativa ociosa da vida divina, ou melhor, do tempo messiânico”.

**Alain Gignac** é doutor em Teologia Prática, diretor do Instituto de Estudos Religiosos da Faculdade de Artes e Ciências (Faculdade de Teologia e Ciências da Religião da Universidade de Montreal) do Canadá, desde 1999, onde leciona Novo Testamento. Especializado no corpus paulino, ele interessa-se pelos métodos de análise sincrônica (retórica, estrutural, narratológica e intertextual) e os seus impactos hermenêuticos.

A versão completa deste Cadernos IHU Ideias está disponível em <http://bit.ly/2YouJAn>.



# A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual

A edição 281 dos Cadernos IHU Ideias apresenta o texto *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual*, de Mário José Maestri Filho. Neste artigo, o autor procura “analisar sinteticamente a Revolução de 1930, o nacional-desenvolvimentismo getulista, e os governos de Dutra, JK e Jânio Quadros”. A pesquisa aborda “a renúncia de Jânio e as condições que permiti-

tiram a derrota da tentativa golpista”. Por fim, o autor estabelece uma rápida aproximação entre “aqueles sucessos e os dias atuais”. Segundo Maestri, diferentemente do ato extremo de Vargas em 1954 e da insurgência da Campanha da Legalidade em 1961 liderada por Leonel Brizola, “a rendição de Lula em 7-4-2018 sem resistência [...] teve consequências desastrosas para o movimento social”.

**Mário José Maestri Filho** possui graduação em Ciências Históricas pela Universidade Catholique de Louvain (1977), mestrado em Ciências Históricas – UCL (1977) e doutorado em Ciências Históricas – UCL (1980). Atualmente é professor titular do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo – UPF.

A versão completa deste Cadernos IHU Ideias está disponível em <http://bit.ly/2Cl-f7hm>.

Estas e outras edições dos Cadernos IHU Ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br). Informações pelo telefone (51) 3590-8213.





Outras edições em [www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores](http://www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores)



## Vegetarianismo: uma opção ética

Edição 350 – Ano X – 8-11-2010

*A preocupação ambiental e a conscientização de que os animais também são seres que merecem respeito e têm direito à vida estão levando muitas pessoas a aderirem ao vegetarianismo. A IHU On-Line entrevistou alguns militantes que optaram pelo vegetarianismo ou o veganismo e pesquisadores e pesquisadoras que estudam o tema.*



## Desperdício e perda de alimentos: Impactos sociais, econômicos e ambientais

Edição 452 – Ano XIV – 1-9-2014

*Em maio de 2014, realizou-se na Unisinos o XV Simpósio Internacional IHU tendo como tema “Alimento e nutrição no contexto dos Objetivos do Milênio”.*

*O evento inspirou e suscitou o tema de capa da revista IHU On-Line Nº 452, pois a perda e o desperdício de alimentos implicam enormes impactos sociais, econômicos e ambientais, como atestam os pesquisadores que participam do debate travado nas páginas dessa edição.*



## O ECOmenismo de Laudato Si': da crise ecológica à ecologia integral

Edição 469 – Ano XV – 3-8-2015

*Frente ao paradigma tecnocrático dominante, a Carta Encíclica do Papa Francisco Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum, coloca em causa o lugar do ser humano na contemporaneidade. Essa edição da revista IHU On-Line debate o documento pontifício no contexto das mudanças climáticas que desafiam o cuidado da casa comum.*



4º Ciclo de Estudos

# REVOLUÇÃO 4.0

## IMPACTOS NOS MODOS DE PRODUZIR E VIVER

25 de março de 2019

### O contexto mundial da Revolução 4.0 e as (não) escolhas do Brasil

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Dra. Maria Lídia  
Rebello Pinho  
Dias Scoton –  
USP



ihu.unisinos.br/evento/4-ciclo-revolucao-4-0

Ciclo de Estudos

## AS JUVENTUDES DO BRASIL

Mutações e (im)possibilidades

A formação e os saberes das juventudes. Gerações,  
tecnologias, youtubers e subjetividades

Profa. Dra. Renata Cristina de Oliveira Tomaz – UFF

28/03

(quinta-feira)

19h30min  
às 22h

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU  
Unisinos Campus São Leopoldo



ihu.unisinos.br/evento/juventudes-do-brasil

## ONTOLOGIAS ANARQUISTAS

### AS FALAS POPULARES NUMA NOVA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Prof. Dr. Luís Augusto Fischer – UFRGS

03/04/19 (quarta-feira)

19h30min às 22h

Unisinos campus Porto Alegre

ihu.unisinos.br/evento/ontologias-anarquistas



ihu.unisinos.br | ihuonline.unisinos.br



twitter.com/\_ihu



bit.ly/faceihu



bit.ly/instaihu



bit.ly/youtubehiu



medium.com/@\_ihu